Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Quinta-feira, 22 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.530 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**



Ciência

A história da palanca-negra entre a conservação e o lucro

P2 Verão, 30/31



Madeira

Incêndio activo há oito dias espera hoje ajuda de meios aéreos europeus

Sociedade, 12

Entrevista a Lesia Ogryzko

"A Ucrânia conseguiu reverter a narrativa de que estava lentamente a perder a guerra"

Mundo, 18/19

Há 74 mil doentes à espera de cirurgia acima do tempo previsto na lei

Apesar do aumento do número de cirurgias, a subida da procura elevou a lista de espera aos 270 mil

Nos primeiros sete meses deste ano, os hospitais do SNS bateram um recorde, com mais cerca de 37 mil cirurgias do que no mesmo período do ano passado. Foram operados 466.668 doentes, mas, mesmo assim, a lista de espera cirúrgica cresceu porque a procura voltou a subir. Em Julho passado, havia quase 270 mil doentes a aguardar por uma cirurgia – e mais de um quarto (27,5%) destes ultrapassaram o tempo máximo de resposta previsto na lei, um agravamento marginal (0,3%) em comparação com 2023 Sociedade, 10/11

EUA Kamala Harris recebe apoio entusiástico dos notáveis democratas



JUSTIN LANE/EPA

O ex-Presidente norte-americano Barack Obama e a antiga primeira-dama Michelle Obama exortaram os democratas, na noite de terça-feira, a mobilizar-se em torno de Kamala Harris, a agir e a não dar por ganha uma "eleição renhida num país dividido", com dois dos discursos mais arrebatadores proferidos na convenção de Chicago. Vários notáveis têm exortado os democratas a esquecer as suas divisões e a cerrar fileiras em torno de Harris e de Walz Mundo, 16

Alojamento

Sem recibo, maioria dos universitários não pede apoio

Destaque, 2/3

Opinião

"Um Governo viciado em passar cheques"

Manuel Carvalho sobre o executivo de Montenegro

Espaço Público, 7

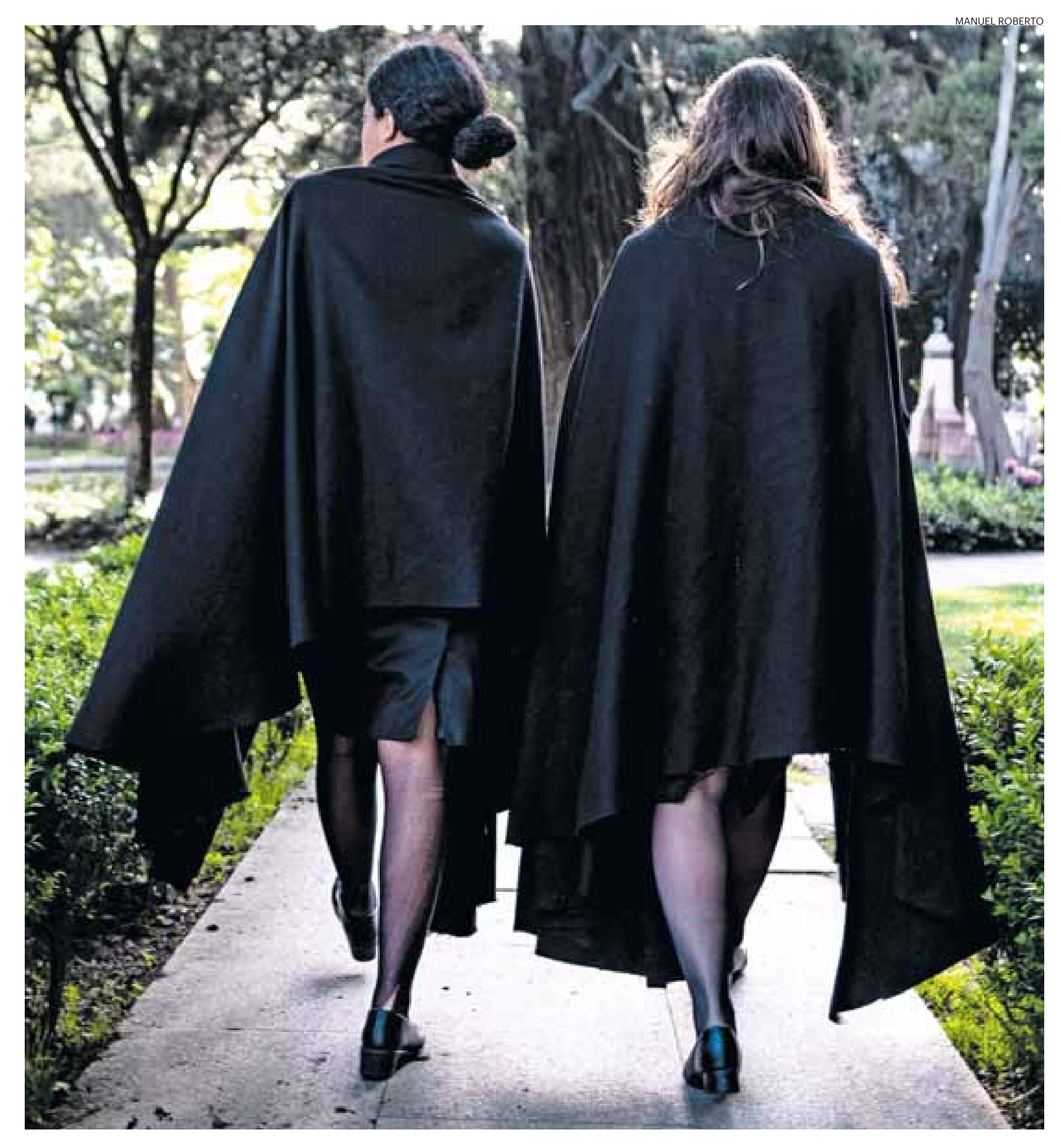
Habitação

Maior parte dos bancos já oferece *spread* abaixo de 0,8%

Economia, 20

ISSN-0872-1556

MANUEL ROBERTO



Maioria desiste de apoio porque senhorios não passam recibo

Estudantes do superior carenciados têm direito a apoio para alojamento se estiverem deslocados. A maioria nem se candidata devido ao mercado paralelo no arrendamento de quartos

Clara Viana

Mais de metade dos estudantes do ensino superior com direito a receber apoios do Estado para alojamento acabaram por não os requerer. Em respostas ao PÚBLICO, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) informou que, em 2023/2024, "havia 25.739 bolseiros identificados como deslocados", mas, destes, "15.008 não solicitaram os apoios" previstos para minorar as despesas com o alojamento.

Só em Lisboa este complemento aumentou de 264 euros em 2020 para perto dos 484 euros fixados para o próximo ano lectivo.

Apesar de o custo do alojamento ser o encargo com maior peso entre os estudantes deslocados, e de estar identificado como um dos principais factores na base do abandono escolar no ensino superior, a situação do mercado da habitação impede muitos estudantes de recorrerem ao complemento de alojamento, embora sejam beneficiários das bolsas de estudo da acção social por serem oriundos de famílias carenciadas.

Surpresa? Não para quem está no terreno. "Mercado paralelo", aponta o presidente da Federação Académica do Porto (FAP), Francisco Fernandes, quando questionado pelo PÚBLICO sobre as razões que levam tantos estudantes a não recorrerem aos apoios existentes. "Mercado paralelo", corrobora o presidente da Associação Académica da Universidade de Lisboa (AAUL), Diogo Leite.

O mercado paralelo de quartos é aquele em que os senhorios se recusam a celebrar contratos e a passar recibos. Nesta situação, os estudantes nem tentam candidatar-se ao complemento de alojamento, por saberem que, sem aqueles comprovativos, não têm acesso a este apoio, confirmam os dois dirigentes académicos.

É uma das obrigações descritas no regulamento que determina as condições para a atribuição de bolsas de estudo e outros apoios sociais destinados a estudantes do ensino superior: complemento de alojamento só mediante a apresentação de recibo que comprove o "valor do encargo efectivamente pago".

Acontece que muitos dos quartos disponíveis são arrendados no mercado paralelo, onde estes comprovativos não existem. E que, também por isso, são arrendados a "preços mais acessíveis".

Diogo Leite fala de um "efeito perverso": por não suportarem os preços pedidos na oferta legal (ou mercado oficial), os estudantes procuram quartos mais baratos no mercado paralelo, mas dessa "poupança" resulta a exclusão dos apoios existentes.

"O Ministério das Finanças sabe que a dotação [para estes apoios] é muito superior ao valor executado. Isso acontece porque não existem quartos no mercado oficial", aponta Francisco Fernandes, que exemplifica com a situação no Porto: "Há 24 mil estudantes deslocados e apenas 750 camas" no mercado que passa recibos.

Os últimos dados do Observatório do Alojamento Estudantil, datados do início de Julho, dão conta de que, a nível nacional, existiriam então 5666 quartos disponíveis neste mercado oficial, com um preço médio no país de 397 euros. Em Lisboa ronda os 480 euros e no Porto anda pelos 387.

Há outro efeito perverso que sobressai dos dados enviados pelo MECI e que até seria paradoxal não fosse o que já se expôs. Dos 10.731 bolseiros que requereram e receberam o complemento de alojamento em 2023/2024, a grande maioria (7228) estava alojada em residências estudantis dos serviços de acção social, que são a opção mais acessível. Como eram bolseiros, pagavam cerca de 84 euros por mês, um montante que o complemento de alojamento cobre por inteiro.

Outro grande problema. Apesar das promessas de construção de mais residências estudantis no âmbito do Plano Nacional de Alojamento para o Ensino Superior (PNAES) lançado em 2018, esta opção continua a ser apenas uma gota neste oceano conturbado, como é apresentado no próprio *site* do PNAES: 15.960 camas em residências públicas para cerca de 120 mil estudantes deslocados.

Por lei, no que respeita ao alojamento nas residências dos serviços de acção social, "é dada prioridade absoluta aos estudantes bolseiros deslocados do ensino superior público". O rendimento *per capita* do agregado familiar continua a ser uma das condições de base para a concessão destas bolsas. Para 2024/2025, foi fixado o limiar de 11.707 euros anuais.

No regulamento da atribuição de bolsas e outros apoios sociais define-se ainda que um estudante deslocado "é aquele que, em consequência da distância entre a localidade da sua residência e a localidade onde frequenta o curso em que está inscrito, necessita de residir nesta localidade, ou nas suas localidades limítrofes, para poder frequentar as actividades curriculares do curso em que se encontra inscrito".

A este requisito acresce outro: "Considera-se que a condição de estudante deslocado depende sempre da inexistência, permanente ou sazonal, de transportes públicos entre as duas localidades referidas no número anterior ou da absoluta incompatibilidade de horários."

Os dados apresentados no *site* do PNAES dão conta da existência de 44.752 "alunos carenciados deslocados no ensino superior". No conjunto, no ano lectivo passado, 80.058 tiveram bolsa de estudo atribuída por motivo de carência económica.

Preços médios dos quartos no mercado legal de arrendamento

Cidade
Preço médio
Variação anual

Subiu
Igual
Desceu

Cidade	Preço médio	Variação anual
V. Castelo	298€	0%
Braga	320€	10,1%
V. Real	224€	14%
Bragança	180€	32,5%
Porto	387€	-14,2%
Viseu	220€	8%
Guarda	160€	0%
Aveiro	330€	12,2%
Coimbra	270€	12,1%
Leiria	250€	14,7%
C. Branco	200€	13%
Santarém	280€	8,3%
Portalegre	220€	10,3%
Lisboa	480€	6,8%
Évora	300€	10,7%
Setúbal	350€	5,9%
Beja	215€	4,5%
Faro	350€	19,6%

Valor médio nacional
397€
4,2%

MADEIRA

Cidade	Preço médio	Variação anual
Funchal	400€	48,3%

AÇORES

Cidade	Preço médio	Variação anual
Ponta Delgada	350€	-0,6%

Fonte: Observatório do Alojamento Estudantil - Julho 2024

PÚBLICO

Quais são os apoios a que os estudantes podem recorrer?

Nos últimos anos têm sido reforçados os apoios aos estudantes do ensino superior e alargado o universo de beneficiários. É uma das formas de combater o abandono escolar neste nível de ensino, que continua em níveis elevados (11,7%). Mas a existência de apoios não significa que estes cheguem a quem precisa. É o que acontece, por exemplo, com o chamado complemento de alojamento: mais de metade dos bolseiros nem chega a pedi-lo porque os senhorios dos quartos que arrendam não passam recibos.

Quem tem direito a bolsas de estudo da Direcção Geral do Ensino Superior (DGES)?
A carência económica continua a ser o critério fundamental para a atribuição destas bolsas de estudo. O limiar para a elegibilidade é fixado com base no indexante dos apoios sociais (IAS), que, em 2024, tem um valor de 509,26 euros. Para ter direito à bolsa, o rendimento *per capita* do agregado em que o estudante está integrado não pode ser superior a 23 vezes o indexante dos apoios sociais em vigor no início do ano lectivo. Ou seja, em 2024/2025 terá de ser igual ou inferior a 11.712,98 euros/ano.

Para os que já frequentam o ensino superior, o aproveitamento registado no ano lectivo anterior também conta para a atribuição da bolsa. Mais concretamente, se tiver estado inscrito a 36 ECTS ou mais, para obter aproveitamento escolar tem de ter aproveitamento a pelo menos 36 ECTS; se esteve inscrito em menos a 36 ECTS, tem de ter aproveitamento em todas as que frequentou.

Qual é o valor da bolsa de estudo?
O valor da bolsa mínima corresponde a 125% do valor da propina máxima paga pelo estudante de licenciatura. Como esta se encontra fixada nos 687 euros, o valor mínimo da bolsa corresponde a 871 euros. Este montante vai aumentando em função do rendimento *per capita* do agregado familiar.

Mais exactamente, o montante atribuído corresponde à diferença entre a bolsa de referência (11 vezes o valor do IAS) e o rendimento por pessoa do agregado familiar. O valor total deste apoio é dividido em dez prestações mensais, correspondentes aos meses incluídos no ano lectivo.

Quando é atribuída a bolsa de estudo?
Em caso de atribuição automática, a decisão será conhecida no prazo máximo de três dias após a divulgação de cada uma das três fases do Concurso Nacional de Acesso (CNA), caso o estudante já tenha, à data, requerido a atribuição deste apoio.

Os resultados da 1.ª fase são conhecidos no domingo, 25 de Agosto. Até ao início desta semana, tinham sido recebidos 31.750 requerimentos. São abrangidos pela bolsa automática os estudantes que ingressem no superior pelo Concurso Nacional de Acesso, tenham sido beneficiários no ano lectivo anterior dos escalões 1, 2 ou 3 do abono de família e apresentado o requerimento para a atribuição da bolsa.

Nos restantes casos, a decisão é conhecida no prazo máximo de 30 dias úteis a partir da data de submissão do requerimento ou da inscrição num estabelecimento do ensino superior, ou ainda da divulgação dos resultados de cada fase do CNA. É seleccionada a que for mais recente.

Há outros apoios para além da bolsa?
Sim, existem apoios complementares "destinados a suportar custos acrescidos para estudantes com necessidades educativas especiais e estudantes deslocados". No primeiro caso, para além de uma majoração de 60% da bolsa, têm direito por lei a um complemento que visa "contribuir para a aquisição de produtos e serviços de apoio indispensáveis ao desenvolvimento da actividade escolar", entre outros apoios destinados a bolseiros.

O outro apoio é o chamado complemento de alojamento, que se destina aos estudantes que frequentam o ensino superior longe da sua área de residência e sejam, por isso, obrigados a encontrar alternativas de habitação. O valor deste complemento varia em função do preço médio de arrendamento apurado em cada concelho. Em 2024/2025 oscilará entre 280 e 483 euros. Também têm direito a um complemento de deslocação, que foi agora aumentado de 25 para 40 euros mensais, num máximo anual de 400 euros.
O apoio à habitação pode ainda ser requerido por estudantes do ensino superior privado e por não-bolseiros, mas neste último caso o valor atribuído é metade dos restantes.

O que é preciso fazer para requerer os apoios complementares?
Para garantir o complemento de alojamento, os estudantes bolseiros têm de comprovar que se candidataram a um lugar nas residências dos serviços de acção social e não o obtiveram. Mais difícil é a prova dos encargos com a renda de quartos particulares, já que é obrigatória a apresentação de recibos e muitos senhorios não os passam, o que tem privado muitos estudantes deste apoio (ver texto nestas páginas). O complemento de deslocação é atribuído aos estudantes que tenham garantido o apoio ao alojamento. **C.V.**

SARA JESUS PALMA



Espaço público

Um referendo perigoso e desajustado

Editorial



Helena Pereira



Brandir chavões perniciosos sobre a imigração, acenando com a possibilidade de um referendo, é motivo de arrepios. Fazer disso moeda de troca para a aprovação do OE2025, um insulto

A ideia de um referendo sobre imigração, lançada pelo partido Chega a meio de Agosto, é perigosa e desajustada.

Perigosa porque vem alimentar a narrativa de um partido populista que considera que a própria imigração por si só é um perigo e um dos problemas centrais da sociedade portuguesa, o que é um delírio.

Desajustada porque assenta numa falsa ideia, alimentada todos os dias pelo Chega, de que há uma relação directa entre imigração e criminalidade, algo que os próprios factos facilmente desmentem. O número de imigrantes quase duplicou em Portugal desde 2014 e esse crescimento não foi, nem de perto nem de longe, acompanhado por um aumento da criminalidade ou por um qualquer aumento da população de reclusos estrangeiros, tal como o PÚBLICO aqui explicou com detalhe.

Perigosa porque a figura do referendo, inscrita na Constituição com a revisão de 1997, não foi feita para ser utilizada em matérias deste tipo. Vários acórdãos do Tribunal Constitucional alertam, aliás, para a delicadeza do que está em causa. As questões a referendar devem ter sempre “objectividade e precisão”, para se evitar posteriormente “a existência de equívocos” ou “consentir leituras ambíguas”. Uma pergunta à população sobre se a imigração deveria ser controlada seria, por isso, uma aberração.

Desajustada porque a própria figura de referendo tem vindo a perder qualquer utilidade. Segundo a actual lei, um referendo só tem validade se nele participarem mais de 50% dos eleitores recenseados. É o que está expresso no artigo 240 da lei dos referendos: “Só tem efeito vinculativo quando o número de votantes for superior a metade dos eleitores inscritos no recenseamento.” Em nenhum dos três referendos (houve um sobre a regionalização, em 1998, e dois sobre a despenalização do aborto, em 1998 e 2007), mais de metade dos portugueses achou que a questão em causa era suficientemente importante para sair de casa, ou seja, mais de metade dos votantes não quis saber da pergunta que era feita. A participação máxima foi de 49% na consulta sobre a regionalização e a menor de 31%, sobre o aborto.

As pessoas votam nos seus representantes com base em programa eleitorais e com base em concepções da sociedade. A democracia representativa é isso mesmo.

Brandir chavões perniciosos e irresponsáveis sobre a imigração, acenando ao mesmo tempo com a possibilidade de uma consulta directa à população, é motivo de arrepios. Fazer disso moeda de troca para a aprovação do Orçamento do Estado para 2025, um insulto. À atenção de Luís Montenegro.

CARTAS AO DIRECTOR


QUEBRAMAR

Em seis dias, um só fogo já destruiu 14% da área florestal da Madeira

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Acerca da medicina privada

As duas cartas escritas por cidadãos que vivem no Canadá, dadas à estampa pelo PÚBLICO nos pretéritos dias 18 e 21, evidenciaram-me a diferença que existe entre os cuidados médicos naquele país e os cuidados médicos em Portugal na área da medicina privada. O que me deixou verdadeiramente surpreendido foi o facto de Ronald Silley – autor da primeira carta – ter escrito o seguinte: “No Canadá, a medicina privada está proibida por lei. Os médicos têm os seus consultórios, onde exercem a profissão, sendo o Estado a pagar-lhes os serviços que prestam. Seguros de saúde não existem por serem desnecessários. O Estado é o segurador de saúde de todos os canadianos.” Já na segunda carta, escrita por Carlos Coimbra, de Toronto, este, corroborando o que escreveu Silley, foi mais longe e esclareceu que “a partir dos 65 anos o governo paga 100% de uma vasta gama de remédios (...), não existindo o conceito de comparticipações”. Para não me alongar, direi que o que detalharam os dois cidadãos é mais ou menos o que se passa no nosso país...

Um dia necessitei de ir consultar um médico dermatologista que exerce medicina privada em Vila Real. Na pele, acima da unha do meu polegar, surgiu uma pequeníníssima bolha sem importância de maior. Estive cerca de cinco minutos no seu consultório. O médico pressionou a pequena bolha e soltou duas ou três palavras relativas ao que observara. Não me prescreveu nenhum medicamento. No fim cobrou-me uns generosos 70 euros e foi à sua vida. Como eu gostaria de ser consultado por um médico no Canadá! E é um país liberal e capitalista.

António Cândido Miguéis, Vila Real

Tributo aos enfermeiros portugueses

Em 2009 fui sujeito a duas grandes intervenções cirúrgicas “clássicas”, na Primavera e no Verão. Pude então experimentar a excelência dos enfermeiros e da enfermagem em Portugal. Na realidade, comprovei o que já sabia. A formação de qualidade superior e a boa aceitação de enfermeiros portugueses em países como a Inglaterra, e os “feitos” que ali conseguiram posteriormente, não foram surpresa para mim.

Vem isto a propósito do estado de caos e incompetência política a que o país chegou no campo da obstetrícia. Sugiro que se proceda às alterações estatutárias da classe e à legislação correlativa para que os enfermeiros possam realizar partos comuns. Não era nenhum retrocesso médico e todos ganharíamos. E também não era nenhum desprestígio para os médicos obstetras.

José Batista d’Ascenção, Braga



Sugiro que se proceda às alterações estatutárias da classe e à legislação correlativa para que os enfermeiros possam realizar partos comuns. Não era nenhum retrocesso médico e todos ganharíamos

José Batista d’Ascenção
Braga

Ana Faria

Foi em 1989 que Ana Faria incluiu no LP *Brisa do Sul* a canção *Mãe Preta*, que em 1953 (vinha eu de completar sete anos) ouvira na voz de Maria da Conceição. Nós não tínhamos telefonia (como então se dizia), mas ouvi-a por diversas vezes na da nossa senhoria. Não sei o que teria ouvido os meus pais conversarem a propósito dessa

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM SUÍÇA

MICHAEL BUHOLZER/EPA



Na travessia anual do lago de Zurique, os participantes nadam num percurso de 1500 metros entre Mythenquai e Tiefenbrunnen

canção (o meu pai fizera dois anos de serviço militar em Cabo Verde nos anos 40) que não mais a esqueci. Música e letra ficaram-me no ouvido. Pouco tempo se ouviu por ter sido proibida pela censura. Mas ao longo dos anos volta e meia eu trauteava-a (ainda o faço de tempos a tempos) e fiquei desagradavelmente surpreendida quando ouvi a mesma música a acompanhar o *Barco Negro* cantado pela Amália.
Tudo isto para dizer que logo que em 1989 ouvi *Mãe Preta* pela voz de Ana Faria corri a comprar o LP que inclui nove letras da autoria da própria alusivas ao dia-a-dia esperançoso angolano da época. Termino dizendo que me parece injusto lembrá-la só por *Brincando aos Clássicos* e Queijinhos Frescos, sem referir *Brisa do Sul*.
Domicília Costa,
Vila Nova de Gaia

Em defesa da língua portuguesa

O jornalista Nuno Pacheco tem levado a cabo, nas páginas do PÚBLICO e não só, um trabalho fantástico na defesa da língua portuguesa, nomeadamente contra o novo acordo ortográfico. Infelizmente, parece não ter muito sucesso, porquanto a maioria dos portugueses parece olhar indiferente para os constantes ataques diários que a língua de Camões sofre. Dando razão ao ditado "em casa de ferreiro, espeto de pau", também no PÚBLICO são constantes e diários os atropelos e a maneira descuidada como são usadas frases e palavras em língua estrangeira, nomeadamente o inglês. Não tenho dúvidas de que a maioria dos leitores sabe inglês e não tem problema na tradução. Mas, por respeito àqueles que não dominam a língua, todas as frases ou expressões em inglês deviam ser obrigatoriamente seguidas, entre parênteses, da respectiva tradução em língua portuguesa. Não me parece ser aceitável que o PÚBLICO possa publicar, seja qual for o contexto, a seguinte frase: "O Público e a Ren iniciaram um ciclo de três *talks* em torno dos pilares do ECG."
J. Sequeira, Lisboa

ESCRITO NA PEDRA

A esperança é uma boa invenção para nos interessar no futuro como no presente Charles Saint-Beuve (1804-1869), crítico literário

O NÚMERO

33%

Brasil perdeu 33% das florestas naturais desde 1500. Levantamento aponta que seres humanos acabaram com 281 milhões de hectares de florestas, um terço do território brasileiro

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt




Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Músicos-escritores, a tentação literária de quem canta

Em Público



Nuno Pacheco

O anúncio foi feito no dia 19 de Junho: há um novo romance de Chico Buarque e será publicado em Portugal no dia 23 de Setembro, pela Companhia das Letras. Chama-se *Bambino a Roma* e a data escolhida para o anúncio não foi ocasional. Nesse dia, Chico Buarque completou 80 anos. É, dizem os editores, um "retrato efabulado do fim da infância e começo da adolescência" do autor, nos anos em que esteve emigrado na Europa. Livro de memórias? Sim e não; pelo que se anuncia, é escrito "num registo de autoficção", usando livremente a realidade como matéria-prima. Coisa que ele já fez noutros romances ou contos, de *Estorvo* (1991) a *Anos de Chumbo* (2021), passando por *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado* (2009) e *O Irmão Alemão* (2014).

Não é caso único, o de Chico Buarque, como cantor que há muito concilia a criação de canções e os concertos com a escrita de livros. Têm-no feito outros músicos no activo e, em Portugal, o exemplo que mais se assemelha ao de Chico é o de Sérgio Godinho. Falando apenas em escrita ficcional, ele já editou até à data quatro títulos: *Vidadupla* (contos, 2014) e os romances *Coração mais Que Perfeito* (2017), *Estocolmo* (2019) e *Vida e Morte nas Cidades Geminadas* (2024).

Se deixarmos de lado os livros de letras e de poesia (e há muitos assinados por cantores, Sérgio incluído) ou as biografias redigidas por terceiros, ainda assim a lista de livros de ficção, memórias ou crónicas assinadas por cantores e músicos é considerável. Na música anglo-saxónica, e citando apenas alguns exemplos, há livros autobiográficos assinados por Bob Dylan (*Crónicas*, 2004), Bruce Springsteen (*Born To Run*, 2016), Joan Baez (*Amanhecer*, 1968), Patti Smith (*Apenas Miúdos*, 2010; *M Train*, 2015; *Devoção*, 2017; *O Ano do Macaco*, 2019); Keith Richards (*Life*, 2013), Bono (*Surrender, 40 Canções, Uma História*, 2022), Keith Emerson (*Pictures of an Exhibitionist*, 2004), Greg Lake (*Lucky Man*, 2017) ou a vida dos Doors com Jim Morrison narrada por cada um dos outros três membros do grupo: John Densmore (*Riders On The Storm*, 1991), Ray Manzarek (*Light My Fire*, 1999) e Robby Krieger (*Set The Night On Fire*, 2021).

Do Brasil, temos Caetano Veloso (*Verdade Tropical*, 1997; *O Mundo não É Chato*, 2005), Rita Lee (1947-2023) (*Uma Autobiografia*, 2017; *Outra Autobiografia*, 2023), Adriana Calcanhotto (*Saga Lusa, o relato de uma viagem*, 2008), Martinho da Vila (*Kizombas, Andanças e Festanças*, 1998), Tom Zé (*Tropicália, Lenta Luta*, 2003) ou Gabriel o Pensador (*Diário Noturno*, 2001). E de Portugal, ainda no capítulo das memórias autobiográficas, podemos citar os livros de Manuel Faria (*Trovante por detrás do Palco*, 2003), João Braga (*Coração Independente*, 2006), António Manuel Ribeiro, dos UHF (*Por detrás do Pano*, 2015; *És Meu, Disse Ela*, 2018, relato de um caso de perseguição abusiva) e, mais recentes, os de Márcia (*As Estradas São para Ir*, 2020), Álvaro Cassuto (*Memórias de Um Maestro*, 2021) ou Mísia (1955-2024) (*Animal Sentimental*, 2022).

No campo da ficção, por cá, além do já citado Sérgio Godinho, também se aventuraram Miguel Ângelo, dos Delfins (*A Queda de Um Homem*, 1998; *Calor!*, 1999; *Venha o Diabo e Escolha*, 2002; *A Resistente*, 2002), Fernando Ribeiro, dos Moonspell (*Senhora Vingança*, contos, 2011; *Bairro sem Saída*, 2021; *Café Kanimambo*, 2023), Adolfo Luxúria Canibal, dos Mão Morta (*O Crespos*, 2022) e, bem mais recentemente, a cantora de jazz Marta Hugon (*Souvenir*, 2024). Os brasileiros Martinho da Vila, Elomar ou Mylene Pires também têm romances, respectivamente *Joana e Joanes, um Romance Fluminense*, 1999; *Sertanílias (Romance de Cavalaria)*, 2008; e *O Amor Que Tu me Tinhas*, 2007. Um campo já antes experimentado por Bob Dylan (*Tarântula*, 1971) ou Leonard Cohen (que antes de ser cantor já publicava poesia): *O Jogo Favorito*, 1963; *Belos Vencidos*, 1966; e *Um Balé de Leprosos (1956-1961)*, com edição póstuma em 2022.



Mesmo sem os livros de letras e de poesia, a lista de livros de ficção, memórias ou crónicas assinados por músicos é considerável

Livros de crónicas também há: de Sérgio Godinho, com *Caríssimas 40 Canções* (2007); Miguel Araújo, com *Penas de Pato* (2018) e *Seja o Que For* (2020); António Manuel Ribeiro, com *De Almada Para o Mundo* (2020); e Capicua, com *Aquário* (2022). Ensaios, também os houve. José Jorge Letria e José Barata Moura, quando eram cantores no activo, publicaram *A Canção Política em Portugal*, 1978; e *A Canção como Prática Social*, 1981 (do primeiro, que depois de deixar de cantar se tornou num autor torrencial, de todos os géneros: memórias, romance, poesia, etc.); e *Estética da Canção Política (alguns problemas)*, 1977, do segundo. Pedro Barroso (1950-2020), por seu turno, publicaria em 2005 *A História Maravilhosa do País Bimbo*. Muitos mais haverá, neste "casamento" entre música e escrita. Leituras à escolha, que o Verão a isso convida.

Jornalista. Escreve à quinta-feira

AfroQueer: Brenda Biya, a filha bissexual do Presidente



Luísa Semedo

Brenda Biya, a filha do Presidente dos Camarões, declarou publicamente ser bissexual, ou seja, uma pessoa que sente atração sexual e/ou romântica por mais do que um género. A notícia foi amplamente partilhada, não somente porque o *coming out* de pessoas LGBTQIA+, com notoriedade pública, ainda é visto como um acontecimento, mas, no caso em questão, igualmente por ter repercussões políticas. Ser LGBT+ nos Camarões pode dar multas de 305 mil euros e seis meses a cinco anos de pena de prisão.

Brenda Biya está por enquanto protegida por viver na Suíça, mas uma queixa já foi feita contra si junto do procurador de Iaundé por "incitação à prática da homossexualidade". Apesar de o perigo de uma condenação ser real, Brenda Biya beneficia de um estatuto social privilegiado que lhe confere um certo nível de proteção. A militante pelos direitos LGBT+ nos Camarões Bandy Kiki sublinhou, aliás, esse facto numa publicação de uma rede social em que se mostrava satisfeita pela filha do Presidente, mas com esta nota: "No entanto, isto revela uma dura realidade: as leis anti-LGBT nos Camarões afetam desproporcionalmente os mais pobres. A riqueza e as conexões constituem um escudo para alguns, enquanto outros enfrentam consequências severas.

Brenda Biya recebeu aplausos, mas também as usuais torrentes de ódio. Um dos argumentos de ataque, que serve, aliás, para reforçar as legislações antipessoas LGBT+ em países africanos e não só, é a ideia de que ser LGBT+ é uma coisa de brancos ocidentais, uma importação colonialista de uma ideologia nefasta e contrária à cultura e costumes dos países, e que existe, portanto, um direito à LGBTfobia cultural. Este argumento cai em pelo menos duas falácias: uma é a do relativismo moral, como se os direitos humanos fossem uma questão puramente cultural e que respeitar a liberdade, a igualdade e a dignidade de cada pessoa fosse matéria de opinião; a outra é a do desconhecimento do que é ser uma pessoa LGBT+ como se fosse um caso de simples escolha ou de influências exteriores. As pessoas LGBT+ sempre existiram e existem em todo o lado. Não ver ou não conhecer pessoas LGBT+ não significa que elas não existam, mas que as condições, no espaço e no tempo, não estão reunidas para que as pessoas se sintam seguras para viver as suas sexualidades e identidades de forma visível.

As pessoas *AfroQueer* existem! Nós existimos! Fabrice Nguena no seu livro intitulado justamente *AfroQueer* (Écosociété, 2024) defende que são pessoas que acumulam duas identidades interseccionais. O "*Afro*" serve para designar as "pessoas africanas negras ou afrodescendentes" e o "*Queer*" é um termo único para "designar as pessoas LGBTQI+ (...) que se identificam com uma identidade de género, uma expressão de género ou uma orientação sexual fora da norma social e que não aderem ao binarismo". Alguns anos antes, o escritor brasileiro Pedro Ivo, no seu livro *AfroQueer - Existência: dor, luta, amor* (Pâde Editorial, 2018), propunha a seguinte definição: "Uma autoidentificação híbrida de dor, luta e amor, que perpassa pela crítica aos padrões normativos impostos pela branquitude e pela cis-heterossexualidade compulsória na sociedade; padrões estes existentes inclusive dentro da(s) comunidade(s) lgbt+, tal qual nós negrxs de sexualidades e/ou identidades de gênero dissidentes e periféricas temos percebido, estudado e cotidianamente vivenciado (...)."

Estes autores *AfroQueer* rejeitam a ideia de uma qualquer influência "branca colonial", e, pelo contrário, denunciam a propagação da LGBTfobia através da colonização, através de, entre outros instrumentos, da imposição da religião católica e da proibição de práticas culturais ancestrais que proporcionavam um terreno seguro para as pessoas LGBT+. Nesse sentido, a escritora franco-camaronesa Léonora Miano, citada por Fabrice Nguena, defende que "a homofobia em África vem do facto que os africanos não conhecem a sua história, não sabem que existiram relações entre homens e entre mulheres, em várias sociedades, bem antes da colonização". As pessoas *AfroQueer* existem e sempre existiram!

Professora de Filosofia do ensino secundário

Um Governo viciado em passar cheques

Memória futura



Manuel Carvalho

"Quando a esmola é grande, o pobre desconfia", diz a sabedoria popular. Será demagógico, deselegante até, considerar a enxurrada de dinheiro com que o Governo tem irrigado os problemas, ou as reivindicações, como esmolas. Mas o princípio mantém-se: será que Luís Montenegro e os seus pares acreditam que a estratégia de anunciar um aumento, um complemento ou uma isenção fiscal a cada semana que passa basta para que os portugueses os passem a adorar? Não lhes passa pela cabeça que é legítimo desconfiar de um Governo que, de um mês para o outro, sem que nada de extraordinário tenha acontecido, abandone a prudência do anterior e descubra uma mina de ouro que parece inesgotável?

Está bem, até aqui o que estava em causa com as concessões aos professores, aos idosos com direito ao complemento solidário, aos polícias ou aos militares fazia parte de um compromisso eleitoral. E se os portugueses votaram nos partidos do Governo é porque acreditavam no seu cumprimento e porque consideravam essas medidas boas para eles ou para o país. Mas, o que dizer do recentemente anunciado suplemento extraordinário para idosos? O primeiro-ministro decidiu avançar com 400 milhões de euros para os pensionistas de mais baixos rendimentos porque a inflação derreteu os aumentos que, entretanto, tiveram? Houve alguma mudança significativa, uma queda abrupta, por exemplo, nos rendimentos dos idosos, para justificar esta dádiva?

Não está em causa o mérito da medida *per se*, ou o merecimento dos seus destinatários. O que está em causa é o modo de ser de um governo que parece estar vez mais viciado em distribuir os saldos ainda positivos das contas públicas. O PS diz que o que está em causa é puro eleitoralismo, e no caso do suplemento aos idosos não é difícil acreditar que tenha razão. Está ainda vívida a memória do desejo do PSD de recuperar para o partido os votos perdidos nesta classe de eleitores durante a penúria da *troika*. O esforço feito até aqui parece ser insuficiente, por isso toca a abrir os cordões aos cofres do Estado. O que impõe a pergunta: para quê?

O PSD e o primeiro-ministro estão a levar a sério a probabilidade de o Orçamento para 2025 ser chumbado, o que abriria espaço para eleições antecipadas no início do próximo ano. Pelo sim, pelo não, fazem o que vem nos livros: transformam o Governo numa máquina de atracção eleitoral. Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos podem sentar-se, como prometeram, à mesa para negociar, mas ambos sabem que os espera um diálogo de surdos. Se até Outubro a torrente de promessas, propostas e de dinheiro produzir resultados nas sondagens, o Governo estará numa posição de força para impor as suas teses. Mas, mesmo que o consiga, sabe que a sua fragilidade no Parlamento o torna dependente das "coligações negativas". Por isso, bem lá no fundo, o PSD gostava de poder ir às urnas e reforçar o seu poder.

O seu problema é que, até agora, o empate técnico persiste. O que devia levar os estrategas do Governo a reflectir sobre o velho aforismo da esmola e da desconfiança em vez de manter o vício da distribuição. A sociedade portuguesa já não é tão dependente do Estado como outrora. Se havia coisa de que gostava no Governo de António Costa era a sua austeridade - palavra que o ex-primeiro-ministro sempre execrou, mas que sempre lhe serviu de esteio à gestão das contas públicas. Muitos ainda não esqueceram a miséria e a vergonha da *troika*. Acreditar que se conquista o coração dos eleitores anunciando bodos aos pobres pode ser fé, nunca razão. Basta ver a resposta dos idosos ao suplemento: se há dinheiro para um pagamento, então tratem de aumentar as pensões em vez de o gerirem por impulsos.

Juntando os cheques, pagos ou projectados, o Governo começa a descredibilizar-se. Há muitas medidas sem dinheiro, e muitas das quais boas medidas, que podiam servir para justificar a mudança no poder. Mudanças em leis importantes como a dos estrangeiros, acertos na educação, uma política de juventude e o reforço da importância do sector privado foram capazes de dar ao país uma sensação de energia e determinação que os governos enfadonhos e sonolentos de António Costa há muito não davam. Não é essa a percepção geral que, no entanto, se vai instalando, apesar do momento de lucidez e coragem do "nem mais um cêntimo para os polícias". Se há uma marca deste Governo para memória futura, é exactamente esse seu vício de dar dinheiro. Nunca na História um bom governo se fez à luz dessa inspiração.

Até porque é cada vez mais duvidoso que a política de mãos-largas seja sustentável por muito mais tempo. Se o Governo promete para ganhar capital eleitoral, a oposição tenderá a seguir-lhe os passos. E, neste leilão a ver quem dá mais, a sustentabilidade das contas públicas vai-se degradando. A folga orçamental deste ano ainda dá para veleidades. Nada parece obstar a que o exercício de 2024 gere um excedente, embora já muito longe do de 2023. O problema desta política é que se inspira, deslumbra e esgota no curto prazo.

No próximo ano, e de acordo com as contas reveladas pelo jornalista Sérgio Aníbal, o aumento da despesa pública aponta para os 7,5 mil milhões de euros, isto se todos os anúncios e desejos do Governo forem aprovados. Perante tanto gasto, basta uma ligeira oscilação da conjuntura para que a estabilidade financeira desabe. Se Costa chegou a falar na criação de um fundo de reserva nos anos bons, Montenegro dá ares de rico a acender charutos com notas de cem. O mundo da direita e da esquerda "de pernas para o ar". Nada aponta para rupturas, é certo, e é por isso que os juros da dívida estão a cair e a credibilidade externa permanece em alta. Mas o problema não é esse.



No regresso de férias, o Governo tem de decidir se quer deixar no país uma marca de mudança e progresso ou se vai continuar limitado a passar cheques a tudo o que protesta ou mexe

O problema está no regresso ao poder de um modo de governar que se preocupa essencialmente em regar os problemas com dinheiro. Há propostas na Saúde, certo. Há energia na pasta da Economia, sem dúvida. Há mais juízo na Educação e em grande parte dos ministérios, parece evidente. Mas, a partir do momento em que o primeiro-ministro se envaidece com mais um envelope financeiro, tudo isso se secundariza. Todo o foco e energia se dispersam. E é legítimo supor que uma franja importante dos cidadãos assista ao festim com a sensação de já ter visto este filme. E de recear que o fim seja o mesmo.

Não é ainda caso para dramas, repete-se, mas um país entregue a um governo que paga hoje, amanhã e depois para ver destrói a noção das prioridades e estimula a horrível herança da tese segundo a qual tudo se resolve com um cheque emanado no Terreiro do Paço - ou, agora, na sede da Caixa. É esse o dilema que Luís Montenegro e os seus pares terão de resolver no regresso de férias. Querem governar para deixar uma marca de mudança e progresso para o país, ou continuarão limitados a passar cheques a tudo o que protesta ou mexe?

Jornalista

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA



Autarcas unem-se contra eventual concentração de urgências obstétricas

Presidentes de câmara de regiões que poderiam ser afectadas por eventual concentração querem reforço de meios e pedem "consenso político alargado"

Fernando Costa

A hipótese de concentrar serviços de urgências materno-infantis levantada pelo director executivo do Serviço Nacional de Saúde (SNS) está longe de convencer os autarcas das regiões que poderiam ser afectadas e que querem concertar posições antes de se reunirem com o Governo. Os presidentes de câmara ouvidos pelo PÚBLICO consideram que a concentração – que passaria pelo encerramento de urgências de obstetrícia e ginecologia e blocos de partos – pode condicionar a capacidade de resposta às populações que existe actualmente e garantem que não resolve problemas de fundo como a falta de profissionais de saúde no sector.

Na Margem Sul do Tejo, os autarcas dos três concelhos onde há urgências de obstetrícia – Almada, Barreiro e Setúbal – são os primeiros a torcer o nariz à ideia. Para André Martins, presidente da Câmara de Setúbal, eleito pela CDU e militante do PEV, a hipótese "não serve os interesses das populações" da região. Ao PÚBLICO, explica que o Hospital de Setúbal responde a uma comunidade alargada que abrange também Palmela, Sesimbra e o litoral alentejano. Já em Almada, o Garcia de Orta recebe utentes de "todo o Alentejo", detalha a autarca socialista Inês de Medeiros. Com a concentração, estas comunidades poderiam ser todas canalizadas para o mesmo serviço de urgências, o que, teme André Martins, poderia condicionar a resposta.

Já o autarca do Barreiro, Frederico Rosa (PS), só admite a concentração como "medida transitória" para dar "previsibilidade" às grávidas em momento de necessidade, à semelhança do plano de fechos rotativos que garantia, há meses, que pelo menos uma urgência de obstetrícia se mantinha aberta na Margem Sul.

Ainda assim, diz tratar-se de medidas que só funcionam como "pensos rápidos em fracturas expostas". "No ano passado estávamos a falar de rotatividade, este ano de concentração. Para o ano estaremos a falar do quê?", questiona, defendendo um "consenso político alargado" entre os partidos com assento parlamentar para se chegar a uma "grande medida" estrutural.

Para Inês de Medeiros, é preciso reforçar-se a capacidade hospitalar a sul do Tejo, até ao Algarve. A posição da autarca reflecte-se na preocupação de Álvaro Bila (PS), presidente da Câmara de Portimão. A maternidade do concelho – uma das duas do Algarve – encontra-se encerrada desde sábado, de acordo com a SIC Notícias, havendo grávidas a fazer centenas de quilómetros para realizar o parto em Faro. Por isso, sustentou o autarca em declarações ao canal de televisão, "a maternidade de Portimão não pode ser fechada". "Nós, os autarcas, não vamos permitir que uma maternidade seja fechada assim", garantiu.

Inês de Medeiros defende que todos os autarcas do distrito de Setúbal se devem articular para uma reunião conjunta com a ministra da Saúde e o director executivo do SNS. Posição partilhada pelo autarca do Barreiro.

Distribuição mais equitativa

Em Leiria, o encerramento de urgências de obstetrícia durou 17 dias e fez com que várias grávidas tivessem de ser atendidas em Coimbra e no Porto. Mas o presidente da câmara, Gonçalo Lopes, também do PS, descarta que se resolva o problema com concentrações e defende uma "distribuição mais equitativa dos meios de saúde". Usa o exemplo do Hospital de Coimbra, que, argumenta, tem recursos (humanos, inclusive) que excedem a procura na região, enquanto em Leiria há escassez. O independente Aurélio Ferreira, autarca da Marinha Grande, concorda, mas confessa que a hipótese de uma concentração de urgências materno-infantis regional – caso ocorresse em Leiria – "não assusta".



Nos últimos dias têm-se multiplicado as críticas de autarcas ao encerramento de urgências, em especial de obstetrícia e pediatria

> **No ano passado estávamos a falar de rotatividade, este ano de concentração. Para o ano estaremos a falar do quê?**
>
> **Frederico Rosa**
> Presidente da Câmara do Barreiro

Mais crítico é o autarca de Caldas da Rainha, o independente Vítor Marques, que considera "um erro concentrar serviços" onde quer que seja e pede um pacto de regime como solução para a crise na Saúde.

No centro do país, várias comunidades intermunicipais têm-se organizado para comunicar de forma eficaz com o Governo. A CIM da região de Leiria, acompanhada pelos municípios de Alcobaça, Nazaré e Ourém, anunciou a criação de um grupo de trabalho que inclui médicos, políticos e outros especialistas para analisar a situação actual na região e, posteriormente, apresentar ao Governo propostas de solução para a crise nas urgências. A título individual, Gonçalo Lopes disse ao PÚBLICO que o município de Leiria tinha pedido, "há mais de um mês", uma reunião com o Governo para discutir a situação na Saúde de forma alargada, porém tal encontro ainda não aconteceu.

Também a autarquia das Caldas da Rainha e a Comunidade Intermunicipal do Oeste pediram reuniões com a ministra da Saúde, disse Vítor Marques, até agora sem concretização. No entanto, o autarca será ouvido a 27 de Setembro pela Comissão de Saúde da Assembleia da República.

Ideia não é nova

Foi numa entrevista ao *Expresso* que o director executivo do SNS admitiu a possibilidade de, na região de Lisboa e Vale do Tejo, se concentrarem urgências de obstetrícia. "Temos de

DANIEL ROCHA



encontrar uma solução. Se for concentrar essas urgências e fixar um dos pontos da rede com uma urgência mais fortalecida, assim faremos", disse António Gandra d'Almeida.

Mas o redondo "claro" com que respondeu à questão sobre se "admite concentrar urgências na região de Lisboa de forma definitiva" contrasta com a abordagem mais recuada com que a ministra da Saúde abordou depois o tema. Apesar de assumir o compromisso de reorganizar a obstetrícia, Ana Paula Martins fez questão de esclarecer que a solução não passará "exclusivamente" por "encerramentos ou concentrações".

Não é a primeira vez que a concentração de serviços de saúde materno-infantil é apontada como uma solução. Em 2006 e 2007, António Correia de Campos, na época ministro da Saúde do Governo PS, levou a cabo um plano de requalificação de serviços de urgência perinatal, que incluiu a concentração de partos em unidades que realizassem pelo menos 1500 partos por ano. As que não atingissem este número seriam encerradas, como foi o caso das maternidades de Barcelos, Mirandela e Torres Vedras, entre outras, como elencou em 2013 o *Correio da Manhã*. O ministro disse que a medida era uma questão de segurança, mas as populações receberam-na com indignação, o que motivou protestos e travou outros encerramentos então previstos.

Em 2022, a comissão de acompanhamento de resposta em urgência de ginecologia e obstetrícia, liderada por Diogo Ayres de Campos, voltou a propor a concentração de seis urgências de obstetrícia e ginecologia e blocos de parto. A proposta, que gerou novamente controvérsia, acabou por ser retirada.

Um dos casos cujo encerramento de urgências de obstetrícia e ginecologia e bloco de partos se aconselhava era o do Hospital de Vila Franca de Xira. Para o autarca do concelho, Fernando Paulo Ferreira, do PS, a hipótese acabou por ser "posta de lado porque não fazia sentido nenhum", já que o hospital responde à população de cinco concelhos (Vila Franca, Alenquer, Azambuja, Benavente e Arruda dos Vinhos). Agora que a ideia de concentrar ressurgiu – ainda que, para já, só na região de Lisboa e Vale do Tejo –, o autarca mantém a posição: "Nem me passa pela cabeça que o Governo tome [essa] decisão."

Anúncios na *rentrée*. Passos e Costa fizeram o mesmo que Montenegro

Joana Mesquita

António Costa e Passos Coelho também usaram as *rentrées* dos seus partidos para fazerem anúncios de medidas do Governo

Na semana passada, o PSD deu o pontapé de saída da *rentrée* partidária, com o primeiro-ministro, Luís Montenegro, a anunciar três medidas do Governo. Os socialistas não gostaram. Contudo, nos oito anos em que António Costa foi primeiro-ministro, foram vários os anúncios feitos a partir do palco da *rentrée* do PS. Pedro Passos Coelho, líder do executivo PSD/CDS entre 2011 e 2015, também nunca despiu a pele de primeiro-ministro para discursar no lançamento do ano político social-democrata, mas, com uma governação marcada pela *troika*, lançou mais avisos do que medidas e, por duas vezes, o Tribunal Constitucional (TC) foi o alvo principal.

A partir da Festa do Pontal, em Quarteira, onde o PSD faz a sua *rentrée*, Montenegro anunciou um suplemento extraordinário para os pensionistas, a criação de um passe ferroviário verde e o apoio à abertura de mais vagas para Medicina em duas universidades. A oposição não gostou, com Alexandra Leitão, líder parlamentar do PS, a argumentar que o discurso foi "de um Governo que está mais preocupado em fazer campanha eleitoral do que em governar".

Todavia, António Costa, primeiro-ministro entre 2015 e 2024, também fez anúncios de medidas do executivo na *rentrée* partidária. Em Setembro de 2023, António Costa anunciou, na Academia Socialista, que o Orçamento do Estado para 2024 contaria com vários apoios para jovens, nomeadamente a devolução das propinas.

Os primeiros anos da governação não foram muito diferentes: em 2016, anunciou a actualização do indexante dos apoios sociais; em 2017, o aumento dos escalões do IRS; e em 2018 o reforço das verbas para o Ministério da Cultura e para o emprego científico; em 2019, ano marcado por eleições regionais na Madeira e legislativas, Costa foi ao arquipélago garantir que o executivo continuaria a ser "amigo da Madeira".

Seguiram-se os anos da pandemia e os discursos foram dedicados à recuperação do país, mas, no 23.º Congresso do PS, em Agosto de 2021, o primeiro-ministro acabou por antecipar algumas medidas que viriam a integrar a discussão orçamental desse ano, como o reforço da rede de creches. Em 2022, o discurso de Costa na *rentrée* ficou marcado pelo anúncio, feito pelo Governo dias antes, de um conjunto de medidas para apoiar o rendimento das famílias.



Líder do PSD criticado por ter feito anúncios na Festa do Pontal

Em suma, nem sempre de anúncios se fizeram os discursos de António Costa, mas, nos palcos da *rentrée*, o líder dos socialistas não abandonou o papel de primeiro-ministro, atitude semelhante à do seu antecessor.

No seu primeiro discurso de lançamento do ano político enquanto primeiro-ministro, em 2011, Pedro Passos Coelho anunciou que o Governo iria apresentar um "programa ambicioso" de cortes na despesa, como o corte entre 10 e 15% na saúde.

Em 2014, Passos subiu ao palco do Pontal, depois de saber que o TC tinha chumbado duas medidas que estabeleciam cortes nos salários da função pública e nas pensões, para dar conta de que não faria mais nenhuma proposta para reformar a Segurança Social até às eleições legislativas de 2015.

Em 2012, Passos afirmou que 2013 seria "o ano da inversão na actividade económica", mas lançou o aviso: "Ainda há quem pense que, passada a crise, o regabofe pode voltar. Enganam-se!"

Há 74 mil doentes à espera de cirurgia acima do prazo máximo legal

Ministério da Saúde diz que "nunca se realizaram tantas cirurgias no SNS", mas percentagem dos operados acima do tempo aceitável cresceu marginalmente

Alexandra Campos

Nos primeiros sete meses deste ano, os hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) bateram de novo um recorde e fizeram mais cerca de 37 mil cirurgias do que no mesmo período do ano passado. Foram operados 466.668 doentes mas, mesmo assim, a lista de espera cirúrgica cresceu porque a procura de cuidados de saúde voltou a subir no SNS, como tem acontecido sistematicamente nos últimos anos. Resultado? Em Julho passado, havia quase 270 mil doentes a aguardar por uma cirurgia – e mais de um quarto (27,5%) destes, ou seja, mais de 74 mil pessoas – já tinham ultrapassado o tempo máximo de resposta previsto na lei, um agravamento marginal (0,3%) em comparação com 2023.

"Nunca se realizaram tantas cirurgias no SNS. Relativamente ao mesmo período de 2023 registou-se um crescimento de 8,5%. Ou seja, quase mais 40 mil cirurgias. Um valor recorde", destaca o Ministério da Saúde num breve retrato da situação que enviou ao PÚBLICO e em que desagrega os indicadores da lista de espera cirúrgica desde 2010. Mas o que estes dados revelam é que, à semelhança do que aconteceu em anos anteriores, ainda que a produção dos hospitais tenha aumentado e o número de doentes operados crescido de novo, o problema central – o número de pessoas a aguardar por uma operação acima do tempo clinicamente aceitável – está longe de estar solucionado.

Relativamente à "subida marginal" de 0,3% de utentes acima do tempo máximo de resposta garantido face ao mesmo período de 2023, o Ministério da Saúde explica que o que motivou este aumento foi "o maior número de inscritos para cirurgia". É um facto mas era de prever que isto iria acontecer. A população está cada vez mais envelhecida, há mais pessoas a procurar o SNS, que, mesmo aumentando a sua capacidade de resposta, não tem conseguido travar o crescimento da lista de espera. Tem sido sempre este o padrão, como já tinha sido assinalado em 2023 pelo primeiro director executivo do SNS, Fernando Araújo.

Baixar as expectativas

Estes resultados também não surpreendem o presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH), Xavier Barreto. "Logo que o Governo tomou posse e começou a ser anunciado o plano de emergência, com todas aquelas medidas urgentes, tentamos baixar as expectativas e alertamos sempre que muitas das coisas que estavam a ser ditas não eram realistas. Podemos ter a melhor intenção do mundo, mas os factores que fazem a diferença, nomeadamente os recursos humanos, e a nossa capacidade de os influenciar no SNS, é muito limitada. Os médicos não brotam do chão por geração espontânea. Muitos deles demoram 12 anos a formar", contextualiza Xavier Barreto.

O que estes dados provam é que "todos os hospitais estão a bater recordes de produção", como aconteceu nos anos anteriores, à excepção de 2020 e 2021, por causa da pandemia de covid-19, afirma. Mas, repete, "a ideia de que em meia dúzia de meses se ia acabar com a lista de espera cirúrgica [como chegou a dizer a ministra da Saúde] foi sempre contestada por nós porque é absolutamente irreal".

Sublinhando que o "indicador mais importante é a percentagem de doentes fora do tempo máximo de resposta garantida", Xavier Barreto nota que ascende "quase a 30%, ou seja, está praticamente em linha com o de 2023, e continua a ser excessivo". "Isto só muda com medidas estruturantes, que permitam aumentar a produtividade e os recursos humanos", reforça.



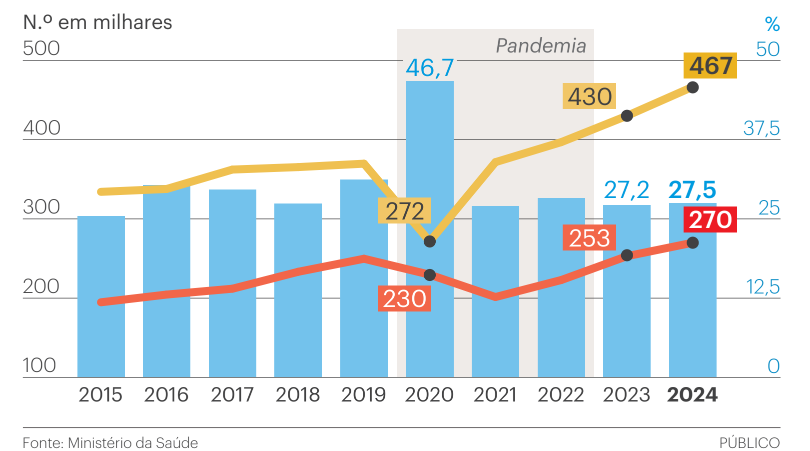
Em Julho, havia quase 270 mil doentes a aguardar por uma cirurgia — e mais de um quarto (27,5%) já tinham ultrapassado o tempo máximo de resposta previsto na lei

O Ministério da Saúde destaca ainda os resultados obtidos com o plano especial criado para regularizar a lista de espera para cirurgias oncológicas (OncoStop), uma das medidas urgentes do Programa de Emergência e Transformação na Saúde que foi apresentado pelo Governo em Maio.

Entre Maio e 5 de Agosto, especifica, foram realizadas "20.666 cirurgias a doentes com cancro", incluindo "a quase totalidade das 9374 cirurgias que estavam na lista de espera oncológica a 30 de Abril" passado. E as cirurgias não realizadas – em 5 de Agosto, tinha-se formado uma nova lista de espera para cirurgia oncológica que ultrapassava então os 1400 doentes a aguardar acima do tempo clinicamente aceitável – "encontram-se agendadas", acrescenta.

"Nenhum doente inscrito com patologia benigna ou não oncológica classificado como urgente ficou por operar", acentua ainda o Ministério da Saúde na informação enviada ao PÚBLICO, frisando que "a tutela está atenta e em permanente monitorização desta situação". "Esta é uma das medidas do plano de emergência que estamos a cumprir, sendo que a DE-SNS [Direcção Executiva do SNS] já deu indicação aos hospitais para agendar todos os doentes acima do TMRG [tempo máximo de resposta garantido] até ao final do ano".

Espera para cirurgia no SNS



Fonte: Ministério da Saúde

PÚBLICO


MIGUEL MANSO

O Ministério tutelado por Ana Paula Martins refere ainda que os dados da lista de espera cirúrgica total revelam uma “maior incidência sobre os episódios mais antigos (pelos valores da média de tempo de espera dos operados). Nos indicadores enviados pelo MS, a média de tempo de espera dos doentes operados passou de três meses, entre Janeiro e Julho de 2023, para 3,2 meses, no mesmo período deste ano.

Relativamente aos resultados do programa Oncostop, Xavier Barreto assume que há “uma melhoria importante”, mas avisa “que é preciso saber como vamos no futuro manter a [sua] sustentabilidade”, uma vez que os incentivos financeiros dados às equipas que fazem as cirurgias terminam no final deste mês.

Além disso, volta a alertar o presidente da APAH, como já tinha feito numa recente audição na comissão parlamentar de saúde, “se não se investir em mais sessões de hospital de dia, em breve vamos ter doentes à espera para sessões de quimioterapia e radioterapia”. “É um perigo real. Há hospitais que estão a fazer verdadeiros milagres mas isto está a chegar a um limite e as equipas estão a ficar saturadas”.

Plano de Inverno

Idosos a viver em lares são prioritários na vacinação contra gripe e covid-19 para evitar “pressão” no SNS

Ana Maia e Natália Faria

É identificada como uma “estratégia prioritária” nas linhas orientadoras do próximo Plano de Inverno já enviadas para as unidades locais de saúde (ULS): a campanha de vacinação contra a gripe e a covid-19 deve voltar a arrancar pelos lares de idosos, com vista a “reduzir a pressão sobre o sistema de saúde, assegurando que os cidadãos mais vulneráveis sejam priorizados”. O plano também abre a porta a mais projectos que retiram das urgências os casos menos graves, encaminhando-os para os centros de saúde. Ao que foi possível apurar, há quatro ULS que já demonstraram interesse em avançar com o modelo *Ligue Antes, Salve Vidas*.

A ministra da Saúde afirmou que o Plano de Inverno do SNS está a ser trabalhado há seis ou sete meses, com o objectivo de se conseguirem “os melhores resultados possíveis” para as populações. “Se o Verão é um momento de grande pressão, o Inverno é um momento de uma pressão muito maior e ainda mais significativa”, assumiu Ana Paula Martins, referindo a importância de perceber, com antecedência, quais serão as escalas para as urgências nesse período.

Com a nova reorganização do SNS, caberá este ano às ULS coordenar a nível local as campanhas de vacinação contra a gripe e a covid-19, cabendo a estas estimar as quantidades e “adquirir as vacinas necessárias para o cumprimento dos programas e das campanhas nacionais de vacinação, realizando em tempo útil todos os procedimentos necessários à sua aquisição centralizada” e monitorizar a execução dos programas. O plano refere que a vacinação dos utentes e dos profissionais nas estruturas residenciais para pessoas idosas (ERPI) da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados e dos estabelecimentos prisionais “decorre em articulação” com a ULS territorialmente competente e que devem “ser estipuladas equipas, nomeadamente de apoio à comunidade, que deverão apoiar estas estruturas nos cuidados de saúde, incluindo a vacinação”. O objectivo é arrancar com a campanha na segunda quinzena de Setembro.

Mais postos de vacinação

Segundo o documento, a que o PÚBLICO teve acesso, a DE-SNS admite “excepcionalmente” a abertura de mais pontos de vacinação para garantir a acessibilidade. “As unidades de saúde dos sectores privado e social que pretendam ter um ponto de vacinação solicitam autorização à ULS territorialmente competente”, cabendo a estas “autorizar” o funcionamento desses pontos. Mas não é claro a que entidades privadas e do sector social se refere o Plano de Inverno.

Em resposta ao PÚBLICO, a DE-SNS diz que “estão abertas outras hipóteses para a implementação de mais postos vacinação” e que “fará tudo o que for necessário para vacinar toda a população mais vulnerável”. “Neste caso, poderão entrar as ERPI, se se verificar que a resposta está a ser pouco abrangente”, acrescenta. Apesar da insistência, a DE-SNS não concretizou que unidades do sector privado e social podem ser essas.

No ano passado, a vacinação sazonal gratuita foi alargada às pessoas com 60 e mais anos, tendo depois descido até à faixa etária dos 50 anos no decurso da campanha vacinal. Outra novidade desse ano foi o alargamento da administração da vacina contra a covid-19 às farmácias comunitárias. Contudo, segundo o Relatório de Avaliação da Campanha de Vacinação Sazonal, divulgado pela Direcção-Geral da Saúde, na última campanha de vacinação apenas 56,1% das pessoas a partir dos 60 anos decidiram vacinar-se contra a covid-19.

Mas este modelo, que se deverá repetir este ano, foi alvo de críticas por parte da Associação Nacional de Unidades de Saúde Familiar. Em declarações ao PÚBLICO, o presidente André Biscaia lamenta a opção de retirar dos centros de saúde maior capacidade de vacinação. “Temos das melhores vacinações contra a gripe do mundo. Para quê mudar?”, questiona, referindo que tradicionalmente, “em Dezembro, tínhamos toda a população-alvo vacinada”.

“A anterior campanha de vacinação – alargada às farmácias comunitárias – foi um falhanço completo. Aumentaram postos de vacinação, mas na prática o que aconteceu foi um desvio das vacinas dos centros de saúde para as farmácias. Nós queríamos vacinar as pessoas e não tínhamos vacinas, éramos obrigados a enviar os doentes para as farmácias”, critica, acrescentando que “são soluções de fundo que podem enterrar o SNS”.

As ULS têm de dar até ao dia 30 deste mês indicações sobre as escalas das urgências até ao fim do ano e possíveis constrangimentos que tenham. Segundo o documento, “deve ser privilegiada a implementação de estratégias com o intuito de diminuir os episódios de urgência evitáveis”. Questionada, a DE-SNS disse que já mais ULS “há interessadas em aderir ao modelo”, que actualmente funciona na ULS de Póvoa de Varzim/Vila do Conde, na de Gaia/Espinho e na de Entre Douro e Vouga e que visa que só os utentes que tenham ligado antes para a Linha SNS 24 e sido reencaminhados vão às urgências. Mas esta é uma solução que não servirá todos os locais devido à falta de médicos de família, especialmente na região de Lisboa e Vale do Tejo.

Demissão

Responsável de ginecologia da MAC bate com a porta

Alexandra Campos e Ana Henriques

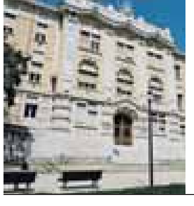
O responsável do serviço de ginecologia-obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa (MAC), em Lisboa, Carlos Marques, pediu a demissão do cargo. Apesar de apenas ter sido conhecida ontem, a demissão foi apresentada há mais de uma semana, em 12 de Agosto, dia em que a maternidade realizou 25 partos, o número mais elevado desde 2013. Mas esta demissão, garantiu o conselho de administração da Unidade Local de Saúde (ULS) de São José (em que a MAC está integrada), “não está a ter impacto no normal funcionamento da maternidade”. O médico irá ficar funções até à designação de um novo responsável.

Foi a Rádio Renascença que deu a notícia, adiantando que Carlos Marques pediu a demissão numa carta enviada à administradora da ULS de São José e em que justifica a decisão com o que diz ser a “elevada sobrecarga de trabalho”, numa altura em que a maior maternidade pública de Lisboa e Vale do Tejo tem batido recordes de partos e registado um aumento dos episódios de urgência de ginecologia-obstetrícia.

Escusando-se a comentar a demissão, a ministra da Saúde recordou que o Governo assumiu o “compromisso de reorganizar” a rede de urgências de ginecologia-obstetrícia, o que vai fazer “nos próximos meses”, depois de conhecidas as propostas da nova comissão de peritos que deverá apresentar os primeiros resultados “até meados de Setembro”.

Sempre aberta no difícil mês de Agosto, ao contrário de outros serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia da Grande Lisboa, a MAC fez 25 partos justamente no dia em que Carlos Marques pediu a demissão. Nesse dia estavam fechadas, em simultâneo, cinco urgências de ginecologia-obstetrícia, e, além dos partos, a maternidade registou uma elevada afluência à urgência - 98 admissões.

No dia seguinte, sem tornar público este pedido de demissão, a presidente do conselho de administração, Rosa Valente de Matos, avisava, em declarações à Lusa, que não seria possível continuar neste ritmo. “Os profissionais têm as suas limitações e estão cansados”, enfatizou. “Este esforço não pode ser contínuo. Os profissionais não aguentam”, disse, revelando estar a trabalhar com o director executivo do SNS.


A 12 de Agosto, a Maternidade Alfredo da Costa realizou 25 partos, o número mais elevado desde 2013

Além de mais partos do que o habitual – uma média de 13 por dia (mais dois em cada dia do que a média de Agosto de 2023) –, a MAC tem registado uma média semanal de 442 atendimentos em Agosto, bem acima da média de Julho (320). “Mais do que os partos, são sobretudo as admissões [episódios de urgência] que nos sobrecarregam. São senhoras que vêm à urgência para perceber se a gravidez está a correr bem, ou que perderam um pouco de sangue, que querem fazer ecografias, saber qual é o sexo do bebé, enfim, muitas vezes são pessoas não conseguem consultas nos centros de saúde”, explicou uma médica do serviço ao PÚBLICO.

Sociedade

Madeira à espera da chegada de dois aviões para ajudar a apagar fogo no coração da ilha

José Volta e Pinto

Reforço de 60 elementos do continente chegou ontem. Albuquerque recusa críticas e fala em "retórica alarmista"

Com duas frentes de incêndio activas no pico Ruivo e numa zona "de difícil acesso" no pico das Torres, o presidente do Governo Regional da Madeira, Miguel Albuquerque, confirmou ontem que a ilha irá receber hoje dois aviões Canadair ao abrigo do Mecanismo Europeu de Protecção Civil (MEPC), só ontem accionado. O objectivo é evitar que o fogo q ue lavra há oito dias "evolua de forma descendente para o Curral das Freiras" e de forma lateral "para o pico do Areeiro", disse, acrescentando que ao final da tarde havia no terreno 140 operacionais, apoiados por 40 viaturas.

Uma outra preocupação das autoridades é evitar que o fogo evolua em direcção à Fajã da Nogueira, onde funciona uma central hidroeléctrica, "uma estrutura fundamental". O combate está a ser maioritariamente feito com a criação de faixas de contenção para evitar a progressão das chamas para estas zonas mais críticas. Miguel Albuquerque assegurou ainda que "grande parte da floresta laurissilva está salvaguardada e não foi afectada até agora" e que o novo reforço de 60 elementos do continente, que viajou ontem para a região, já está no terreno. A equipa é constituído por 29 bombeiros da Força Especial de Protecção Civil (FEPC), 15 bombeiros voluntários da região da Grande Lisboa e 15 militares da Unidade de Emergência de Protecção e Socorro (UEPS) da GNR.

Os dois Canadair deverão estar operacionais esta tarde. O presidente do Governo esclareceu que as aeronaves foram pedidas devido à evolução do fogo na cordilheira Central, onde poderão ser utilizadas, já que. com descargas muito volumosas, de cerca de 6000 litros, não podem ser usadas em contexto de incêndio em zonas urbanas ou agrícolas. Na cordilheira central, onde "é quase impossível o acesso de meios" ao dispor das forças no terreno, os Canadair passam a ser uma opção viável, explicou.

Este incêndio, que começou na Serra de Água há uma semana, já terá consumido uma área superior a 9000 hectares, mais de 14% de toda a área florestal da ilha, segundo os últimos dados do Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais.

O responsável pelo governo regional agradeceu o trabalho do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, que esteve no terreno a recolher crias de freiras-da-madeira, uma ave endémica da ilha em perigo de extinção. Foram resgatadas "com recurso a rapel em zonas de muito difícil acesso" e serão recolocadas nos ninhos assim que passar o perigo.

O presidente do Serviço Regional de Protecção Civil, António Nunes, admitiu que a progressão do fogo para a cordilheira Central e pico Ruivo é preocupante porque a zona é "muito complexa" e difícil de actuar "devido às condições no terreno".


HOMEM DE GOUVEIA/EPA

Incêndio chegou ao pico Ruivo, o ponto mais alto da ilha

"Retórica alarmista"

Durante o dia de ontem, as autoridades registaram um reacendimento na Lombada, na Ponta do Sol, afastado de populações. Miguel Albuquerque disse que uma parte deste reacendimento "foi extinta", estando outra parte "controlada". Na Serra de Água, decorria a limpeza das estradas e das bermas, ainda encerradas à circulação automóvel, para tentar minimizar a queda de pedras. Ao início da noite, estavam vias fechadas no Paul da Serra, entre o Poiso e o Areeiro e entre a Achada e o pico das Pedras — neste caso para facilitar a circulação de viaturas dos bombeiros.

De visita aos locais afectados pelo incêndio, Albuquerque negou que exista falta de meios no terreno. "Neste momento é essencial baixar a retórica um pouco alarmista porque a situação está segura. Se faltassem homens nas zonas cruciais, as habitações já tinham sido destruídas", apontou. "O combate a um incêndio corre bem ou corre mal em função dos danos, da perda de vidas humanas ou de infra-estruturas. Não houve perda de nenhuma vida humana, não houve nenhum ferido, não houve nenhuma habitação destruída. Os objectivos estão concretizados. Foi salvaguardado aquilo que é essencial".

No seu entender, o Estado deveria assumir "as suas responsabilidades" nesta situação. "Não estamos a falar só do helicóptero, mas das tripulações, dos recursos, dos meios técnicos, tudo isso custa muito dinheiro", referiu, acrescentando que a estratégia de combate a estes incêndios está a ser a melhor. "Não podemos pôr pessoas nem recursos nas zonas de pouca acessibilidade onde não existe água. Não se pode combater incêndios florestais de outra maneira".

E refutou as críticas sobre continuar de férias no Porto Santo durante o incêndio, declarando que assume as suas responsabilidades e que a actuação deve ser avaliada pelos resultados. "Se me tentam intimidar, porque vou ficar com *stress* por causa disso, estão enganados", declarou aos jornalistas à entrada da Câmara do Funchal, onde decorreu a sessão solene do Dia do Concelho. **com Lusa**

Advogados acusam Ordem de "coacção" para forçar protesto

Ana Henriques

Ex-candidato a bastonário insurge-se contra forma de apelo e faz comparação com médicos que recusassem ir trabalhar

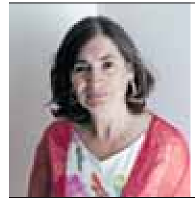
O protesto decretado pela Ordem dos Advogados para o mês de Setembro, apelando aos profissionais das defesas oficiosas para que se recusem a fazer serviço urgente, está a suscitar algumas críticas dentro da própria classe.

O objectivo do protesto, que não pode ser apelidado de greve por se tratar de uma profissão liberal, é pressionar o Governo a aumentar a tabela de honorários — que não é revista há perto de duas décadas — a tempo da aprovação do Orçamento do Estado de 2025.

Derrotado nas últimas eleições para bastonário, o advogado Paulo Valério considera que a Ordem está a "sobrepor os interesses económicos e corporativos da classe" à missão de interesse público que está incumbida de desempenhar, de representação legal de quem não tem possibilidades de aceder a um advogado particular. E, com isso, "está a agir contra o Estado de direito". "Se falássemos de médicos, a comparação seria com a recusa em fazer um parto ou em assistir um politraumatizado numa urgência", escreveu no Facebook, num *post* que recebeu o apoio de alguns colegas, mas também foi criticado por outros. "Se amanhã um doente morrer numa urgência por falta de médicos, a culpa é dos médicos ou do Estado que não lhes paga o suficiente para irem trabalhar?", perguntou um deles.

Paulo Valério advoga um modelo de defesa oficiosa diferente. Em vez dos cerca de 13 mil profissionais actualmente inscritos, que diz que tanto prestam serviço a clientes privados como no chamado "sistema de acesso ao direito", o modelo devia ter apenas três ou quatro mil pessoas a trabalhar em exclusividade para o Estado, embora continuando na dependência da Ordem.

Perante o arrastar das negociações com a tutela sobre o aumento do valor dos honorários, a Ordem dos Advogados resolveu apelar aos defensores oficiosos para que não se inscrevam nas chamadas "escalas de serviço" dos tribunais durante todo o mês de Setembro. Quem, pelo contrário, quiser continuar a prestar esse serviço no mês que vem tem de preencher um formulário no *site* da Ordem. Sucede que, quando o faz, surge uma mensagem que está também a gerar controvérsia: "A tabela de honorários no âmbito do sistema de acesso ao direito configura uma indignidade e um desrespeito pela advocacia. Deseja prosseguir?"



Bastonária Fernanda Almeida Pinheiro nega qualquer tipo de pressão para colegas não se inscreverem

Paulo Valério fala em tentativa de coacção dos advogados, e não é o único. Apesar de considerar esta forma de protesto legítima, o presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem, João Massano, também vê com maus olhos aquilo que considera ser uma pressão para os defensores oficiosos pararem em Setembro: "A Ordem não deve pode perseguir os seus membros desta forma e criar um clima de divisão [entre a classe]."

Mas a polémica soma e segue. Como as listas dos defensores oficiosos sempre foram públicas, vai ser fácil perceber quem aderiu ao protesto e quem não o fez - o que já deu direito a trocas de palavras pouco consentâneas com o dever de urbanidade a que estes profissionais estão obrigados. "Eu vou ver na listagem que for publicada quem são os ratos desta profissão, porque sei bem que os há!", desafiava, há poucos dias, também no Facebook uma advogada minhota.

A bastonária, Fernanda Almeida Pinheiro, lamenta que rivalidades internas na Ordem façam com que nem todos os profissionais estejam unidos nesta luta: "Fico chocada, estarrecida." E nega qualquer tipo de pressão para os colegas não se inscreverem nas defesas oficiosas.

Passos firmes! Caminhar confortável!

Palmilhas de espuma com memória, para um pisar macio e muito descansado!

Ouça o Verão com a AudiçãoActiva!



Palmilha ergonomicamente concebida que se molda ao formato individual de cada pé. Oferece conforto e apoio durante todo o dia. Corta-se consoante o tamanho do seu pé para um encaixe perfeito no seu calçado.

O que é espuma de memória?

Com origem na tecnologia aeroespacial, a espuma viscoelástica é uma substância feita de poliuretano. Existem vários outros produtos químicos que ajudam a aumentar sua densidade. A espuma viscoelástica está projetada para absorver choques no calcanhar.



O material molda-se aos contornos do pé devido à sensibilidade à temperatura que a espuma possui.

As palmilhas de espuma Memory, reconhecem o seu pé sempre que se calçar. Imediatamente ajustam-se para distribuir o seu peso no pé por toda a extensão da palmilha, permitindo mais leveza e conforto sempre que caminha ou se por acaso tem de ficar de pé por um tempo mais demorado.
As palmilhas com espuma de memória poderão ser o segredo para maior alívio no stress dos pés e a prevenir a dor. Ajudam a aliviar a pressão e a reduzir o choque no calcanhar, amortecendo cada passo.

Sofre de dores nos pés, nos calcanhares ou costas?

Concebida para aliviar a pressão sentida na planta do pé - todos nós experimentamos essa pressão quando caminhamos, as palmilhas de espuma viscoelástica estão a tornar-se populares entre as pessoas que sofrem de dores nos pés, como o problema de fascite plantar. Por isto mesmo muitos especialistas defendem seu uso.



Versáteis, servem a várias medidas de pés. Basta recortar pelo tamanho desejado. Medidas do 36 ao 46.

Outra das principais vantagens do uso da espuma viscoelástica é a distribuição uniforme do equilíbrio. Este material, já conhecido pela sua utilização em almofadas ou colchões de cama, também aumenta o conforto do seu calçado!

> **"Um alívio para pessoas cujo trabalho exige muitas horas de permanência em pé."**

O uso de palmilhas com espuma de memória (ou sapatos desta tecnologia) tem sido uma descoberta agradável entre pessoas cujo trabalho exige muitas horas de permanência em pé, com Enfermeiros, Professores, ou trabalhadores nas grandes superfícies e armazéns.
Muitas pessoas que têm usado estas palmilhas atestam que elas as ajudaram a lidar com a dor. Contudo, tal como em muitas outras coisas e dependendo do problema que se tem com os pés, é sabido que se as palmilhas de espuma funcionam para alguns pés, poderão não ser a solução em alguns casos particulares.

Benefícios

- Alivia a pressão na planta do pé, joanetes, pés inchados e articulações.
- Aumenta a estabilidade acondicionando o pé evitando que ele deslize.
- Evita o impacto no calcanhar amortecendo a cada passo.
- Dá suporte ao arco plantar.

Onde encontrar as suas Palmilhas de Espuma com memória?

Muito fácil! (chamada grátis)
Ligue 800 91 90 80
Na sua chamada mencione este código: RPLPUB10824

Ou visite as lojas abaixo

Venha hoje mesmo à loja mais proxima de Si! Aberto dias úteis das 9h30 às 13h e das 14h às 19h. Sábados das 9h30 às 13h e das 14h às 17h.

Chaves	R. Direita & Largo do Arrabalde, 2	**Tel. 276 095 500**	**Caldas da Rainha**	Rua General Queirós, 73	**Tel. 262 142 668**
Ponte de Lima	Rua Dr. António Magalhães, 52	**Tel. 258 025 000**	**Santarém**	Av. do Brasil, 13 A	**Tel. 243 098 000**
Viana do Castelo	Rua Manuel Espregueira, 30	**Tel. 258 023 433**	**Torres vedras**	Av. General Humberto Delgado, 19	**Tel. 261 095 621**
Braga	Av. Central, 24 - 1.º dto	**Tel. 253 097 944**	**VIla Franca de Xira**	Rua Serpa Pinto, 66	**Tel. 263 140 234**
Barcelos	Praceta Rogério Calás Carvalho, 13	**Tel. 253089 830**	**Loures**	Rua da República, 45 C	**Tel. 211 973 328**
Esposende	Rua Santa Maria dos Anjos, 9	**Tel. 253 720 461**	**Mem Martins**	Av. Chaby Pinheiro, 26	**Tel. 211 973 936**
Guimarães	Av. Conde de Margaride, 84	**Tel. 253 717 401**	**Odivelas**	Av. Dom Dinis, 32	**Tel. 219 332 283**
V. N. Famalicão	Pr. D.ª Maria II, 1282	**Tel. 252 219 800**	**Moscavide**	Av. Moscavide, 25 A	**Tel. 211 316 311**
Póvoa de Varzim	Praça do Almada, 55	**Tel. 252 020 750**	**Agualva-Cacém**	Av. dos Bons Amigos, 69 B	**Tel. 211 944 790**
Santo Tirso	R. José Luís Andrade, 89	**Tel. 252 025 400**	**Amadora**	Rua 1.º Dezembro, 7 B	**Tel. 211 329 120**
Vila Real	Rua Nova, 17	**Tel. 259 092 436**	**Lisboa (Alvalade)**	Largo Frei Heitor Pinto, 3C	**Tel. 211 377 158**
Maia	Av. Visconde de Barreiros, 73	**Tel. 220 940 500**	**Lisboa (Benfica)**	Estrada de Benfica, 681	**Tel. 211 323 725**
Ermesinde	Rua D. António Castro Meireles	**Tel. 220 922 111**	**Lisboa (Algés)**	Rua Damião de Góis, 46 B	**Tel. 211 347 321**
Penafiel	Av. Sacadura Cabral, 131	**Tel. 255 094 200**	**Lisboa (Anjos)**	Av. Almirante Reis, 66	**Tel. 211 337 000**
Matosinhos	Av. da República, 472	**Tel. 223 175 847**	**Lisboa (5 de Out.)**	Av. João Crisóstomo, 33	**Tel. 211 973 338**
Porto (Camões)	Rua de São Brás, 479	**Tel. 223 194 998**	**Cascais**	Av. 25 de Abril, 127 B	**Tel. 215 831 560**
Porto (Carvalhido)	Pç. Exército Libertador, 59	**Tel. 220 966 707**	**Parede**	Av. da República, 1469	**Tel. 211 972 810**
Porto (Bonfim)	Rua do Bonfim 57 e 59	**Tel. 220 922 090**	**Almada**	Av. D. Nuno Álvares Pereira, 44 A	**Tel. 210 980 787**
Gondomar	Rua 25 de Abril, 31	**Tel. 220 941 400**	**Barreiro**	Av. Alfredo da Silva, 73/75	**Tel. 211 335 130**
Vila Nova de Gaia	Av. da República, 1483	**Tel. 221 140 672**	**Seixal**	Rua Infante D. Augusto, 40B	**Tel. 211 973 320**
Espinho	Rua 20, 620	**Tel. 221 134 149**	**Évorá**	Praça do Giraldo, 80	**Tel. 266 096 000**
Ovar	Rua Elias Garcia, 32	**Tel. 256 023 912**	**Setúbal**	Av. 5 de Outubro, 61 A	**Tel. 265 419 225**
Viseu	Rua Formosa, 86	**Tel. 232 095 800**	**Beja**	Rua de Mértola, 108	**Tel. 284 092 070**
Aveiro	Av. Dr. Lourenço Peixinho, 184	**Tel. 234 138 432**	**Loulé**	Praça da República, 40	**Tel. 289 170 550**
Covilhã	R. Comendador Campos de Melo, 3	**Tel. 275 098 600**	**Portimão**	Estrada de Alvor, 2	**Tel. 282 144 500**
Coimbra	Av. Fernão de Magalhães, 15	**Tel. 239 197 891**	**Faro**	Lrg. Dr. Francisco Sá Carneiro, Loja 11	**Tel. 289 093 429**
Castelo Branco	Av. Nuno Álvares, Lote D, loja 2	**Tel. 272 092 700**	**Funchal**	Rua da Sé n.º2, 2º piso	**Tel. 291 093 400**
Leiria	Av. Heróis de Angola, 111	**Tel. 244 021 801**			

INOVADOR **APARELHO AUDITIVO OFERECE PLENO CONFORTO, DA CABEÇA AOS PÉS!**



* *Receba GRÁTIS um par de Palmilhas de Espuma com Memória no dia da sua avaliação gratuita deste pequeno dispositivo para uma melhor audição. Oferta para maiores de 60 anos. Stock limitado.*

microCIC Aparelho Auditivo — ✓ ajuste perfeito ao ouvido ✓ super discreto ✓ mais audição!

Oiça e Caminhe com Pleno Conforto!

SOLICITE HOJE MESMO DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS! **800 91 90 80** (chamada grátis) **Mencione este código: RPLPUB10824**

Este anúncio é publicado por BelAudição, Unipessoal Lda - Estrada Senhora da Saúde 41A, Faro

Desde 2022, realizaram-se 112 operações de resgate no Gerês

Dados dizem respeito a casos de desorientação na montanha e a incidentes em cascatas

André Borges Vieira

Os números ainda estão por fechar, porque o ano ainda não acabou. Por isso, o somatório das ocorrências diz apenas respeito ao período entre 2022 e o mês de Agosto de 2024. Só no final de Dezembro se saberá quais os números totais dos últimos três anos. Até agora, no espaço temporal em causa, a Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil (ANEPC), registou 112 operações de resgate realizadas no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG). Apesar dos números, já se terá dado um passo em frente em matéria de coordenação entre as autoridades para agilizar os meios de resposta. Mas ainda não existe no papel um plano prévio de intervenção.

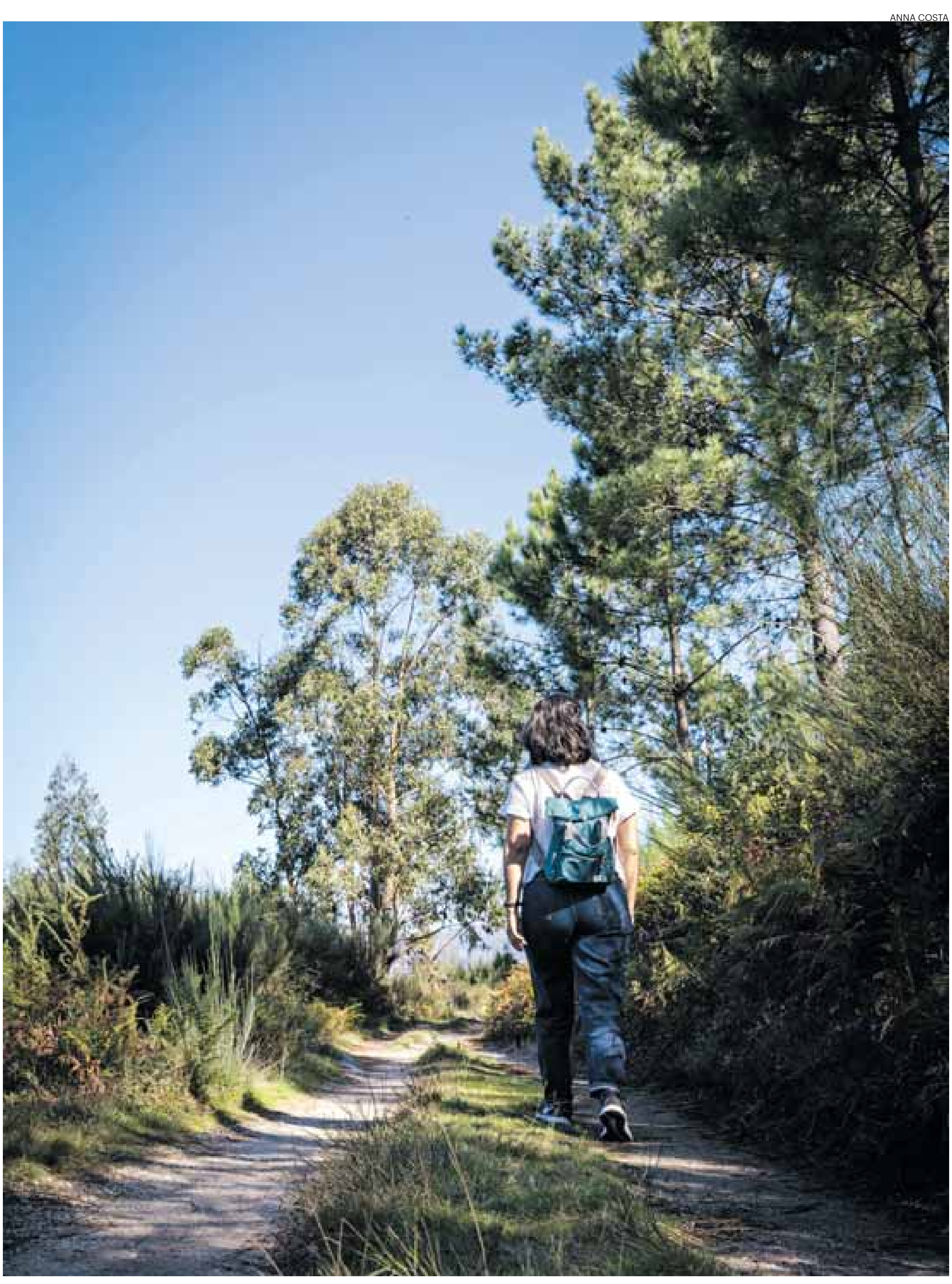
Na segunda-feira, um grupo de 12 pessoas perdeu-se no PNPG, em área que faz parte do concelho de Terras de Bouro, enquanto fazia uma caminhada. O alerta de socorro, segundo a Lusa, foi lançado por quem estava perdido perto das 23h40. Por volta da meia-noite já tinham sido localizados pelos Bombeiros Voluntários de Terras de Bouro e pela equipa de Busca e Resgate em Montanha da GNR. Às 2h20 o resgate estava concluído.

Não se sabe exactamente quantas operações de resgate já foram realizadas este ano no PNPG. O PÚBLICO pediu os dados à Câmara de Terras do Bouro, via delegação local da Protecção Civil, mas foi encaminhada para o Comando Sub-Regional do Cávado, com que não foi possível chegar à conversa. Os números chegaram após contacto com a Unidade de Emergência Protecção e Socorro (UEPS), que os enviou sem os separar por ano. A compilação da informação foi feita entre Janeiro de 2022 e 15 de Agosto deste ano.

Essa informação revela que, entre 111 ocorrências “registadas pela Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil, através de dados dos comandos sub-regionais”, 84 dizem respeito a “resgates em trilhos” de pessoas que se perderam na montanha, e 27 dizem respeito a incidentes “em cascatas” do PNPG. Somando o caso da operação de segunda-feira em Terras do Bouro, já depois de 15 de Agosto, o número de ocorrências passa para 112. Dividindo esse número pelos 32 meses em que os dados foram recolhidos, dá uma média de 3,46 ocorrências por mês.

O PÚBLICO pediu que se fizesse corresponder os dados ao ano em que ocorreram e que se desse conta do número de pessoas resgatadas, por forma a ser possível traçar a evolução das intervenções, mas não chegou resposta da UEPS.

Ainda antes da pandemia, em 2018, dados fornecidos pela GNR ao PÚBLICO, recolhidos no mesmo ano até 31 de Agosto, davam conta da realização de 14 intervenções de resgate e busca no PNPG até essa data. Nestes novos dados que agora foram divulgados, se somarmos a média de 3,46 ocorrências mensais por oito meses, o número de resgates chega aos 27,75.



Quem não conhece o parque nacional deveria caminhar com um guia, recomenda a Protecção Civil

ANNA COSTA

Ainda não há um plano

Em resposta ao PÚBLICO sobre a repetição de casos de pessoas que se perdem no PNPG, a Protecção Civil de Terras de Bouro, que também não forneceu números de ocorrências, atribui a responsabilidade à “falta de preparação, análise, conhecimento” de quem se aventura em caminhadas por território que desconhece. A maioria dos casos acontece, acredita a Protecção Civil, por “negligência”.

Sobre a sinalética do parque adianta que “os trilhos homologados encontram-se sinalizados” e que “a maioria das ocorrências” registam-se “noutras áreas de interesse turístico, onde os trilhos são apenas traçados naturalmente”. Por isso, aconselha a “quem não conhece o território”, por se poder “tornar mais complicado” orientar-se, que faça as caminhadas na “companhia de um guia”.

A mesma entidade não tem forma de calcular quanto se gasta anualmente nos resgates, porque “o valor gasto nas operações de resgate não é contabilizado”. Mas defende a aplicação de coimas para “punir” quem actua “com negligência e descuido”, afirma. Sublinha a mesma fonte que para isso é preciso existir regulamentação.

Sobre a criação de um Plano Prévio de Intervenção de qual se falava há uns anos, e que continua a não existir, a delegação de Terras de Bouro da Protecção Civil, não respondendo se sempre seguirá em frente, adianta existir “trabalho desenvolvido na esfera municipal no que respeita aos procedimentos a seguir”. Esses procedimentos, lê-se na resposta, “articulam-se de acordo com o estipulado” no Sistema Integrado de Operações de Protecção e Socorro (SIOPS). E apela-se à sensibilização da “sociedade” para que as visitas ao PNPG sejam realizadas com “a máxima segurança possível”.

Jorge Eiras, professor universitário e investigador, que em 2016 estudou o risco associado às actividades de montanha no Gerês no seu trabalho final da licenciatura em Engenharia de Protecção Civil, da Universidade Lusófona do Porto, afirma que, apesar de ainda não existir um plano prévio de intervenção no papel, nos últimos anos passou a haver uma “melhor articulação entre as autoridades” na resposta que é dada às ocorrências que necessitam de resgates. E considera que não será por problemas com a sinalética distribuída nos trilhos do parque nacional que se vão somando casos de resgates, mas sim à “desorientação” de quem, em muitos casos, não conhece bem o território. Por isso, defende que deveria ser feito um investimento na educação do cidadão na relação que tem com a montanha. Nesse sentido, não acredita num sistema de punição através de coimas, mas sim numa resposta pedagógica.

Urgente, acredita, seria mitigar os acidentes em cascatas, nomeadamente na Cascata de Fecha de Barjas, nas imediações da Aldeia de Ermida, onde diz repetirem-se ocorrências em que os danos podem ser maiores do que nos casos em que se perde o sentido de orientação na montanha.

Este será o último Verão das Piscinas de São Pedro de Moel ao abandono

Paula Sofia Luz

Um dos espaços mais emblemáticos da costa portuguesa tem agora projecto de recuperação com apartamentos

Este pode ser o último Verão de São Pedro de Moel (ou São Pedro de Muel, segundo o *Vocabulário da Língua Portuguesa*), sem acesso ao complexo das piscinas, encerradas desde 2013: aprovado o pedido de informação prévia e respectivo projecto de arquitectura, em Março passado, está agora a ser elaborado o projecto de especialidade, confirmou ao PÚBLICO fonte da Câmara Municipal da Marinha Grande.

Há 11 anos que o icónico complexo encerrou as portas, acentuando-se nos últimos anos o estado de abandono e degradação. Adquirido nessa época pela empresa Gestoliva, uma imobiliária do Grupo Oliveiras, da Batalha, o conjunto das piscinas chegou a ter um projecto de requalificação, que foi chumbado por colidir com o Plano de Ordenamento da Orla Costeira. Agora, com algumas alterações ao projecto, contou com a aprovação da autarquia, e do próprio Ministério do Ambiente.

De acordo com Aurélio Ferreira, presidente do município da Marinha Grande, o novo projecto aponta para "um complexo turístico moderno, com uma arquitectura leve e contemporânea, integrado na paisagem, que vai ao encontro das mais exigentes práticas de sustentabilidade ambiental". "É um projecto que respeita a História, os valores e o carisma de São Pedro de Moel, aberto a todos, que vai manter a piscina aberta ao público veraneante, como queria o seu primeiro fundador".

Em causa está a recuperação de todo o edificado, inserido na encosta, recuado em relação ao mar, "mantendo o espaço exterior o mais livre possível". Junta-se agora um empreendimento de 15 apartamentos turísticos de tipologia T1 e T2, com classificação de três estrelas, um ginásio e um *kids club*. O novo edifício reduz a sua área de construção e redefine todo o seu volume, "assegurando maior harmonia do conjunto com a envolvente". Inclui ainda as piscinas exteriores, um grande espaço de solário, área de animação infantil e espaços de lazer ao ar livre, bem como um restaurante-*lounge*-cafetaria com esplanada. A zona sul fica reservada às piscinas, com um grande plano de água e a antiga "piscina de saltos" transformada em chapinheiro para crianças, mantendo as pranchas como memória. Quanto à piscina grande, será redimensionada numa outra configuração. Apesar de várias tentativas, a empresária proprietária não respondeu às questões do PÚBLICO.

Uma história com 57 anos

As piscinas de São Pedro de Moel abriram ao público pela primeira vez no Verão de 1967, um complexo que integrava também salões de banquetes e festas. Américo Tomás, então presidente da República, cortou a fita. Era um empreendimento privado, por iniciativa do industrial José Nobre Marques, que procurava algum reconhecimento público e social, para ombrear com o sócio José Lúcio da Silva, que acabara de oferecer um teatro à cidade de Leiria.

Passaram 57 anos, mas a memória desse dia 1 de Junho não se apaga para os que assistiram à festa de inauguração. É o caso de Pedro Barosa, residente na Marinha Grande. Era então um rapaz de 16 anos nesse Verão que mudou a vida de São Pedro de Moel e dos amantes da praia. Para mais, o pai fora presidente da câmara até meados da década de 60, e por isso tem muito presentes as idas à obra, mas sobretudo o que lhe antecedeu: as conversas, as autorizações, o caminho que envolveu o projecto. "Vivemos bastante aqueles acontecimentos. A entrada sempre foi cara, mas eu e um grupo de amigos arranjávamos sempre maneira de passar lá um dia por semana: entrávamos de manhã e saíamos à noite. Lembro-me que havia um cartão com furinhos para quem podia comprar essa espécie de passe para um mês, e nós arranjávamos maneira de passar o cartão de uns para os outros, para entrarmos à borla".

"Será sempre um espaço emblemático da vila, da praia e do país", diz Pedro Barosa



As piscinas de São Pedro de Moel abriram no Verão de 1967

Em Março deste ano, Pedro foi um dos que encheram a sala do edifício Cosmos Azul e Mar, em São Pedro de Moel, onde decorreu a reunião (descentralizada) da Câmara da Marinha Grande, onde o pedido de informação prévia e o projecto de arquitectura da requalificação das piscinas foram aprovados por unanimidade. E continua a ser um amante de São Pedro, mesmo que já não tenha casa na praia: "Será sempre um espaço emblemático da vila, da praia e do país. Ter uma piscina, literalmente, em cima da praia, sobre o mar, era um luxo", sublinha.

Também o investigador Gabriel Roldão, morador na vila desde o início da década de 80, alinha no mesmo sentimento: "Naquela altura, não tínhamos nada, foi um grande contributo para o concelho da Marinha Grande, com uma grande importância social".

Em 1987, o edifício seria adaptado a discoteca (a Hot Rio), e dois anos depois a câmara deferiu a licença para a construção de salas de jogos. Já em 2004, uma nova licença seria emitida para adaptação do complexo a restauração e bebidas, ginásio, bem como a cinco espaços destinados a dança e salão de festas. Foi assim que o empresário Luís Vasco Pedroso encontrou o espaço quando decidiu geri-lo, quatro anos depois. Ele que fora porteiro na discoteca, aos 19 anos, haveria de ficar para sempre ligado à história das piscinas com a criação do Snoobar, e do Cheer's. Mas em 2013, mergulhado na crise financeira, acabou por fechar a porta. "Os custos de manutenção estavam proibitivos", admite o empresário, que ainda hoje mantém o Bar Old-Beach, na praia Velha, em São Pedro, e o bar do Sport Operário Marinhense, na Marinha Grande.

Luís Vasco vendeu as acções "a um preço irrisório" ao grupo Gestoliva, que agora apresentou esta proposta de requalificação. Houve outras, ao longo da última década, mas "esbarram sempre nos requisitos da APA (Agência Portuguesa do Ambiente), que acabou por chumbar todos."

Quando o grupo The Gift gravou o *videoclip* do tema *Verão* nas piscinas, em 2019, ficou evidente o seu estado de abandono. Desde então, tem havido uma espécie de curiosidade mórbida à volta do espaço.

DANIEL ROCHA



Em causa estão subsídios anuais na ordem de 200 ou 300 euros

Arouca disponibiliza apoios para agricultura biológica de maracujás, limões e cereja

O período de candidaturas para os subsídios de 2024 decorreu nos meses de Fevereiro a Abril e apurou quatro candidatos

Maracujás, limões, milho, mirtilo e cereja são alguns dos hortícolas cuja produção em regime de agricultura biológica ou integrada a Câmara Municipal de Arouca passa a apoiar este ano, junto das quatro empresas que a isso se candidataram. Segundo revela a autarquia, em causa estão subsídios anuais na ordem de 200 ou 300 euros e ainda apoios técnicos que, nesta fase, querem funcionar como um primeiro incentivo a produções mais ecológicas.

"Somos um concelho com uma forte matriz rural e com esta iniciativa pretende-se reforçar a estratégia municipal "Arouca Agrícola", que desde 2013 está a ser desenvolvida em parceria com diversas entidades locais para dar continuidade à capacitação dos produtores locais, à aposta na qualidade e diversificação dos produtos, e às novas exigências e tendências dos mercados", explicou a presidente da câmara municipal, Margarida Belém. Em declarações à agência Lusa, a autarca socialista defendeu que é preciso "estimular a adopção dos princípios da Agro-ecologia, por forma a dar resposta à melhoria das práticas agrícolas no território" – que, com mais de 329 quilómetros quadrados, é ocupado em 85% por mancha florestal.

O período de candidaturas para os subsídios de 2024 decorreu nos meses de Fevereiro a Abril e apurou esta semana quatro candidatos e com a devida certificação: a empresa Spiracol, que vai cultivar maracujás em estufa e limões ao ar livre, destinando ambos ao mercado nacional; o agricultor Rui Pinho, que se dedicará a culturas temporárias exteriores de milho, azevém e forragens, para alimentação dos seus próprios animais; a firma Vilas e Holz, que se concentrará na produção de mirtilo ao ar livre, reservando 20% para exportação; e a agricultora Ana Paula Maia, que, também no exterior, cultivará frutícolas e hortícolas diversos, entre os quais cereja, uva de mesa, groselha dos Açores e goiaba chilena.

Além do subsídio pecuniário, a nova medida da câmara também prevê "apoio técnico nas áreas da agricultura em modo de produção biológica ou integrada" e a "criação de uma linha de produtos biológicos a comercializar de forma diferenciada nos locais de venda do projecto 'Arouca Agrícola'". A autarquia promete ainda desenvolver "todos os esforços no sentido de introduzir a produção biológica [dos beneficiários destes incentivos] nas ementas das escolas do concelho".

Margarida Belém revela que a câmara contava disponibilizar, só em 2024, até 6000 euros nestes apoios financeiros, destinados a comparticipar as despesas dos referidos agricultores com a certificação das suas explorações, e lamenta que, dado o reduzido número de interessados, a autarquia só vá despender, afinal, 1100 euros para o efeito.

"Por um lado, o escasso número de candidaturas poderá estar relacionado com o facto de este ser o primeiro ano em que o regulamento está em vigor", admite a autarca. "Por outro, também é um facto que a atribuição destes apoios pressupõe uma abertura dos agricultores locais à produção em modo integrado ou biológico e, a esse nível, ainda há um caminho significativo a fazer", justifica. **Lusa**

"A esperança está a regressar". Michelle e Barack Obama arrebatam convenção

Casal Obama apela à mobilização dos democratas por Kamala Harris e alerta que as presidenciais de Novembro não estão ganhas. Bernie Sanders pediu um cessar-fogo imediato em Gaza

Pedro Guerreiro, em Chicago

O ex-Presidente norte-americano Barack Obama e a antiga primeira-dama Michelle Obama exortaram os democratas, na noite de terça-feira, a mobilizarem-se em torno de Kamala Harris, a agir e a não dar por ganha uma "eleição renhida num país dividido", com os dois discursos mais arrebatadores proferidos até ao momento na convenção de Chicago.

As duas intervenções, marcadas por longos aplausos e também por momentos de silêncio absoluto na arena United Center, remeteram em vários instantes para a histórica campanha de 2008, com o antigo Presidente a transformar o "*yes, we can*" (sim, podemos) em "*yes, she can*" (sim, ela pode), referindo-se a Harris, e Michelle a dizer que "a esperança está a regressar". Mas o casal Obama fez questão de contrapor ao optimismo dos democratas a necessidade de cerrar fileiras e de trabalhar para eleger Harris, advertindo contra a complacência.

"Não importa quão bem nos sentimos esta noite, ou amanhã, ou no dia seguinte. Isto continua a ser uma batalha difícil. E por isso não podemos ser os nossos piores inimigos", exortou Michelle Obama, apelando à capacidade de compromisso entre diferentes tendências, movimentos e facções do universo democrata – "Não podemos ter o complexo da Caracolinhos Dourados sobre se cada coisa é perfeita", disse – e exigindo acção perante o medo – "Não podemos alimentar as nossas ansiedades sobre se este país irá eleger alguém como Kamala, em vez de fazermos tudo o que for possível para que alguém como Kamala seja eleita", declarou.

Com apenas "onze semanas" até às eleições, como assinalou, Michelle apelou à união dos democratas perante o risco de Kamala Harris, filha de mãe indiana e pai jamaicano, vir a ser alvo de uma campanha de desinformação e racismo por parte do adversário republicano. "Infelizmente, sabemos o que aí vem. Sabemos que eles vão fazer tudo para distorcer a sua verdade. Durante anos, Donald Trump fez tudo o que estava ao seu alcance para tentar que as pessoas nos temessem. A sua visão limitada e estreita do mundo fê-lo sentir-se ameaçado pela existência de duas pessoas trabalhadoras, altamente qualificadas e bem-sucedidas que, por acaso, também são negras", acusou, referindo-se ao historial de ataques racistas dirigidos pelo republicano contra o casal.

"Quem é que lhe vai dizer que o emprego a que ele está neste momento a candidatar-se é um daqueles 'empregos de negros'?", questionou também, em referência aos "empregos de negros" que Trump disse que os imigrantes ilegais estão supostamente a roubar.

"Não precisamos de mais quatro anos de fanfarronice, negligência e caos. Já vimos esse filme e todos sabemos que a sequela é habitualmente pior. A América está preparada para um novo capítulo, para uma nova história. Estamos preparados para uma Presidente Kamala Harris", declarou por seu turno Barack Obama, atacando Trump.

"Eis aqui um bilionário de 78 anos que ainda não parou de choramingar sobre os seus problemas desde que desceu as suas escadas rolantes douradas há nove anos", ironizou. "Tem sido uma torrente constante de lamúrias e birras que só pioraram agora que está com medo de perder para Kamala. São as alcunhas infantis e as teorias de conspiração malucas, é esta obsessão estranha com o tamanho das multidões", disse, provocando uma gargalhada generalizada na arena do United Center.

Obama aproveitou também para prestar tributo ao Presidente, Joe Biden, após semanas de especulação em torno do papel do ex-chefe de Estado na campanha de pressão que precedeu a desistência do seu antigo "vice" a uma recandidatura à Casa Branca.

"A história recordará Joe Biden como o Presidente que defendeu a democracia num momento de grande perigo. Tenho orgulho em chamá-lo 'meu Presidente', mas tenho ainda mais orgulho em chamar-lhe 'meu amigo'."

MICHAEL REYNOLDS/EPA



CRAIG HUDSON/REUTERS



Michelle e Barack Obama deliciaram os congressistas, que encheram o pavilhão

> **Ex-Presidente defendeu que o país não precisa de "mais fanfarronice, negligência e caos"**

Harris confirmada

A segunda noite da convenção democrata de Chicago arrancou com a contagem dos delegados eleito nas primárias por cada um dos estados e territórios norte-americanos, e pelo círculo dos democratas no exterior, confirmando a nomeação de Harris como a candidata do partido às presidenciais de Novembro.

A actual vice-presidente estava a uma hora a norte do recinto, em Milwaukee, no decisivo Wisconsin, acompanhada por Tim Walz, a sua escolha para "vice", num comício na arena Fiserv, no preciso local onde os republicanos realizaram a sua convenção há um mês. Hoje, último dia da reunião dos democratas, Harris fará já em Chicago o seu discurso de aceitação da nomeação, que encerrará oficialmente a convenção.

Em Chicago tinha ficado na noite de terça-feira Doug Emhoff, marido de Harris, que subiu ao palco para um discurso de carácter mais pessoal, contando como conheceu a então procuradora-geral da Califórnia, e como esta acolheu os filhos de Emhoff, fruto de um anterior casamento, sublinhando as suas qualidades humanas.

Noutros momentos de destaque da noite de terça-feira, o senador independente do Vermont, Bernie Sanders, fez um discurso centrado na defesa da agenda económica de Harris e aproveitou para exigir um "cessar-fogo imediato em Gaza". O apelo foi recebido com aplausos na arena, sinalizando que a exigência encontra um apoio significativo entre os delegados democratas.

Antes, o senador Chuck Schumer acusou Trump de anti-semitismo pelo seu convívio com figuras da extrema-direita americana. A senadora Tammy Duckworth, veterana da guerra do Iraque, onde perdeu as duas pernas num ataque, criticou Trump por ter escapado ao serviço militar no Vietname por ter bicos de papagaio, uma antiga linha de ataque dos democratas, e pelo seu papel na revogação de *Roe vs. Wade*, focando-se nas suas potenciais implicações para o acesso à técnica de fertilização *in vitro*. J.B. Pritzker, senador do Illinois e um multimilionário, acusou Trump de não ser tão rico quanto alega, num ataque dirigido ao ego do republicano.

EUROPA PRESS



Foi neste complexo desportivo que Mateo foi esfaqueado no domingo

Extrema-direita espanhola usa assassínio de criança contra imigração

Sofia Lorena

Ao contrário do que aconteceu em Southport, os extremistas espanhóis ainda não conseguiram provocar motins

A família de Mateo, um menino de 11 anos que morreu esfaqueado no domingo quando jogava futebol em Mocejón, localidade de Toledo, enterrou-o ontem, pedindo privacidade e respeito. Juan, o alegado (e confesso) autor do crime, um jovem espanhol de 20 anos, com deficiência intelectual, será hoje presente ao juiz. Mas nada disto importa aos políticos e activistas de extrema-direita com centenas de milhares de seguidores que continuam a alimentar teorias da conspiração.

Entre os que atiçaram as redes sociais, inventando e propagando teorias sobre a identidade do assassino, que seria um magrebino – um MENA (Menor Não Acompanhado, designação que em Espanha se dá aos menores estrangeiros que entram no país de forma irregular sem os pais) –, estão agitadores conhecidos e membros de grupos neonazis, mas também líderes de partidos, deputados e autarcas.

A tragédia de Mocejón apanhou a extrema-direita espanhola numa guerra em que a imigração tem sido a principal arma. Os protagonistas são o partido da direita radical Vox e a nova formação Acabou-se a Festa, que irrompeu nas europeias de Junho, somando mais de 800 mil votos e elegendo três eurodeputados, incluindo o fundador, o influenciador digital de extrema-direita (e antigo apoiante do Vox) Alvise Pérez. Mas nem a direita tradicional do Partido Popular escapa. Vários investigadores espanhóis também dizem tratar-se de uma tentativa de replicar o que aconteceu há menos de um mês em Southport, no Reino Unido, onde informações falsas, identificando o suspeito de matar três crianças como um “imigrante” ou “radical islâmico”, desencadearam motins violentos.

A morte de Mateo, pelas 10h, acabara de chegar às notícias quando Alvise partilhou uma imagem do Google Maps que mostrava a proximidade entre o campo de futebol e uma mesquita. Ao início da tarde, enumerava: “4 esfaqueamentos na Catalunha, o assassínio de um menino à facada em Toledo, mais *cayucos* [barcos de madeira em que migrantes chegam às ilhas] em Tenerife... Já normalizaram que vos violem, assassinem e roubem?” Depois, relacionou o crime com a chegada de “50 africanos” a Mocejón. Mais tarde, relataria uma “avalanche de esfaqueamentos”, “espancamentos de idosos”, “violações em grupo” e “vários homicídios”, “em menos de 24 horas”, por toda a Espanha.

“Estão a fazer de Espanha um país irreconhecível e perigoso”, escreveu no domingo à noite na rede X (antigo Twitter) o líder do Vox, Santiago Abascal, que fez dos menores não acompanhados um dos principais alvos do partido que em 2023 esteve a poucos votos de chegar ao poder, quando se esperava que o PP vencesse as eleições legislativas. Ao mesmo tempo, também na rede X, o presidente da câmara de Badalona, Xavier García Albiol (que já liderou o PP catalão), descrevia um grupo de jovens marroquinos que teria visto num *ferry* de Ibiza para Barcelona: “O que acontecer depois, com quase toda a certeza, já a maioria de nós sabe.”

Ameaçado pela direita por Alvise, o Vox tem intensificado a sua campanha contra a imigração. Com o Verão e o aumento das chegadas de migrantes, os apelos desesperados dos governos das Canárias e de Ceuta para que milhares de menores sejam redistribuídos por outras regiões e a tentativa do Governo de esquerda para regular a solidariedade com as comunidades receptoras têm servido para alimentar a narrativa. Em Julho, quando o PP aceitou que cinco regiões que governava com o Vox recebessem um total de 209 menores, Abascal pôs fim a estas coligações.

Em resposta a Mocejón, a Procuradoria-Geral abriu uma investigação para determinar se as mensagens difundidas podem constituir “crimes de ódio” e o procurador da Audiência contra os crimes de ódio e discriminação, Miguel Ángel Aguilar, propôs mudar a lei para que os utilizadores das redes sociais tenham de estar “devidamente identificados” e proibir o acesso a estas redes aos que cometam crimes de ódio.

Ataques em Gaza fazem dezenas de mortes após negociações de cessar-fogo

Irão avisa que resposta à morte de Ismail Haniyeh pode ser demorada, mas que será calculada e precisa

Os ataques aéreos israelitas na Faixa de Gaza mataram pelo menos 50 palestinianos entre terça e quarta-feira, informaram ontem as autoridades sanitárias palestinianas, depois de o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, ter terminado a sua última visita à região com um acordo de tréguas ainda indefinido.

Enquanto os esforços diplomáticos de última hora continuavam a tentar um cessar-fogo na guerra que dura há dez meses entre Israel e o Hamas, o Exército israelita disse que os jactos atingiram cerca de 30 alvos em toda a Faixa de Gaza, incluindo túneis, locais de lançamento de *rockets* e um posto de observação do Hamas.

As forças israelitas mataram dezenas de combatentes armados e apreenderam armas, incluindo explosivos, granadas e espingardas automáticas. As Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) atingiram uma escola e uma casa vizinha na cidade de Gaza, matando pelo menos três pessoas e ferindo 15, informaram os Serviços de Emergência na Faixa de Gaza.

Por seu lado, os militares israelitas afirmaram, num comunicado a que a Reuters teve acesso, que tinham atingido os militantes do Hamas que operavam num centro de comando localizado no interior de um complexo que anteriormente servia de escola. As IDF acusam o Hamas de continuar a operar a partir de instalações e áreas civis, uma alegação que o grupo islamista dominante em Gaza nega.

Na cidade de Bani Suhaila, perto de Khan Younis, no Sul da Faixa de Gaza, um ataque aéreo israelita matou sete palestinianos num acampamento de tendas para pessoas deslocadas, segundo os médicos. Os militares emitiram novas ordens de evacuação na zona de Deir Al-Balah, no centro de Gaza, onde centenas de milhares de palestinianos deslocados pelos combates procuraram abrigo.

As ordens, que segundo os militares eram necessárias para retirar os civis do que se tinha tornado “uma perigosa zona de combate”, foram rapidamente seguidas de fogo de tanques, tendo pelo menos uma pessoa sido morta e várias feridas por tiros de metralhadora, segundo os médicos e os residentes. O conflito prosseguiu enquanto Blinken concluía a sua nona visita ao Médio Oriente desde o início da guerra de Gaza, sem que houvesse sinais de que as profundas divergências entre as partes sobre a forma de pôr fim à guerra pudessem ser resolvidas.

Para as pessoas deslocadas que ficaram expostas em Deir Al-Balah, a falta de progressos no sentido de um cessar-fogo agravou a miséria enquanto procuravam um espaço longe dos combates.

“Para onde é que vamos? Para onde iremos?”, disse Aburakan, 55 anos, uma pessoa deslocada da Cidade de Gaza, no Norte do território, que teve de mudar de refúgio cinco vezes desde Outubro. “Sentimos que estão a aproximar-se. Vivo a algumas centenas de metros das zonas ameaçadas e, desde manhã cedo, tenho procurado em vão um espaço no Oeste de Deir Al-Balah, Khan Younis ou Nuseirat”, disse à Reuters, através de uma aplicação de *chat*. “Infelizmente, podemos morrer antes de vermos o fim desta guerra. Toda a conversa de cessar-fogo é uma mentira.”

Os funcionários palestinianos e das Nações Unidas afirmam que a maior parte dos 2,3 milhões de habitantes foi deslocada internamente devido às operações terrestres e aos bombardeamentos de Israel.

Entretanto, e ao mesmo tempo que decorriam as conversações para um cessar-fogo, o porta-voz da Guarda Revolucionária do Irão, Alimohammad Naini, afirmou, ainda na terça-feira, que a retaliação iraniana contra Israel pela morte do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão, poderá ser longa. “O tempo está a nosso favor e o período de espera para esta resposta pode ser longo”, disse Naini. Segundo o responsável, “o inimigo” deve, ainda assim, esperar por uma resposta calculada e precisa. **Reuters**



Deir Al-Balah foi alvo dos ataques da aviação israelita



“A Ucrânia conseguiu reverter a narrativa de que estava lentamente a perder a guerra”

Lesia Ogryko A analista, do Sahaidachnyi Security Center e ECFR, diz que a Ucrânia já conseguiu ganhos tácticos com acção em Kursk. E que a Rússia intensifica ataques quando há fraqueza



Entrevista

Maria João Guimarães

A Ucrânia surpreendeu ao entrar na Rússia e conquistar território. A questão central é agora saber se a Ucrânia consegue traduzir os ganhos a curto prazo numa vantagem estratégica duradoura, diz a analista Lesia Ogryzko, directora do Sahaidachnyi Security Center (em Kiev) e *visiting fellow* do European Council on Foreign Relations (ECFR), numa entrevista telefónica com o PÚBLICO.

Como descreveria a actual situação, com a Ucrânia a ganhar território em Kursk e a Rússia a avançar para Pokrovsk?

Estamos agora numa situação em que ambos os exércitos reivindicam ganhos territoriais ao mesmo tempo. As forças armadas ucranianas estão a prosseguir em grande velocidade na zona de Kursk e as forças armadas russas estão a obter algumas vitórias, apenas algumas, mas ainda assim são graduais no Leste da Ucrânia, na região de Pokrovsk.

Quanto à velocidade dos ucranianos, o sucesso é bastante rápido, em termos de ganhos militares e territoriais. Em duas semanas ou um pouco mais, a Ucrânia assumiu o controlo de um território que é duas vezes maior do que o conquistado pela Rússia desde o início do ano.

Isto significa que toda a ofensiva russa no Donbass desde o início do ano, mais o avanço no Sul, mais a tentativa de ofensiva na região do Kharkiv [Carcóvia] tiveram metade da eficácia de uma única operação realizada em apenas duas semanas pelas forças armadas ucranianas.

Quando as pessoas perguntam o que a ofensiva conseguiu e qual era o objectivo – embora eu ache que o objectivo é muito mais estratégico –, penso que isto por si só já é muito importante quanto à eficácia dos ucranianos em acções assimétricas na frente militar.

Enquanto isso, a Rússia avança a leste.

A Rússia estará a lutar por Pokrovsk o mais possível. Temos de compreender a posição estratégica de Pokrovsk – é a última aglomeração a caminho da fronteira administrativa com a região de Donetsk. E de Pokrovsk pode-se ir para norte, para cercar Kramatorsk, e depois avançar para os campos de batalha de Kharkiv, onde a Rússia tentou também iniciar uma ofensiva. Depois pode ir para sul, para avançar na fronteira na região de Zaporijjia, unindo-se a forças que já estão nessa região. Este é um ponto de batalha muito estratégico para os russos e têm de mostrar algum sucesso desde o início do ano.

E estão a tentar ao máximo, estão a utilizar activamente a aviação, a lançar milhares de *drones*, bombas planadoras que têm atingido muito as forças ucranianas, e também civis, estão a usar muita artilharia.

Estão a fazer isto, independentemente das perdas. Esta é uma táctica que têm vindo a usar durante toda a invasão em grande escala, em que usam pessoas como se fossem um material descartável: usam pequenos grupos, que muitas vezes são destruídos pelas forças ucranianas, mas que fazem um avanço, digamos de 500 metros, e mandam outro imediatamente a seguir, que ganha, talvez, mais uns 100 metros, e assim sucessivamente.

Portanto, de um ponto de vista de guerra do século XXI, isto é simplesmente bárbaro, não é guerra moderna, mas é assim que eles fazem as coisas praticamente em todos os campos de batalha e é algo com que não podemos competir, porque para a Ucrânia a vida humana e as forças armadas ucranianas são valiosas e não podemos lutar da mesma forma bárbara que eles. Isso dá-lhes uma vantagem técnica.

No curto prazo, uma questão-chave será saber se a Ucrânia consegue manter o território na região de Kursk.

Sem dúvida. A Ucrânia tem três opções. Pode entrincheirar-se e tentar manter estes territórios, pode retirar-se, ou pode ainda tentar conquistar mais território para usar como instrumento de negociação no futuro.

Penso que a primeira será uma das mais plausíveis, mas não sei – não alego ser parte do comando –, mas ganha tempo especialmente numa altura antes das eleições americanas e quando poderia ser obrigada a negociar em circunstâncias muito pouco favoráveis.

Retirar-se: pode ser obrigada a retirar-se, mas, mesmo nesse caso, os ganhos tácticos já foram conseguidos. Conseguiu-se desviar algumas forças russas do Sul, perderam a iniciativa estratégica aí; as forças ucranianas já causaram danos em algumas infra-estruturas de transporte em território em volta da região de Kursk, o que vai dificultar o avanço da Rússia. E temos de considerar que um dos objectivos tácticos de começar esta operação foi precisamente evitar que os russos começassem uma ofensiva na região de Sumi. As linhas de abastecimento da Rússia também estão sob pressão, porque têm de ir para três direcções ao mesmo tempo, leste, norte, sul. Por isso, mesmo que a Ucrânia retire, já vemos vários ganhos tácticos além do estratégico de que já toda a gente falou, de expor os limites [da Rússia], das negociações, etc.

Quanto à terceira opção, a de obter mais território, bem, não tenho a certeza de que a Ucrânia tenha os recursos necessários para manter muito mais território.

Mas, no fundo, a questão é saber se a Ucrânia consegue traduzir os ganhos a curto prazo numa vantagem estratégica duradoura.

Mesmo que conquistemos mais território, o que tem sido realmente importante é ver o que acontece a nível estratégico, como começamos quaisquer negociações com os aliados ocidentais para fornecerem mais armamento, como procuramos intermediários para iniciar algum tipo de conversação com os russos...

Para que haja mais avanços, estes têm de ser conjugados com aspectos mais estratégicos que têm de ser muito rápidos, porque não tenho a certeza de que os ucranianos consigam manter



Em duas semanas ou um pouco mais, a Ucrânia assumiu o controlo de um território que é duas vezes maior do que o conquistado pela Rússia desde o início do ano

GEORGE IVANCHENKO/EPA



muito mais território de forma muito eficaz.

Mas as forças ucranianas surpreenderam o mundo inteiro tantas vezes... por isso, não vou ser categórica neste ponto.

Em relação à exposição de um *bluff* de Putin em relação aos seus limites e à possibilidade de conversações de paz, não poderá haver ainda uma retaliação? Uma fonte dizia ao *New York Times* que a acção levará Putin mais facilmente a uma vingança do que a uma negociação.

Antes de tudo, não tenho visto muitas tentativas de Putin iniciar quaisquer negociações significativas, e sublinho significativas.

As suas declarações [de Putin] antes da cimeira da NATO em Washington, em Julho deste ano, falam por si, quando disse que a Ucrânia tem de ceder território que a Rússia nem sequer conquistou militarmente, o que não faz sentido sob nenhum ponto de vista, que era preciso desmilitarizar a Ucrânia, etc. Estes disparates, coisas absurdas são, para mim, sinais muito claros e directos de que Putin não está verdadeiramente empenhado em iniciar quaisquer negociações.

Se começassem negociações, claro que esta operação seria um trunfo nas mãos da Ucrânia, são exactamente essas operações e acções assimétricas da Ucrânia que ajudarão em futuras negociações. A única questão aqui é se essas [negociações] serão viáveis num futuro próximo.

E quanto ao facto de a Rússia afirmar novamente que isto levará a uma retaliação, isto é, mais uma vez, o mesmo limite que tentou traçar em muitas outras coisas — o fornecimento de armas, a ponte Kerch [Crimeia], o ataque da Crimeia com armas fornecidas pelo Ocidente, devolver Kherson, tudo era um limite. Consideramos todas estas declarações, depois da operação em Kursk, como mentiras.



Não tenho a certeza de que os ucranianos consigam manter muito mais território de forma muito eficaz



Penso que foi um erro enorme, e uma pena, toda a discussão sobre escalada (porque a discussão sobre os limites é uma discussão sobre escalada). A escalada é a maior arma e a arma mais eficaz de Putin em relação ao Ocidente, e o Ocidente tem sempre acreditado, de cada vez, que tudo o que forneçam e tudo o que façam vai ser uma escalada. E isso ajudou Putin a ganhar tempo devido ao atraso na entrega de armas à Ucrânia, porque o Ocidente tem feito um exercício de dar aos poucos [material militar] à Ucrânia, o que ajudou [a Rússia] a consolidar uma série de recursos e a atacar a Ucrânia, quando esta estava numa posição de muita vulnerabilidade.

Por isso, se Putin quisesse intensificar o conflito, já o teria feito. Mas penso que a única escalada verdadeira foi a que vimos em 2022, no início da guerra em grande escala, depois de o Ocidente ter demonstrado fraqueza em 2014.

Putin vai intensificar a escalada quando se mostrar fraqueza, penso que esta é uma mensagem que muitos no Ocidente continuam a não perceber.

Um dos objectivos desta acção da Ucrânia foi obter mais armas do Ocidente, mísseis de maior alcance, etc. Acha que os aliados vão responder de um modo que permita à Ucrânia levar a cabo mais ataques mais profundos em território russo?

Espero que isto desencadeie um processo muito mais decisivo e resoluto do Ocidente. Mas acho que uma coisa extremamente importante e que já foi parcialmente alcançada é o facto de muitos no Ocidente terem deixado de defender o "congelamento" da guerra, quando esta entrou efectivamente em Kursk.

A Ucrânia conseguiu reverter a situação, porque Putin, ao discutir quaisquer possíveis negociações ou cessar-fogo, tem repetido constantemente a fórmula de que as negociações têm de ter em conta as chamadas "realidades no terreno", entre aspas, o que significa que todos os territórios conquistados têm de permanecer russos, etc.

O ponto de vista e a posição da Ucrânia sempre foi o de que a sua integridade territorial tem de ser respeitada. Agora, tendo conquistado parte do território russo, esta fórmula de que as negociações devem ter em conta as realidades no terreno deixa Putin numa situação muito desfavorável no que respeita ao congelamento da guerra.

Por isso, e isto é algo que muitos observadores e comentadores do Ocidente não mencionaram ainda, acho que este é um dos resultados estratégicos que pode não ter sido o objectivo por si só, mas é um resultado que a Ucrânia já não seja forçada a sentar-se à mesa das negociações numa condição extremamente desfavorável.

Antes da operação em Kursk, o cenário era esse. Agora invertemos a situação.

Outra coisa muito importante que aconteceu foi o reverter da narrativa de que a Ucrânia estava lentamente a perder a guerra, que durava há quase um ano, desde a contra-ofensiva ucraniana do Verão passado que foi infelizmente vista por muitos no Ocidente como um fracasso — embora eu discorde disso, porque tivemos bons ganhos no mar Negro.

Mas o facto de a Ucrânia ter assumido o controlo de um território tão vasto num período de tempo tão curto mostrou realmente que os ucranianos ainda podem a) tomar a iniciativa na guerra e b) combater a narrativa de que os russos são imbatíveis.

E este é um dos mais importantes enquadramentos mentais e narrativas no Ocidente que estava a prejudicar a vitória da Ucrânia, a ideia que os russos não podem ser derrotados.

Portanto, no geral, penso que, além de mais armas e a capacidade de atacar dentro do território russo — resta saber se este objectivo será alcançado após a operação em Kursk —, estes aspectos estratégicos já foram parcialmente ou totalmente conseguidos.

Há algo mais que ache que não está a ser discutido sobre este assunto e queira acrescentar?

Talvez algo que não vi dito em lado nenhum sobre a organização que a Rússia criou com outros países, uma aliança semelhante à NATO, a Organização do Tratado de Segurança Colectiva. E o que é interessante é que este tratado inclui uma obrigação que é basicamente a mesma do artigo 5.º da NATO [em que um ataque armado contra um dos membros é considerado um ataque a todos e assim implica acção conjunta].

Esta operação mostrou a ineficácia evidente desta chamada "aliança militar" entre a Rússia e os outros países que fazem parte dela, porque nenhum país que faz parte desta organização decidiu mandar forças militares para ajudar a defender a Rússia.

Isto pode não ser assim tão importante, porque esta organização não tem sido tratada com muita seriedade pelo Ocidente, mas esta operação mostrou que a organização é mais um *bluff*, tal como os limites da Rússia.

Com o mercado estagnado, maioria dos bancos já oferece *spread* abaixo de 0,8%

Em Agosto, e numa altura em que o mercado de crédito tem estado estagnado, o *spread* mínimo oferecido pela maioria dos grandes bancos já está abaixo de 0,8%. Há dois anos, a oferta rondava 1%

Rafaela Burd Relvas

A descida das taxas de juro tem demorado a reflectir-se nas prestações a pagar pelas famílias com crédito à habitação, mas a trajectória de queda mantém-se há vários meses e, no último mês, registou-se nova redução. E o alívio começa a sentir-se, também, noutra frente, com quase todos os bancos a entrarem na luta pela captação de clientes, numa altura em que as carteiras de crédito têm permanecido praticamente estagnadas e em que o mercado imobiliário está em contracção. Em Agosto, considerando apenas as maiores instituições de crédito a operar em Portugal, o *spread* mínimo oferecido já está abaixo de 0,8% na maioria dos casos, quando há dois anos a oferta ainda estava em 1%.

Os montantes de novo crédito à habitação até aumentaram na primeira metade deste ano, mas não a ritmo suficiente para compensar as amortizações antecipadas de crédito, que têm vindo a pesar sobre as contas dos bancos.

No conjunto do primeiro semestre, de acordo com os dados mais recentes do Banco de Portugal (BdP), as novas operações de crédito totalizaram 10.900 milhões de euros (contando com o montante de renegociações de empréstimos), um aumento de quase 9% face a igual período do ano passado.

Ainda assim, a carteira total de crédito à habitação fixou-se em 99.693 milhões de euros no final de Junho, um aumento de apenas 0,2% em relação ao ano passado. Mas, e tal como destaca o Banco de Portugal, esta foi a primeira variação anual positiva no *stock* de empréstimos à habitação desde Junho de 2023, num período marcado pelo volume significativo de amortizações antecipadas, opção seguida por várias famílias para enfrentar o aumento do custo dos empréstimos.

Esta evolução é, também, um reflexo do desempenho do mercado imobiliário, em queda há quase dois anos. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o número de casas vendidas em Portugal a cada trimestre está a cair, em relação ao ano anterior, desde a segunda metade de 2022, chegando a apresentar quedas superiores a 20% no ano passado.

Já no primeiro trimestre deste ano (último período para o qual há dados disponíveis), esta contracção do mercado tornou-se menos acentuada e o número de vendas de casas caiu 4% em relação a igual período do ano passado.

É perante este cenário que os bancos têm procurado atrair clientes para reforçar o segmento que continua a representar praticamente metade da carteira total de empréstimos a particulares e empresas da banca portuguesa.

O levantamento feito pelo PÚBLICO aos preçários dos dez principais bancos a operar em Portugal, tendo em conta o volume de crédito a particulares – Caixa Geral de Depósitos (CGD), BCP, Santander, BPI, Novo Banco, Montepio, Crédito Agrícola, Bankinter, Banco CTT e Abanca –, mostra que o *spread* (componente da taxa de juro que é definida pelo banco e que, na prática, representa a sua margem comercial) mínimo cobrado por estas instituições, nos contratos com taxa variável indexada à Euribor, era, em Agosto, igual ou inferior a 0,8% em quase todos os casos (a única excepção era o Novo Banco, que oferece um *spread* mínimo de 0,9%).

Considerando a média destes dez bancos, o *spread* mínimo oferecido era, em Agosto, de 0,77%, já abaixo daquilo que se verificava no início deste ano, quando a média era de 0,84%.

Já em 2022, praticamente todos estes bancos ofereciam *spreads* mínimos de 1%, ou acima desse valor (nessa altura, entre estas instituições, o Bankinter era a única com um valor abaixo, de 0,95%).

Desde Janeiro deste ano, quase todos os bancos mantiveram ou baixaram este indicador - o Novo Banco volta a ser a única excepção, tendo aumentado o *spread* mínimo de 0,8% para 0,9%, enquanto o banco público foi aquele que avançou com a maior redução, de 1,1% para 0,75%.

0,77%

Considerando a média de dez bancos, o *spread* mínimo oferecido era, em Agosto, de 0,77%, já abaixo do verificado no início deste ano (0,84%)

Spread médio abaixo de 1%

Alguns vão mais longe e têm a decorrer campanhas promocionais em que oferecem *spreads* mínimos inferiores a estes, ainda que de forma apenas temporária. É o caso do BCP, que oferece um *spread* de zero nos dois primeiros anos do contrato de crédito à habitação, embora com várias condições, como a domiciliação do ordenado numa conta à ordem do banco ou a obrigatoriedade de dois débitos directos mensais.

Também o Santander oferece um *spread* promocional de 0,5% durante os primeiros dois anos de contrato, novamente impondo várias condições.

A tendência é generalizada no sector e não se restringe apenas aos maiores bancos. No conjunto de 2023, de acordo com o mais recente relatório de acompanhamento do mercado de crédito publicado pelo Banco de Portugal, o *spread* médio (considerando todas as ofertas, e não apenas o valor mínimo oferecido pelos bancos) praticado pela banca portuguesa era de 0,93%, um número que ficou abaixo de 1% pela primeira vez desde 2009.

DANIEL ROCHA



Com o mercado imobiliário em queda e as amortizações antecipadas a subirem, a carteira de crédito à habitação dos bancos está a diminuir

União Europeia tem reservas de gás natural a 90% da capacidade

Ana Brito

Meta global de armazenamento de gás natural na União Europeia foi antecipada em dois meses

Os Estados-membros da União Europeia (UE) anteciparam em dois meses a meta de armazenamento de gás natural fixada para 1 de Novembro, atingindo no início desta semana um patamar global de reservas de 90%.

Um facto que a Comissão Europeia não deixou passar em branco, destacando que os dados fornecidos pela associação europeia de operadores de infra-estruturas de gás (Gie) são um indicador da "preparação europeia para enfrentar o próximo Inverno" e o resultado "do trabalho intensivo dos últimos dois anos e meio", no seguimento da agressão militar russa à Ucrânia.

"Os níveis de armazenagem de gás atingiram 1025TWh, ou 90,02% da capacidade de armazenagem – o equivalente a pouco menos de 92 mil milhões de metros cúbicos (bcm) de gás natural – em 19 de Agosto." Trata-se de quantidades fundamentais para a segurança do aprovisionamento europeu, "uma vez que [o armazenamento] pode cobrir até um terço da procura de gás da UE no Inverno", destacou a Comissão Europeia.

A garantia de que o sistema energético europeu funciona sem constrangimentos, apesar da crise energética provocada pela Rússia em 2022 (que levou à publicação do novo Regulamento do Armazenamento de Gás, onde se inclui esta meta anual de armazenamento pré-Inverno, com metas intermédias em Maio, Julho, Setembro e Fevereiro), é também uma garantia de que a UE pode continuar a ser solidária com a Ucrânia, sublinhou a comissária europeia com a pasta da Energia, Kadri Simson.

A situação no país "está muito mais difícil", já que o sector energético continua a ser alvo permanente de ataques da Rússia. "A Europa deve continuar a apoiar a Ucrânia e a fornecer o apoio necessário ao seu sistema energético, para que também a população ucraniana possa atravessar em segurança o Inverno rigoroso que se avizinha", afirmou Simson.

Portugal a 97,5%

Os dados das reservas de gás recolhidos pela Gie e ontem divulgados mostram que a média europeia de reservas está actualmente nos 90,02% (replicando o que aconteceu em 2023, quando o indicador foi atingido a 18 de Agosto), destacando-se Espanha, com um nível de reservas de 100%.

Portugal, que é, a seguir à Suécia, o país com menor capacidade de armazenamento da UE (de 3,4TWh), tem neste Agosto as reservas a 97,49% da capacidade, o que também se explica pelo facto de as centrais eléctricas a gás estarem a ser menos solicitadas devido à existência de condições de produção de electricidade renovável.



HANNIBAL HANSCHKE/LUSA

UE passou a importar mais GNL para compensar o corte dos gasodutos russos

Na Alemanha, motor económico da Europa e maior consumidor europeu de gás, os reservatórios estão a 93,44%, mesmo sendo, de longe, os que têm maior capacidade: 232TWh, seguidos pelos 183TWh de Itália, o segundo maior consumidor de gás europeu (91,37%).

Além da introdução de regras sobre o armazenamento, a UE tem estado a aplicar um plano de redução de consumo de gás natural que tem contribuído para a redução das importações, apesar de a taxa de dependência energética do bloco continuar nos 90%. Segundo os dados sobre importações de energia compilados pelo departamento estatístico europeu, Eurostat, em 2023 as importações totais de gás natural da UE diminuíram 19,8% (18.487.075 terajoules).

Peso das importações russas diminuiu no gás de gasoduto, mas subiu no gás natural liquefeito

No mesmo período, a procura interna de gás natural na UE caiu 7,1% em comparação com 2022 (12.719.409 terajoules), com as maiores quebras de consumo a ocorrerem em Portugal (20,2%), Áustria (13,2%) e República Checa (11,9%).

Com o início da guerra contra a Ucrânia, a Noruega passou a ser o maior fornecedor de gás de gasoduto à Europa, atingindo uma quota de 46,6% no primeiro trimestre deste ano, seguida pela Argélia, com uma fatia de 19,7%, acima dos 17% que ainda são assegurados pela Rússia.

O gás natural liquefeito (GNL), entregue por navio e depois regaseificado, tornou-se fundamental para substituir o gás russo, embora muito deste também seja proveniente da Rússia, que tem Espanha como principal importador.

Face ao primeiro trimestre de 2023, o peso do GNL russo nas importações europeias subiu 4,4 pontos percentuais, para 17,7%, o que colocou a Rússia como a segunda maior fornecedora de GNL à UE até Março, apesar de distante dos Estados Unidos, que têm a primeira posição e garantem quase metade (47,4%) do GNL que chega aos terminais europeus.

"Bónus" às pensões será alvo de retenção de IRS autónoma

Pedro Crisóstomo

O suplemento extraordinário para as pensões mais baixas que será pago pelo Governo em Outubro vai ser tributado em IRS de forma autónoma em relação à pensão desse mês. É o que acontece com os subsídios de férias e Natal e com as remunerações do trabalho suplementar, que, pela lei, segundo as regras do Código do IRS, "são sempre objecto de retenção autónoma, não podendo, para cálculo do imposto a reter, ser adicionados às remunerações dos meses em que são pagos."

O Ministério das Finanças confirmou ontem que, à semelhança do que aconteceu "em situações anteriores, nomeadamente em 2022, o suplemento de pensão será sujeito a retenção na fonte de IRS", com uma taxa autónoma. Isso significa que a entidade pagadora da pensão (pense-se no caso da Segurança Social) não irá somar os dois valores para, em função do patamar de rendimentos, saber qual é a taxa de IRS que irá reter.

Quando o reformado receber a pensão regular de Outubro, irá ver retido IRS sobre essa fatia de acordo com a percentagem prevista nas tabelas de retenção; depois, será retido um valor, de forma autónoma, sobre o suplemento e, aí, a taxa de retenção será a mesma, "a que corresponder ao valor da pensão referente a esse mês", explica o Ministério das Finanças, num esclarecimento enviado ao PÚBLICO. É a mesma regra que se aplica às situações em que um trabalhador recebe uma remuneração pelo trabalho suplementar, pois, aí, o Código do IRS já prevê que a taxa de retenção "é a que corresponder à remuneração mensal" em que a entidade patronal paga o complemento.

A solução da taxa autónoma, diz o Ministério das Finanças, irá salvaguardar que os pensionistas não sofrem "um agravamento" da taxa de retenção de IRS "relativamente à taxa que é normalmente aplicável à pensão."

O suplemento aos pensionistas foi anunciado pelo primeiro-ministro, Luís Montenegro, num evento partidário do PSD, durante a tradicional festa do Pontal, a 14 de Agosto.



As Finanças, lideradas por Miranda Sarmento, estão a preparar as novas tabelas de retenção na fonte

Será um suplemento para os pensionistas com menores rendimentos e irá variar entre 100 e 200 euros. Segundo a Lusa, quem tem uma pensão de velhice até 509,26 euros irá receber 200 euros brutos; no degrau seguinte, até aos 1018,52 euros, recebe um suplemento de 150 euros; daí para cima até às pensões de 1527,78 euros, o suplemento é de 100 euros.

Como o Governo se prepara para ajustar as tabelas de retenção na fonte do IRS para reflectir o desagravamento do imposto aprovado pelo Parlamento em Junho, ainda não se sabe que taxas se aplicam a estes valores. Para já, só se conhecem as tabelas que se encontram em vigor, aquelas que ainda se aplicam às pensões pagas em Agosto.

A partir de Setembro já deverão vigorar as novas tabelas de retenção.

Em Setembro, a par com as novas tabelas, o Governo conta ainda "aprovar um mecanismo para fazer retroagir" a redução do IRS, "que terá em conta as retenções na fonte já aplicadas sobre os rendimentos do trabalho e pensões" de Janeiro a Agosto. Há poucas semanas, o ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, adiantou que a ideia passa por aplicar em Setembro uma taxa "mais baixa do que aquela que depois vai vigorar a partir de Outubro" – isto é, em Setembro há uma taxa mais baixa e em Outubro uma outra que, embora seja mais alta, deverá ser inferior à que estava em vigor de Janeiro a Agosto.

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso 4050-318 Porto
Tel. 22 615 10 00
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS



Seleciona

Coordenador(a) do Núcleo de Desenvolvimento Académico - cargo de Direção Intermédia de 3.º grau (M/F)

Os requisitos formais de provimento, perfil exigido, composição do júri e métodos de seleção serão publicitados na Bolsa de Emprego Público, durante dez dias, a partir de hoje.

Consultar o *Diário da República*, II Série, n.º 160, de 20/08/2024.

O prazo de candidatura encerra a 04/09/2024.

Lisboa, Instituto Superior Técnico, 21 de agosto de 2024



ANÚNCIO

Avisam-se os interessados de que se encontra aberto Procedimento Concursal Comum para a constituição de relação jurídica de emprego público por tempo Indeterminado, para 1 (um) posto de trabalho da carreira de Investigação Científica, na categoria de Investigador Auxiliar, para a área científica de "PMEs inovadoras e de base tecnológica" - Doutoramento em Engenharia Eletrotécnica, do mapa de pessoal, do Instituto Politécnico de Bragança aberto pelo aviso abaixo discriminado, publicado em *Diário da República* n.º 161, II Série de 21 de agosto de 2024. cujo prazo termina no dia 03 de outubro de 2024

Aviso 18108/2024/2

Instituto Politécnico de Bragança

A Coordenadora dos Recursos Humanos
Drª. Sandra Cristina Cancelinha



Edital n.º 1226/2024

Sumário: **Discussão pública - licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 54/1996, processo n.º 15/1996/13243/0 - E/35384/2024**.

Discussão Pública - Licença da Operação de Loteamento Titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 54/1996, processo n.º 15/1996/13243/0 - E/35384/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao Lote D1/2/3, da licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 54/1996, sito no Lugar da Tojeira ou Santa Tecla, da freguesia de Braga (São Vítor), deste concelho, em que é requerente Mármores Centrais do Minho, S. A., e consiste no seguinte: alteração do uso da Fração A de Comércio para Comércio/Serviços (2G+C/S/C+7H); a área de construção destinada a Comércio/Serviços passa a ser de 129,00 m² e a área de construção destinada a Comércio passa a ser de 705,00 m². As referidas alterações implicam modificações aos valores globais do loteamento, passando a área de construção destinada a Comércio/Serviços para 129,00 m² e a área de construção destinada a Comércio para 1 770,00 m², mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Não há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta, na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga.

Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

4 de julho de 2024

O Vereador, João Vasconcelos Barros Rodrigues



FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DO SECTOR DA PESCA

CGTP

CONVOCATÓRIA

XII Congresso da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca

Nos termos dos estatutos, convocam-se os Sindicatos filiados na Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca, para a realização do XII Congresso da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca, no próximo dia 16 de Novembro de 2024 (Sábado), pelas 09h30, no Auditório Conde Ferreira, Sesimbra, com seguinte Ordem de Trabalhos:
1.º Ponto: Alteração dos Estatutos;
2.º Ponto: Discussão Caderno Reivindicativo 2024/2028;
3.º Ponto: Eleição da Direcção para o mandato 2024/2028:
Lisboa, 13 de agosto de 2024

A Direção



EDITAL N.º 42/2024

Plano Municipal de Ação Climática de Cantanhede (PMAC-C)
Abertura do período de consulta pública

Pedro António Vaz Cardoso, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, torna público, para os efeitos do previsto no artigo 9.º da Lei n.º 98/2021, 31 de dezembro (Lei de Bases do Clima), e em cumprimento da deliberação da Câmara Municipal de 07 de agosto de 2024, que a proposta de Plano Municipal de Ação Climática de Cantanhede (PMAC-C) se encontra em consulta pública, durante 10 (dez) dias úteis, contados a partir do dia seguinte à publicação do presente Edital na 2.ª Série do *Diário da República*.

A respetiva documentação encontra-se disponível para consulta dos interessados na página da internet do Município em www.cm-cantanhede.pt, bem como em suporte físico nas instalações do Município, no serviço de atendimento do Departamento de Urbanismo, nos dias úteis das 9:00h às 16:00h.

Durante o referido período de consulta pública, qualquer interessado poderá apresentar as suas observações ou sugestões, por escrito, em documento devidamente identificado, mencionando o assunto "Plano Municipal de Ação Climática de Cantanhede", dirigido à Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, e entregue em mão nestes serviços ou ainda enviado para o email pmac@cm-cantanhede.pt, ou por correio para a morada - Praça Marquês de Marialva, 3060-133 Cantanhede.

Para conhecimento geral e devidos efeitos, se publica o presente Edital que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Cantanhede, 09 de agosto de 2024

O VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
Com competências delegadas
Pedro António Vaz Cardoso



Processo de Seleção e Recrutamento (M/F)

Publicita-se a abertura do seguinte processo de seleção e recrutamento no sítio da Área de Recursos Humanos da Universidade de Aveiro (https://www.ua.pt/pt/sgrh/pessoal-tag-novos-concursos-e-ofertas):

Nos termos da alínea c) do n.º 3 do artigo 23.º dos Estatutos da Universidade de Aveiro, na versão homologada pelo Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicados na 2.ª Série do *Diário da República*, de 24 de abril de 2017, e do Regulamento de Carreiras, Retribuições e Contratação do Pessoal Técnico, Administrativo e de Gestão em regime de contrato de trabalho da Universidade de Aveiro, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 173, de 4 de setembro de 2020, alterado pelo Despacho n.º 8321/2023, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 158, de 16 de agosto de 2023, pretende-se contratar em regime de contrato de trabalho sem termo, ao abrigo do Código do Trabalho, aprovado e publicado em anexo pela Lei n.º 7/2009, de 12 de Fevereiro

Ref.ª CND-CTST-125-SGRH/2024 – Um (1) Técnico Superior, na 2.ª posição remuneratória, nível 16 (€ 1.439,31), acrescido do direito a subsídios de refeição, de férias e de Natal, para exercer as seguintes funções:

- Desenvolvimento do programa educativo na área da física;
- Organização dos laboratórios de ciências físicas e robótica;
- Desenvolvimento e criação de espaços para divulgação da física ou robótica;
- Dinamização de atividades de divulgação científica junto de públicos;
- Apoio no desenvolvimento de projetos na área da física;
- Desenvolvimento de conteúdos educativos na área da física e da robótica.

REQUISITOS DE ADMISSIBILIDADE:
HABILITAÇÕES:
- Licenciatura em Física.

Caso a habilitação académica tenha sido obtida no estrangeiro, exige-se reconhecimento, equivalência ou registo do grau nos termos da legislação aplicável.

OUTROS REQUISITOS:
- Será particularmente valorizada a experiência profissional de pelo menos 3 anos na área da comunicação de ciência e divulgação científica, em museus ou centros de ciência;
-Experiência no desempenho de funções análogas às atribuições indicadas no ponto I;
- Experiência no desempenho de funções como apresentador de Shows de Física;
- Possuir conhecimentos em: modelação 3D, animação 2D, hardware Makey-Makey, hardware Arduino, programação Scratch, programação Mblock e programação Python.
- Conhecimentos de informática na ótica do utilizador, comprovando excelente domínio dos softwares Matlab, Microsoft Office e Sketch up.

VALIDADE DO PROCEDIMENTO:
O procedimento concursal é válido para ocupação de idênticos postos de trabalho, a ocorrer no prazo máximo de 12 meses contados da data de homologação da lista de ordenação final do presente procedimento.
O prazo de candidatura é de 10 dias úteis, contados a partir da data da publicação do anúncio no jornal.

Universidade de Aveiro, em 15 de julho de 2024
O Reitor, Prof. Doutor Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira



ANÚNCIO N.º 272/2024

Alteração ao Alvará de Loteamento n.º 4/2001

Na sequência do meu despacho proferido em 02/08/2024, no uso da competência delegada e para os efeitos previstos no n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99 de 16 de dezembro, na atual redação e nos termos da alínea e) do n.º 1 do artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo, procede-se à notificação de todos os proprietários dos lotes/frações do loteamento titulado pelo alvará n.º 4/2001, sito em Caliças ou Moirato-Odiáxere, da Freguesia de Odiáxere, pelo período de 10 dias úteis após a publicação do presente anúncio na II Série do *Diário da República*, para se pronunciarem por escrito, se assim o entenderem, sobre a alteração ao alvará atrás citado, (Proc. n.º 7/2023), apresentado por Sociedade Investimentos Turísticos das Caliças Lda.

Nestes termos, os elementos do referido projeto encontram-se disponíveis para consulta no sítio de *internet* da Câmara Municipal em www.cm-lagos.pt (balcão virtual - participação pública), podendo todos os interessados, no decurso do prazo acima indicado, apresentarem, por escrito, as reclamações, observações ou sugestões que acharem por convenientes.

Lagos, 13 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara
Hugo Miguel Marreiros Henrique Pereira







Aviso

Reserva de Recrutamento
Técnico Superior de Diagnóstico e Terapêutica

Radiologia

A Unidade Local de Saúde do Algarve, E.P.E. pretende constituir uma reserva de recrutamento para o exercício de funções de Técnico Superior de Diagnóstica e Terapêutica na área de Radiologia, em regime de contrato individual de trabalho, nos termos do Código do Trabalho e do art.º 17.º do DL 52/2022 de 4 de agosto. A reserva de recrutamento encontra-se aberta pelo prazo de 3 dias úteis a contar do dia seguinte da data de publicação do presente aviso.

1. **Local de Trabalho:** Unidade Local de Saúde do Algarve, E.P.E.;
2. **Período de Trabalho:** O período de trabalho é de 35 horas semanais (trinta e cinco horas);
3. **Remuneração:** €1333,35 (mil trezentos e trinta e três euros e trinta e cinco cêntimos);
4. **Critérios de Admissão:** Serão admitidos os candidatos que, até ao termo do prazo de apresentação de candidaturas, reúnam os seguintes requisitos:
   - Licenciatura em Radiologia ou imagem Médica e Radioterapia;
   - Cédula profissional;
   - Preferencialmente com experiência de trabalho em Equipa Multidisciplinar;
   - Disponibilidade imediata.
5. **Formalização das candidaturas:** Os interessados deverão apresentar as respetivas candidaturas no prazo de 3 dias úteis, mediante envio da seguinte documentação:
   - *Curriculum Vitae* (modelo Euro-Pass) atualizado;
   - Formulário geral de candidatura (disponível na página da internet);
   - Certificado de habilitações
   - Cédula profissional

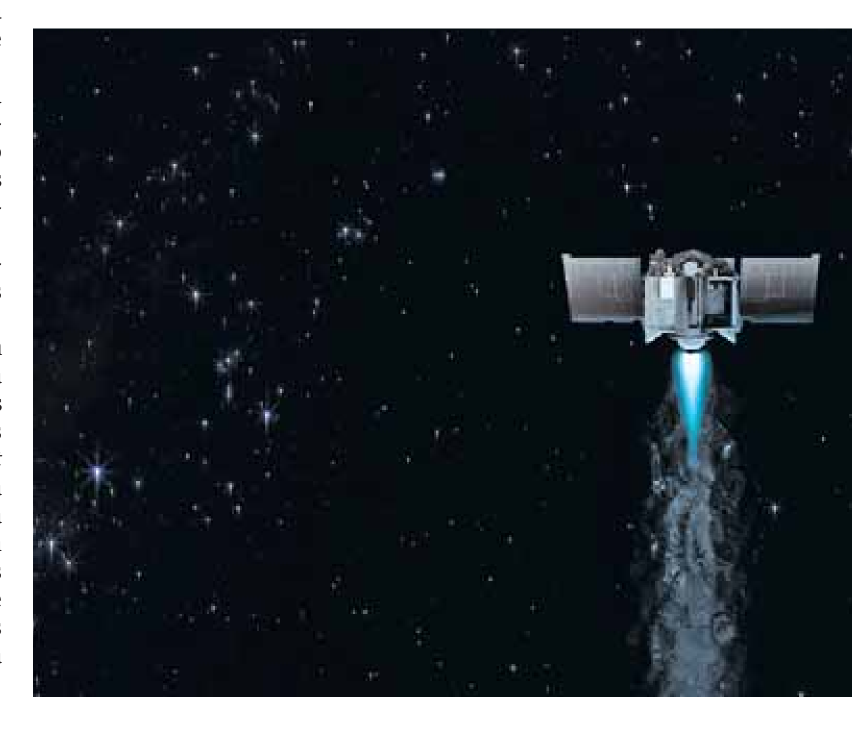
Enviar a candidatura para o endereço: expediente@chalgarve.min-saude.pt (o assunto da mensagem de correio deverá ser "Procedimento Concursal de Seleção de Técnico Diagnóstico e Terapêutica na área de Radiologia)

6. **Prazo de Validade:** A reserva de recrutamento constituída no âmbito do presente recrutamento é válida pelo prazo de um ano.

Há um enorme asteróide próximo da Terra – mas não é caso para ter medo

O asteróide Apófis passará tão perto da Terra em 2029, que nalgumas zonas da Europa e de África será visível como um ponto de luz. Os cientistas alertam para a falta de missões de estudo deste asteróide, que iriam melhorar a defesa da Terra





Lizette Ortega

Uma enorme rocha espacial vai passar pela Terra daqui a alguns anos, aproximando-se a uma velocidade dez vezes maior do que uma bala. É a primeira vez que um asteróide deste tamanho (340 metros de diâmetro) se aproxima o suficiente para as pessoas em algumas zonas da Europa Ocidental e de África o consigam ver a voar no céu como uma estrela em *sprint*, sem a necessidade de telescópios sofisticados ou binóculos. Quase dois mil milhões de pessoas poderão testemunhar este acontecimento raro.

Para que não restem dúvidas: o asteróide não vai atingir a Terra – pelo menos durante o nosso tempo de vida ou o da próxima geração. Em vez disso, como se o Universo estivesse a ser irónico, esta rocha espacial sobrevoará o planeta de forma assustadoramente próxima a 13 de Abril de 2029, uma sexta-feira.

O asteróide chama-se Apófis e estará mais perto da Terra do que os satélites que permitem a monitorização do clima e cerca de dez vezes mais próximo do que a Lua.

"A natureza está a realizar para nós uma experiência que ocorre uma vez em milhares de anos. Temos de descobrir como observar [cientificamente este momento]", refere Richard P. Binzel, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos.

O Apófis é uma oportunidade única para estudar asteróides. E observar de perto este asteróide pode ajudar os cientistas a descobrir como proteger o nosso planeta contra um asteróide que possa atingir a Terra no futuro. Mas as missões espaciais demoram anos a desenvolver-se e estamos a menos de cinco anos para que o Apófis sobrevoe a Terra.

"Estamos a ficar sem tempo", avisa Jason Kalirai, do Laboratório de Física Aplicada da Universidade Johns Hopkins, também nos Estados Unidos.

Eis o Apófis

O Apófis é tão largo como a altura da Torre Eiffel. Embora os cientistas ainda não tenham imagens do asteróide, têm utilizado dados de radar para estimar que o Apófis tem aproximadamente a forma de um amendoim (mas gigante).

Embora a rocha esteja silenciosamente a diminuir a sua actividade no espaço, esse não era o caso quando foi descoberta em Junho de 2004 por cientistas do Observatório Nacional de Kitt Peak (Estados Unidos). Mais tarde, nesse mesmo ano, os investigadores calcularam uma probabilidade de 2,7% de que o encontro do asteróide com a Terra em 2029 fosse uma colisão violenta – e não um sobrevoo inofensivo.

"Se [o asteróide] encontrasse uma área povoada, poderia destruir uma cidade do tamanho de Nova Iorque", indica Daniella DellaGiustina, cientista responsável pela missão da NASA ao asteróide Apófis apelidada de "Osiris-Apex".

O Apófis deu uma primeira impressão tão má que recebeu o nome do deus egípcio das trevas e do caos. Os cientistas só em Março de 2021 descartaram qualquer colisão de Apófis com a Terra durante os próximos 100 anos.

Através de uma antena de rádio com 70 metros de comprimento, colocada na Califórnia (Estados Unidos), os cientistas recolheram os dados necessários para limpar o nome do Apófis e removê-lo da Lista de Risco de Impacto Sentry da NASA – uma lista de asteróides com alguma hipótese de colidir com a Terra no próximo século.

O Apófis passará a 32 mil quilómetros da Terra – mais coisa, menos coisa. Quando dois objectos se aproximam no espaço, exercem forças um sobre o outro, ou seja, tal como a Terra sofre as forças de maré geradas pela Lua, o Apófis sentirá as forças de maré provocadas pela Terra.

Enquanto a atracção gravitacional da Lua provoca marés altas na Terra, a atracção gravitacional da Terra provoca pequenos terramotos em Apófis. O sobrevoo do asteróide marcará a primeira oportunidade para ver actividade sísmica num asteróide.

32

mil quilómetros é a distância a que o asteróide Apófis passará da Terra em Abril de 2029, o que é cerca de dez vezes mais próximo do que a Lua está de nós

Perseguição de asteróides

Agora que os cientistas sabem que o Apófis não é perigoso, têm outro problema em mãos: como chegar ao Apófis a tempo. "O que estamos a fazer sobre o Apófis? Diria que não é suficiente", defende Jason Kalirai.

Embora o Apófis tenha sido uma fonte de fascínio durante duas décadas, ninguém sabe realmente como é. Muitas das suas propriedades básicas permanecem desconhecidas, incluindo a massa e estrutura.

Mais recentemente, as capacidades de defesa da Terra foram postas à prova pela sonda DART, da NASA, em que uma sonda colidiu com sucesso contra um asteróide para mudar a sua órbita. Embora os investigadores estejam orgulhosos da missão DART, realçam que o *kit* de ferramentas de autodefesa da Terra não está completo. A defesa planetária não consiste apenas em lançar socos celestiais. Os cientistas precisam também de ser capazes de localizar asteróides e estudar as suas características para montar uma resposta eficaz.

SOCIEDADE PLANETÁRIA

UNIVERSIDADE DO ARIZONA



Ilustração artística do asteróide Apófis; e da sonda espacial Osiris-Apex, que a NASA redireccionou para ir ao encontro do Apófis, depois de ter completado uma outra missão ao asteróide Bennu

"O Apófis é uma oportunidade para testar que tipo de esforços de caracterização podem ser feitos para compreender melhor um objecto específico. As lições retiradas disto podem ser aplicadas no futuro, quando encontrarmos um asteróide a vir na nossa direcção", admite Terik Daly, cientista planetário das missões DART e Osiris-Apex.

A missão Osiris-Apex da NASA irá redireccionar uma sonda espacial para caracterizar o Apófis após o seu momento de maior aproximação à Terra. A missão vai estudar como o asteróide foi afectado pela gravidade da Terra, utilizando imagens de alta resolução da superfície do Apófis.

A sonda Osiris-Apex também pode usar os seus propulsores para levantar poeiras no asteróide. Com esta capacidade, os cientistas aprenderão quão densa é a superfície do Apófis, o que os pode ajudar a saber como desviá-lo no futuro, caso seja necessário. Caso o asteróide tenha uma superfície resistente que não se parta facilmente, uma abordagem de impacto como com a sonda DART pode não ser eficaz na alteração da órbita do asteróide.

> **Se [um asteróide como este, com 340 metros de diâmetro] encontrasse uma área povoada, poderia destruir uma cidade do tamanho de Nova Iorque**
>
> **Daniella DellaGiustina**
> Cientista da NASA

Uma inspecção minuciosa dos asteróides também pode ajudar a responder a questões antigas sobre o nosso sistema solar, incluindo: de onde veio a água da Terra? Ao comparar a água na Terra e nos asteróides, os cientistas podem procurar semelhanças que forneçam pistas sobre a forma como este importante recurso chegou ao nosso planeta há milhares de milhões de anos.

Mas a Osiris-Apex não pode ir sozinha. Como esta sonda espacial da missão já está em órbita e com combustível limitado, só poderá chegar ao Apófis em Junho, dois meses depois da sua maior aproximação à Terra.

Se os cientistas quiserem compreender completamente o asteróide e como foi afectado pela Terra, são necessárias missões que estudem o Apófis antes e durante a sua maior aproximação. Até ao momento, a Osiris-Apex é a única missão confirmada e totalmente financiada para ir a este asteróide.

"Nem Bruce Willis"

No "Apófis a 5 anos", um *workshop* de dois dias para promover a colaboração internacional nas missões Apófis, os cientistas presentes propuseram mais de 20 sondas espaciais e cargas úteis para enviar. "Num mundo ideal, teríamos uma frota de missões para o Apófis", diz Jason Kalirai. Mas os cientistas têm menos de cinco anos para criar, construir e lançar uma missão.

Além do tempo, falta dinheiro para pagar estas missões. "Nem dinheiro, nem Bruce Willis", diz Richard P. Binzel, numa referência ao filme de 1998 *Armageddon* em que a personagem de Bruce Willis salva o mundo em tempo recorde face à ameaça de um asteróide.

Fruto disto, muitos cientistas estão a tentar redireccionar missões antigas para vencer o relógio e poupar a carteira. Os especialistas estão a pedir à NASA que estude o pré-voo do Apófis com a sonda Janus, que deveria ter sido lançada em 2023 com outro intuito. Após atrasos sucessivos da missão, esta missão foi congelada indefinidamente.

Os cientistas presentes neste *workshop* descreveram um encontro pré-voo com o Apófis como uma missão à procura de uma sonda espacial. Acreditam que esta necessidade poderia ser satisfeita pelos satélites Janus, que são sondas espaciais à procura de uma missão.

A Blue Origin, empresa espacial privada fundada por Jeff Bezos, adiantou que a sua sonda Blue Ring poderá encontrar-se com o Apófis três meses antes do sobrevoo. A sonda tem 13 espaços para carga útil, permitindo que o custo da missão seja partilhado por várias empresas ou instituições.

De todas as propostas que circulam, uma missão desenvolvida pela Agência Espacial Europeia (ESA, na sigla em inglês) é a que está mais perto de ser concretizada. Num acto de reciclagem semelhante à Osiris-Apex [que antes foi recolher amostras do asteróide Bennu e as enviou numa cápsula para a Terra, onde aterrou em Setembro de 2023], a missão Rapid Apófis para a Segurança Espacial (também conhecida como "Ramses"), utiliza a tecnologia construída para a missão Hera, que deverá ser lançada este ano para estudar o rescaldo da sonda DART.

A Ramses encontraria o Apófis dois meses antes do seu sobrevoo pela Terra e ficaria por perto para observar como será afectado pela gravidade da Terra. A missão monitorizaria a forma como a Terra altera a rotação do Apófis, algo que terá um papel importante na aparência da órbita do asteróide no futuro.

O conselho do programa de Segurança Espacial deu permissão à ESA para começar a trabalhar na missão. No entanto, a missão Ramses ainda não é certa: aguarda a aprovação final para financiamento por parte do Conselho de Ministros da ESA, que tomará a sua decisão no final do próximo ano.

Embora a exploração espacial seja tecnicamente complicada, há avanços que tornam possíveis mais missões. Os cientistas chegaram a enviar uma sonda espacial para cavar um asteróide e devolver pedaços à Terra. Como resultado, grande parte da tecnologia necessária para explorar o Apófis já existe, tornando o estrangulamento actual sobretudo uma questão financeira.

Embora haja uma probabilidade quase nula de a Terra dar de caras com um asteróide capaz de provocar uma extinção em massa em breve, há 100% de probabilidade de um asteróide devastador atingir a Terra num dado momento. "A questão é quando e se seremos capazes de o evitar antes que isso aconteça", alerta Bruce Betts, cientista responsável da Sociedade Planetária, instituição norte-americana que defende a exploração espacial.

Ao contrário da maioria dos desastres naturais, as colisões de asteróides são evitáveis, se existirem ferramentas para monitorizar estas rochas espaciais e agir em autodefesa, se necessário.

Construir o *kit* de ferramentas de defesa do planeta Terra não é uma questão de medo, de acordo com Richard P. Binzel. "Trata-se simplesmente de uma responsabilidade sensata."

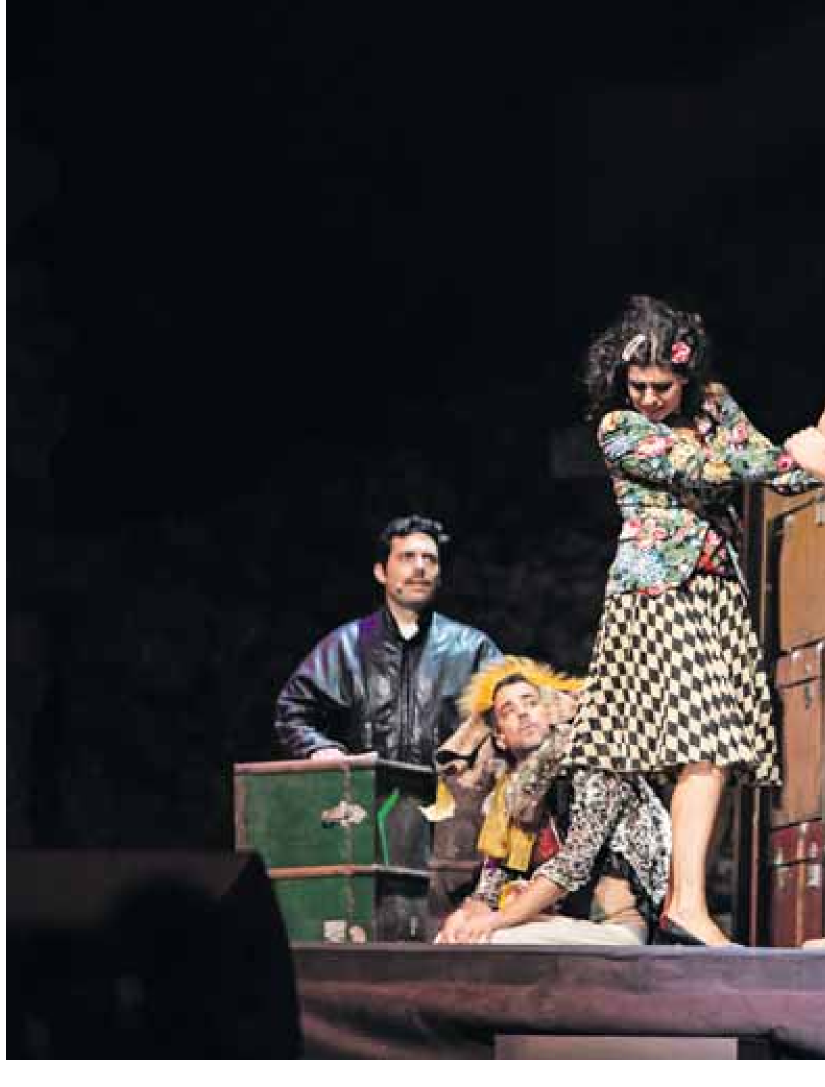
Exclusivo PÚBLICO/ *The Washington Post*

Uma aldeia siciliana, com ciúmes e tudo, para começar o Operafest

Dupla verista *Cavalleria Rusticana* e *Os Palhaços* abre o festival que, à quinta edição, se estende a Oeiras, mas terá um *Don Giovanni* e a habitual *rave* em Lisboa

Joana Amaral Cardoso Texto
Catarina Póvoa Fotografia







A escolha é apropriada para um festival que ambiciona dessacralizar a ópera e levá-la a mais público do que aquele que cabe no Teatro Nacional São Carlos: a dupla verista *Cavalleria Rusticana* (1890), ou "Cavalheirismo Rústico", de Pietro Mascagni e *Os Palhaços* (1892), de Ruggero Leoncavallo. Verista porque integra a corrente artística italiana do realismo, numa aproximação do *bel canto* ao povo, simplificando o repertório operático. Anteontem à noite, as rajadas de vento nos Jardins do Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras, não ocultavam o notório crescimento do festival Operafest, que ali mesmo hoje arranca. Do coro à orquestra, passando pela lotação, este festival de ópera independente chegou, à sua quinta edição, "à nossa Versalhes", compara a soprano e directora artística Catarina Molder.

Realismo é a chave do verismo, e realismo houve num ensaio batido pelo vento, que amainará por estes dias para gáudio da equipa e do público. *Cavalleria Rusticana* e *Os Palhaços* são normalmente encenadas em conjunto, tendo a primeira apenas um acto e a segunda dois. Ainda ao lusco-fusco, faziam-se os testes de luz frente à Cascata dos Poetas, num palco de maiores dimensões do que as que permitiam, até aqui, os jardins do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em Lisboa, e que por isso acomoda um coro de 40 pessoas. A seus pés, uma formação de 60 elementos, da Orquestra Filarmónica Portuguesa, dirigida por Osvaldo Ferreira.

Muitas das partituras são digitais, mas o maestro usa papel e tem por isso sempre alguém sentado ao seu lado a proteger as páginas do vento. A coordenação milimétrica dos instrumentistas (um violinista precaveu-se com um gorro) contrasta com a aldeia siciliana recriada em palco e com o frenesim de *Cavalleria Rusticana*, em que a soprano Catarina Molder canta o amor e a traição e o coro se agita frente a uma carrinha e a um monte de malões de viagem de lata.

É a segunda vez que Mónica Garnel encena uma ópera (a primeira foi *A Flauta Mágica*, de Mozart, precisamente no último Operafest) e já sabe ao que vem. "É completamente diferente encenar espectáculos ao ar livre, seja ópera, teatro ou dança, e dentro de uma sala. Por variadíssimas razões, nomeadamente a parte técnica – os bastidores, os jogos e os trabalhos são diferentes, mas é uma experiência intensa aproveitar a envolvência do espaço. As árvores, as noites de Verão, esta fusão do teatro no meio da natureza e do jardim abrem possibilidades muito interessantes."

Os choupos, os jacarandás e as nogueiras anuem, soprados pela brisa. A noite cai, enceta-se o trabalho à volta de um dos actos de *Os Palhaços*. As expectativas são elevadas para este arranque do festival. A capacidade do espectáculo de abertura passou de centenas de pessoas para 1450 potenciais espectadores. "É um *upgrade*, digamos", sorri Mónica Garnel. Em orçamento este projecto de paixão de Catarina Molder também cresceu.

A Direcção-Geral das Artes finalmente contemplou o Operafest com apoios, sobretudo para suporte da estrutura laboral, a Câmara Municipal de Oeiras abriu os braços ao projecto e injectou também apoio relevante, a Câmara Municipal de Lisboa mantém-se entre os parceiros, a par do Turismo de Lisboa ou da Fundação La Caixa, entre outros, e do investimento da própria Catarina Molder. "O Operafest depende ainda muito da bilheteira", lamenta. "A ópera é a arte performática mais dispendiosa." Mas à quinta edição, regozija-se, conseguiu-se fazer grande ópera neste festival. O seu gesto abarca a dimensão que o evento ganhou. Um relvado gigante, onde o presidente da autarquia de Oeiras, Isaltino Morais, fuma o seu charuto assistindo a um pedaço dos ensaios, a equipa fervilhante. "Comecei com 80 mil euros e este ano temos 800 mil", diz a directora artística ao PÚBLICO, antes de correr para o palco para cantar.

Os figurinos são como o cenário. Está muita coisa a acontecer, não há padrão que se intimide com a presença de outro, não necessariamente concordante, nas saias, nas calças ou nos casacos. Domina a alegria, a intensidade, condizendo com o lado passional destas histórias. "Estas obras são da corrente verista, abordam os conflitos das pessoas reais; já não são as óperas de Mozart com reis, rainhas, fantasia, duendes. Entramos no mundo das pessoas comuns", diz Mónica Garnel.

Os trabalhos do vento

Andeka Gorrotxategi, o mais importante tenor basco dos últimos 50 anos, é uma das estrelas deste festival e enfatua-se a falar dos seus papéis em ambas as óperas, grandes clássicos que lhe põem um chapéu de feltro maleável na cabeça e um colete espartano no tronco. "Os personagens de *Cavalaria* [*Rusticana*] e *Os Palhaços* têm uma vertente muito masculina", sublinha, falando de ciúmes, de traições, de álcool e, mais uma vez, do "acto de violência masculina". Transita entre protagonistas com facilidade.

Menos simples, admite, é o trabalho de cantar ao ar livre. "Do ponto de vista vocal, é mais difícil, sobretudo incómodo", frisa. "Estamos habituados a cantar dentro de um espaço fechado em que a voz ressalta nas paredes e tem um retorno

> **Estas obras abordam os conflitos das pessoas reais; já não são as óperas de Mozart com reis, rainhas, fantasia, duendes**
> **Mónica Garnel**
> Encenadora



A soprano Catarina Molder e o tenor Andeka Gorrotxategi. Osvaldo Ferreira com Orquestra Filarmónica Portuguesa

natural. A céu aberto temos microfones e chega-nos um retorno dos altifalantes, o que ajuda muito, mas não deixa de ser algo artificial. Não sabemos onde está o equilíbrio, que em teatro atingimos de forma natural." O desafio estimula-o. "Tecnicamente é o mesmo, mas há que ter em conta que parece que temos de cantar com mais volume, e é preciso controlar isso", diz, apontando para o microfone cor de pele colado à bochecha.

"A relação com a orquestra também muda muito, porque o som não vem directamente dos instrumentos, mas dos microfones [que os amplificam]. Perde-se algo. Num teatro escutamos o fosso, mesmo com microfones", compara. Mas a ópera a céu aberto, em semana de super Lua azul, é especial.

Enquanto decorrem as entrevistas na relva, passa-se de uma ópera para a outra. *Os Palhaços* já estão em cena, mas há coisas que não mudaram. "Estas óperas têm muitos pontos em comum, na temática e narrativa e o desafio tem sido olhar para as duas juntas como um espectáculo com um intervalo no meio", descodifica a encenadora. "Tentar que os toques de encenação que começam pela *Cavalaria* se prolonguem pelos *Palhaços* e que haja uma união, valorizando as semelhanças." Mónica Garnel quer "unir" as duas histórias para fazer delas uma obra "ainda maior", e dá exemplos.

Numa cena de ciúme entre os protagonistas da *Cavalaria* há uma coreografia de dança-luta, que é repetida n'*Os Palhaços*, noutro enredo. "Como arranca a *Cavalaria* é como termina *Os Palhaços*; se numa alguém lava as mãos e a cara, na outra a mesma pessoa vai lavar os pés", conta a encenadora. "Como se fosse um pensamento global."

Estas óperas, vistas como obras-primas e como tal integradas no ciclo *Grandes Clássicos* deste quinto Operafest, são paradigmáticas do movimento artístico e literário surgido na Itália do final do século XIX que tanto valoriza a verdade do sentimento e do canto, "que pode ser cru e agressivo, mas directo, com emoções verdadeiras", lê-se no programa do festival. O festival decorre, aliás, este ano sob o signo do tema "Instinto Fatal". "Sem mediação ou bonitas palavras."

De Camões à *rave*

Catarina Molder diz já ver efeitos no terreno de um dos objectivos do Operafest, que não quer ser Salzburgo ou Aix-en-Provence, dois dos maiores palcos mundiais da ópera: funcionar como um canal que permita o desenvolvimento desta prática artística, incentivando ao aparecimento de mais encenadores, mais cantores, mais criadores e mais récitas de ópera contemporânea. "Tem sido conquistado a ferros."

A aldeia siciliana continua em rebuliço. A orquestra avisa que terá de abandonar o ensaio em breve porque as cerdas dos arcos dos violinos, por exemplo, estão a ressentir-se do vento e têm de estar a postos para a estreia de hoje e as récitas de dias 24 e 26. O maestro manter-se-á ao piano, os cantores permanecerão estóicos. O arvoredo não pára de ondular, e entrevê-se a zona de "floresta" onde será encenado *O Polegarzinho*, ópera para crianças de Isabelle Aboulker, uma estreia nacional (dias 28 a 31, às 21h).

Depois, o festival volta a Lisboa. Da sua vasta programação destaca-se a homenagem aos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, com a estreia da cantata-*performance Tormento*, para *ensemble* vocal feminino e electrónica, a partir do Canto V de *Os Lusíadas*, no Palácio Sinel de Cordes (5 e 6 de Setembro, respectivamente às 21h e às 22h); ainda em torno de Camões, um poema sinfónico-coral encomendado a Nuno da Rocha será levado ao palco em Dezembro, com a Orquestra Metropolitana.

Com o MNAA em obras, este ano o Operafest ocupará sobretudo, na sua parcela lisboeta, o anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian. É lá que se verá *Don Giovanni,* de Mozart, estreia na ópera do encenador João Pedro Mamede, com o maestro Pedro Carneiro a dirigir a Orquestra de Câmara Portuguesa e um elenco liderado por Christian Lújan (30 e 31 de Agosto e 2 e 4 de Setembro, às 21h).

Garantida está a continuidade do concurso de ópera contemporânea Maratona Ópera XXI, desta feita com a Plataforma Novas Dinâmicas para a Ópera de Hoje e focada na construção de libretos, com uma oficina do escritor e dramaturgo Miguel Castro Caldas. A Cinemateca Portuguesa também renova a parceria com o Operafest, com um ciclo em que exibirá *Non, ou a Vã Glória de Mandar* (1990) e *O Velho do Restelo* (2014), de Manoel de Oliveira, e *O Rapaz do Cabelo Verde*, de Joseph Losey, tudo a 7 de Setembro. Depois, a 9, 10 e 11, passam *Juan* (2010), de Kasper Holten, a partir do *Don Giovanni de Mozart*, e *Pagliacci* (1982) e *Cavalleria Rusticana* (1982), ambos de Franco Zefirelli.

Não podia faltar, e não faltará, a *rave* operática que já é uma imagem de marca do Operafest: acontecerá no Titanic Sur Mer a 7 de Setembro, propondo uma fusão de ópera com electrónica, pop e *afrobeats*, num programa que inclui actuações dos Ena Pá 2000, a deusa urbana e Nídia.

O efeito Shepard Fairey na campanha de Kamala Harris

Joana Amaral Cardoso

Artista criou um cartaz na mesma linha do famoso *Hope*, com Barack Obama, mas agora em apoio a Kamala Harris: *Forward*

Na Convenção do Partido Democrata que decorre em Chicago, o tempo voltou atrás e a arte acompanhou-o. Anteontem, o antigo Presidente Barack Obama arrebatou a multidão, mas desta vez o seu *slogan* de campanha de 2008 "*yes, we can*" (sim, podemos) saiu da sua boca como "*yes, she can*" (sim, ela pode), num apoio à candidata e vice-presidente Kamala Harris que a antiga primeira-dama Michelle Obama reforçou dizendo que "a esperança está a regressar". "*Hope*" era a palavra do icónico cartaz de Shepard Fairey que ajudou a promover Obama. Está a acontecer novamente: Fairey criou um cartaz para Harris, cujo discurso é hoje na Convenção do Partido Democrata, e a palavra de ordem é "*Forward*" – que o tempo avance.

O *poster*, que já tem 76 mil "gostos" na rede Instagram, está disponível para descarregar gratuitamente e em alta resolução na Internet. Fairey, cuja carreira como artista urbano era já bem conhecida por trás da criação Obey Giant, tornou-se uma figura mais mediática e internacionalmente reconhecida graças ao efeito *Hope*, ou ao efeito Obama. Agora, inspirado pelas palavras de Kamala ("Não voltaremos para trás"), criou esta obra como um sinal de "activismo que todos possam usar de forma não comercial".

O PÚBLICO contactou a Obey Giant para apurar quantos *downloads* já foram feitos e se há comparação com o que sucedeu em 2008, mas a empresa não pôde fornecer esses dados em tempo útil.

"Não fui pago por ela e não beneficiarei financeiramente de forma alguma por ela. Criei esta obra puramente em busca de um futuro melhor", escreveu ao publicar a imagem que já começou a aparecer nas ruas. Em 2008, o cartaz de Fairey surgiu no centro de Chicago, em paredes e postes, na altura da convenção do mesmo partido que levaria Obama à presidência. Nos últimos dias, o *poster* de Kamala já apareceu em Chicago colado de forma proeminente por ocasião da convenção.

"Mas não vamos recuar. Na verdade, temos uma oportunidade muito real de avançar", escreve Fairey, enumerando áreas que considera essenciais e em que acredita que Harris pode vir a significar mudança: "um planeta saudável, responsabilidade empresarial", "igualdade no acesso à saúde", "políticas de imigração justas" e ganhar distância em relação ao "racismo, sexismo, xenofobia e homofobia".

A campanha democrata ganha um aroma ao momento histórico que foi a eleição de Obama após duas presidências do republicano George W. Bush, não só pelas inúmeras figuras públicas e estrelas que apoiam Harris de uma forma que não faziam com o Presidente, Joe Biden, mas também pelo clima geopolítico. "Enfrentamos ameaças cada vez maiores e adversários políticos regressivos", postula Fairey, falando de "fascismo e ameaças à democracia".

O acto artístico de Fairey é uma intervenção política significativa não só pelo lastro que *Hope* deixou, mas também porque Hillary Clinton não lhe mereceu a mesma atenção por não ser "suficientemente inspiradora". Mesmo tratando-se de uma eleição tão crucial quanto a de 2016, que deu a vitória a Donald Trump (contra quem fez cartazes com mulheres afro-americanas, muçulmanas e latinas).

Nos últimos meses, Fairey teve um dissabor ao ver a sua obra *Liberté, Egalité, Fraternité: laMarianne* [a mulher que representa a República Francesa] *d'Obey*, em fundo nos vídeos de campanha de Jordan Bardella, do partido extremista francês União Nacional, ornamentando-lhe o escritório. Ao diário francês *Le Monde* lamentou na altura o seu uso.

Fairey tem vários murais em Lisboa, nomeadamente um em homenagem à Revolução de 25 de Abril e outro em colaboração com o português Vhils.

LAWRENCE JACKSON



Cartaz do artista Shepard Fairey

Desporto Minhotos continuam sem sofrer golos em 2024-25



Vitória SC 3
Ricardo Mangas 46', Borevkovic 51', João Mendes 88'



Zrinjski Mostar 0

Estádio D. Afonso Henriques, em Guimarães. **Espectadores** 16.007

Vitória SC Bruno Varela; Alberto Baio (Miguel, 75'), Jorge Fernandes, Borevkovic 12', João Mendes; Kaio César (Telmo Arcanjo, 60'), Tomás Händel, Tiago Silva, Ricardo Mangas 37' (Samu, 69'); Nuno Santos 41' (João Mendes, 69'), Nélson Oliveira (Jesús Ramírez, 69').
Treinador Rui Borges

Zrinjski Mostar Marko Maric; Memija, Sunjic, Barisic 67', Ticinovic (Mamic, 74'); Savic 23' (Mlinar, 46'); Malekinusic (Prskalo, 90'), Ivancic, Posavec (Kis, 38'), Cuze; Mulahusejnovic (Topic, 90').
Treinador Mario Ivankovic

Árbitro Vassilis Fotias (Grécia)
VAR Tasos Sidiropoulos (Grécia)



Positivo/Negativo



Ricardo Mangas
Depois de um par de ensaios, surgiu a finalizar de primeira e a desbloquear o jogo dos vitorianos.

Tiago Silva
Procurou de forma consistente uma fenda na muralha do Mostar. Determinante do primeiro golo, a assistir Mangas.

Borevkovic
Sem ter sido testado na defesa, exceptuando os lances de bola parada, teve disponibilidade para ajudar e marcou o segundo golo, num canto.

João Mendes
Em menos de 20 minutos fez o golo que poderá ter garantido o triunfo no *play-off*.

Zrinjski Mostar
Arriscou muito pouco e acabou por ser vítima de uma entrada forte do Vitória SC na segunda parte. Tarefa ingrata para levar a cabo na Bósnia.

ESTELA SILVA/EPA



João Mendes celebra o terceiro golo do Vitória SC

Vitória SC imparável, a um passo da Liga Conferência

Vimaranenses construíram vantagem sólida com três golos na segunda parte e só precisam de saber gerir bem o jogo da segunda mão, na Bósnia, para fazer história

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

Continua imparável o Vitória SC, versão Rui Borges, que, com o triunfo (3-0) na primeira mão do *play-off* frente aos bósnios do Zrinjski Mostar, deu um passo firme rumo à fase de liga da Liga Conferência da UEFA.

Caso venha a confirmar-se na Bósnia e Herzegovina, dia 29, a superioridade evidenciada no Estádio D. Afonso Henriques, os vitorianos podem tornar-se no primeiro emblema português a alcançar a próxima fase da competição.

Até porque o Zrinjski Mostar não se poderá dar ao luxo de montar um bloco tão compacto como o apresentado em Guimarães, onde apostou no erro, especulando até onde lhe foi possível, o que condicionou claramente a dinâmica dos vimaranenses, que só nos primeiros minutos da segunda parte conseguiram derrubar a muralha bósnia.

A primeira parte resume-se a uma discrepância enorme na produção ofensiva, não só na posse de bola, mas também na percentagem de ataques e remates, tendo o Zrinjski Mostar rematado apenas uma vez, sem perigo, à baliza de Bruno Varela. Apesar do maior volume de jogo, o Vitória também não construiu verdadeiros lances de perigo, para além de um par de remates de meia distância e de um livre ensaiado que poderia ter quebrado mais cedo a resistência do opositor. No ataque surgiu Nélson Oliveira, que, a fechar a primeira parte, impediu inadvertidamente que Ricardo Mangas batesse o guarda-redes do Zrinjski Mostar.

Não foi a acabar o primeiro tempo, foi a começar o segundo, que Mangas voltou a festejar, finalizando ao segundo poste um cruzamento de Tiago Silva, que se infiltrou nas linhas "inimigas" graças a um passe de Tomás Händel. O Vitória estava na frente e não demoraria a reforçar a vantagem num pontapé de canto: o Zrinjski escolheu a marcação individual nos lances de bola parada e, no meio de "agarrões" mútuos entre defesas e atacantes, o croata Borevkovic emergiu para cabecear com a nuca, dissipando quaisquer dúvidas (51').

Apartir daí, o Zrinjski Mostar só podia fazer uma coisa para evitar que o *play-off* ficasse praticamente decidido a favor dos portugueses: surpreender Bruno Varela, que esta época ainda não consentiu qualquer golo. Tarefa ingrata, apesar de um lance em que a bola esteve quase a passar a linha de golo, mas que de nada valeria, pois a jogada estava ferida por posição irregular do jogador bósnio.

Ao Vitória SC competia gerir a vantagem sem se expor demasiado, mas mantendo um bom fluxo ofensivo, o que acabou por não ser totalmente conseguido. Como atenuante, a temperatura elevada e a fase muito precoce da temporada, o que obriga a compensar com sofrimento e pragmatismo quando as forças e a velocidade fraquejam. De qualquer modo, o Vitória SC cumpriu plenamente o objectivo frente a um adversário possante e forte nos lances de choque, estilo de jogo que se poderá acentuar na segunda mão.

Um terceiro golo fecharia a eliminatória e o Vitória foi à procura de uma vantagem ainda mais confortável. E, antes de o conseguir, ainda dispôs de um par de ocasiões que teriam confirmado a goleada: o lateral Alberto Baio já o tinha tentado, sem sucesso. O médio João Mendes (que substituiu Nuno Santos) esteve ainda mais próximo de celebrar – o guarda-redes teve intervenção providencial. Mas, à segunda, Mendes "facturou" mesmo e o Vitória SC está a um pequeno passo da fase de liga da competição.

Benfica deixa sair David Neres por 28 milhões de euros

Nuno Sousa

Extremo, que tinha uma cláusula de rescisão de 100 milhões de euros, perdeu espaço nas escolhas desde a chegada de Di María

Foi um jogador importante nas duas últimas épocas no Estádio da Luz, tinha contrato até 2027 e uma cláusula de rescisão de 100 milhões de euros, mas foi ontem oficializado como reforço do Nápoles, por quatro temporadas. O Benfica encaixa 28 milhões de euros com a transferência, a que podem somar-se mais dois milhões em função de objectivos.

Com este negócio, em que ficam obrigados a suportar os custos de intermediação (10%), os "encarnados" aproximam-se dos 92 milhões de euros de receitas com a venda de passes de jogadores em 2024/25, mas perdem também um dos principais agitadores da equipa. Ao abrirem mão do internacional brasileiro, de 27 anos, prescindem de um fantasista e de um dos poucos elementos do plantel capazes de desequilibrar em acções de um contra um.

Bom negócio? Mau negócio? A resposta não é clara, até porque mistura preceitos desportivos e financeiros. O que é facto é que, não contabilizando os salários, David Neres rendeu uma mais-valia de qualquer coisa como 13 milhões de euros, depois de ter sido adquirido pelo Benfica, ao Shakhtar Donetsk, por cerca de 15 milhões.

PEDRO NUNES/REUTERS



David Neres marcou 17 golos e fez 25 assistências no Benfica

Desportivamente, o criativo dos últimos meses é diferente do dos primeiros meses no Benfica. O clube "encarnado" escreveu no *site* oficial que, "na época 2023/24, a utilização de Neres diminuiu por força de uma lesão", e isso tem base factual, mas haverá que ter em conta que não foi apenas isso: Roger Schmidt deixou de olhar para o internacional brasileiro como o principal desequilibrador do Benfica.

Neres tinha gozado desse estatuto na primeira temporada no clube, mas perdeu espaço no ano passado, com a chegada de Di María. Chegou a jogar no corredor esquerdo e até a ponta-de-lança, algo que atestou a prioridade dada ao argentino para arrancar a partir da ala direita.

A perda de estatuto – e a confirmação da renovação de Di María para a nova temporada – deverá ter estado na origem da vontade do jogador de sair do clube, segundo foi confirmado pelo próprio Roger Schmidt antes da partida frente ao Famalicão, para a qual não convocou o brasileiro.

Nesta altura da época, porém, as "águias" têm sido fustigadas por lesões e a verdade é que, sem Di María, Rollheiser e Schjelderup, no último jogo, diante do Casa Pia, o Benfica só contava com Tiago Gouveia com o perfil de extremo – o português foi lançado na segunda parte e ainda contribuiu com uma assistência e um golo para o 3-0 final.

A David Neres, que nas duas temporadas na Luz conquistou um campeonato (falhou a Supertaça em 2023 por castigo), somando 17 golos e 25 assistências, juntam-se as saídas de Rafa (a custo zero, para o Besiktas), Tengstedt (cedido ao Verona), João Neves (por 60 milhões, para o PSG) e Paulo Bernardo (por 4 milhões, para o Celtic), totalizando 92 milhões de euros em transferências.

Em sentido contrário, o Benfica gastou até agora 41,5 milhões em reforços, com Pavlidis (18 milhões) à cabeça, mas ainda deverá regressar ao mercado para fechar o plantel.

O "forno" da Vuelta derreteu o pelotão e Bittner derreteu os rivais

Diogo Cardoso Oliveira

Ontem, as muitas horas de transmissão televisiva da etapa 5 da Volta a Espanha foram preenchidas por boa conversa sobre João Almeida, Primoz Roglic, as dinâmicas internas da Emirates e as probabilidades de vitória de vários ciclistas. E se foi isto que ocupou os comentadores é porque na estrada nada se passava - e também, convenhamos, porque o assunto Almeida estava "fresquinho" e era bastante rico.

Mas houve ciclismo? Mais ou menos. Durante 139 quilómetros, não houve muito. Vimos um pelotão a rolar atrás de dois aventureiros, sempre bem controlados, sobrevivendo a temperaturas entre os 35 e os 40 graus.

Já em Sevilha, depois de uma queda que levou Rui Costa ao chão – o português abandonou a prova –, houve cerca de quatro quilómetros de uma longa avenida sevilhana, como há muitas, com vitória de Pavel Bittner (DSM) numa chegada ao *sprint*. Bateu Wout van Aert por muito pouco, numa chegada na qual Kaden Groves, o terceiro, voltou a ser "enganado".

Volta a Espanha

5.ª ETAPA	
1.º Pavel Bittner (DSM)	4h25m28s
2.º Wout van Aert (Visma)	m.t.
3.º Kaden Groves (Alpecin)	m.t.
75.º Nelson Oliveira (Movistar)	m.t.
80.º João Almeida (UAE)	m.t.
GERAL	
1.º Primoz Roglic (BORA)	18h58m36s
2.º João Almeida (UAE)	a 8s
3.º Enric Mas (Movistar)	a 32s
57.º Nelson Oliveira (Movistar)	a 7m53s

Apesar de ser o velocista mais forte em prova e de ter claramente o melhor comboio, Groves não aproveitou o bom trabalho da Alpecin e deixou-se novamente antecipar – olhou para a direita à procura de Van Aert e o belga, que seguia na sua roda, passou pela esquerda.

Atrás de ambos vinha Bittner, que foi quem teve a melhor ponta final e venceu pela primeira vez numa "grande volta".

Sem a vitória de Bittner e o abandono de Rui Costa, há pouco para contar da etapa. Sejamos claros: quando Ibon Ruiz e Txomin Juaristi decidiram "ser amigos", logo no primeiro quilómetro, todos sabiam que era muito pouco provável que viessem a celebrar juntos no final.

Durante a etapa, os directores da Kern Pharma e da Euskaltel, mesmo que não ignorassem os seus aventureiros, até falavam mais das opções que também tinham para final em *sprint* do que da grande aposta no sucesso dos seus fugitivos. Por aqui estava tudo dito. E foram, como todos esperavam, apanhados a 38km do final.

Para hoje está desenhada uma etapa montanhosa, mas sem final em alto. Há uma subida de primeira categoria e três de terceira, um perfil que dá boa probabilidade de sucesso a uma fuga.

Breves

Futebol

Manuel Neuer anuncia adeus à selecção alemã

O internacional alemão Manuel Neuer, de 38 anos, anunciou ontem, depois de 124 jogos ao serviço da selecção alemã, que não voltará a defender a baliza da "*Mannschaft*", na qual se estreou em 2009. "Esta decisão não foi tomada de ânimo leve. Sinto-me muito bem fisicamente e o Mundial de 2026 é uma tentação. No entanto, concluí que este é o momento certo para colocar um ponto final neste capítulo", explicou o guarda-redes do Bayern Munique. Com 32 títulos, 24 a nível doméstico e sete internacionais, o destaque vai para a conquista do Mundial de 2014, no Brasil, torneio em que foi distinguido com o troféu Lev Yashin, para o melhor guarda-redes.



Futebol

João Félix no Chelsea até 2031: "Lugar perfeito para brilhar"

Está confirmada a transferência de João Félix do Atlético de Madrid para o Chelsea. O avançado português muda-se a título definitivo para Londres, com um contrato de sete temporadas. "Depois de dois empréstimos, Chelsea e Barça, preciso de ficar de forma permanente num lugar. Não existe melhor sítio do que o Chelsea. Vejo-o como um lugar perfeito para brilhar", comentou o internacional português no *site* dos "*blues*". Félix, de 24 anos, chega ao Chelsea, clube ao qual esteve emprestado em 2022/23, num negócio que custará 50 milhões de euros fixos ao clube londrino, mais 5 milhões em função de objectivos.

Diário de Um Cientista

Selvagens em cativeiro: a história da palanca-negra, entre a conservação e o lucro



Alguns animais são criados em cativeiro para garantir a sua conservação, outros apenas para o negócio: é este o caso da palanca-negra. Salvar um animal que não parece estar ameaçado é uma missão quase impossível

Página 19

Mariana Ribeiro Texto
André Carrilho Ilustração

Deslumbrada, inebriada e com o coração a bater mais depressa – foi assim que me senti da primeira vez que vi uma palanca-negra a escassos metros de mim. Foi num chuvoso mês de Abril no ano de 2017. Tinha partido num avião com destino a África do Sul para uma viagem de trabalho, ou pelo menos era isso que eu pensava. A realidade é que acabou por se transformar na viagem que mudou a minha vida: foi a partir desse momento de encanto que decidi dedicar-me ao estudo da genética da palanca-negra.

Este animal fascinou-me à primeira vista. Ao ver de perto a imponência e relevo dos cornos curvos que podem atingir mais de metro e meio, ultrapassando até a sua altura, a admiração foi imediata. As riscas brancas no focinho fazem com que a escuridão dos olhos negros se torne ainda mais intensa e nos invada a alma.

Não é por acaso que esta espécie se destaca entre os antílopes africanos: é considerada o símbolo de Angola, é o nome dado à selecção nacional de futebol angolana e é até a imagem da companhia aérea deste país, a TAAG. Apesar da sua importância cultural, o número de animais está a diminuir a olhos vistos. Neste momento só encontramos esta espécie em zonas protegidas e, mesmo aí, a evolução dos números é preocupante.

Um dos locais onde mais se nota esse declínio é no Kruger Park: foi um dos sítios que visitei assim que



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façam todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

cheguei à África do Sul e que, para mim, é o local mais extraordinário do planeta. Esta é uma das maiores reservas naturais do mundo, com uma área do tamanho do País de Gales: aqui, a terra seca é salpicada pelo verde das árvores e pelos tons alaranjados tão característicos de África. Podemos ver leões, elefantes, rinocerontes e todo o tipo de espécies no seu habitat natural. Dentro do parque, é impossível não sentirmos que estamos dentro de um documentário da National Geographic. Enquanto passeávamos no nosso carro pelo Kruger, só nos faltava mesmo ouvir uma *voz off* a relatar a vida animal, para estarmos perante um verdadeiro cenário do *BBC Vida Selvagem*, num qualquer domingo antes de almoço.

Só aí, no Kruger Park, o número de palancas-negras (*Hippotragus niger*) passou de 2240 em 1986 para apenas 300 em 2020. Algumas pessoas disseram-me que, com o passar dos anos, ver uma palanca no Kruger se tornou cada vez mais difícil. Apesar disso, a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês), organização que classifica o estado de conservação das espécies, diz que o estatuto da palanca-negra é “pouco preocupante”, com excepção da pequena população angolana que se encontra em perigo.

Como é isto possível? Uma das justificações para esta classificação desajustada é o alto número de indivíduos selvagens, ainda que esses dados estejam desactualizados. Ao todo, há registo de 75.000 palancas-negras selvagens, mas este valor foi estimado num censos de 1999. Mesmo sendo inegável que as palancas estejam a desaparecer na vida selvagem, a IUCN afirma que este estatuto de conservação não deverá mudar nos próximos tempos, porque esta diminuição será compensada pelo aumento do número de animais em quintas privadas. Mas, como vos vou explicar, o caso pode não ser assim tão simples.

E aqui surge o segundo momento essencial na mudança da minha carreira: a visita a uma quinta de animais selvagens, ou *game farms*, como são conhecidas em África. Foi a investigadora Bettine van Vuuren, sul-africana de gema e nossa anfitriã de viagem que nos levou, a mim e à investigadora Raquel Godinho, a conhecer o outro lado da “vida selvagem”. Nesta altura, ainda estava longe de imaginar que ambas se iriam tornar minhas orientadoras de doutoramento.

A palanca de ouro

Qual não foi o meu espanto quando percebi que o conceito de quinta não era de todo o que esperava. Da mesma forma que em Portugal temos quintas com vacas ou cavalos-lusitanos, em África temos as *game farms*, que parecem reservas naturais onde estão leões, zebras e antílopes a conviver como se de uma área natural se tratasse. Podemos andar mais de duas horas de jipe sem nunca vermos a cerca. Apesar de estarem em cativeiro, os animais continuam em condições muito similares às selvagens e não estão domesticados.

Nestas quintas privadas, os turistas podem fazer safaris, ecoturismo e até comprar animais para caçar. Aqui, disseram-me que a palanca-negra é dos animais mais valiosos do mundo e que o seu valor pode atingir um milhão e meio de euros. Ao verem o meu espanto com o preço que alguém estava disposto a pagar, explicaram-me que comprar palancas na África do Sul é como “investir na bolsa” ou comprar uma barra de ouro. Na verdade, estes animais são leiloados como se fossem obras de arte da Sotheby’s.

Passado o espanto, veio a preocupação. Essas transacções milionárias não deixam de ser um negócio e percebi que haveria um reverso da medalha. Os criadores irão sempre fazer de tudo para ter a palanca mais valiosa. E, para aumentar esse valor, é preciso ter os maiores cornos. Muitos criadores cruzam os seus animais, sem preocupação pela sua diversidade genética, reproduzindo até pais com filhos.

A curiosidade inerente a ser bióloga fez-me logo pensar: o que terá isto provocado no genoma dos indivíduos em cativeiro? Continuarão a ser iguais aos animais selvagens, apesar de estarem sujeitos à ambição do ser humano? Serão úteis na conservação dos animais selvagens, como dizia a IUCN?

Ao regressar da viagem, iniciei o meu maior dilema: deveria eu esquecer todas estas perguntas e continuar com a minha vida normal como técnica de laboratório? Não!

É verdade que já trabalhava desde 2015 como “técnica das palancas” no laboratório do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (Cibio), mas a única coisa que via era um punhado de pêlos ou um tubo de sangue de onde extraía o ADN destes animais. A partir daí, obtinha o seu perfil genético, fazia uma série de análises e enviava relatórios para os criadores nos quais dizia qual era a população de origem ou qual o seu *pedigree*, para que pudessem leiloar ao mais alto preço, sem na altura fazer ideia do seu valor de mercado.

Como as perguntas sobre a conservação da palanca não se dissiparam da minha cabeça, decidi ter uma conversa com a Raquel Godinho, que há muito estudava a palanca-negra. Contei-lhe como a viagem a África me tinha transformado, como me voltou a despertar a curiosidade que há muito pensava adormecida e que sabia que precisava de uma mudança. Confesso que tive algum receio, um medo de desiludir, ou pior, de ouvir que não seria capaz. Mas foi ela que, na sua generosidade, me deu toda a liberdade para avançar na investigação.

> “ Apesar da sua importância cultural, o número de animais está a diminuir a olhos vistos. Neste momento só encontramos esta espécie em zonas protegidas

De várias discussões científicas surgiu a principal pergunta com a qual iria ganhar uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia: podem os animais em cativeiro salvar a palanca-negra? Para responder a esta pergunta, teríamos de olhar para a genética destes animais. A olho nu, não existem diferenças entre os animais selvagens e os de cativeiro, por isso as respostas teriam de estar escondidas no seu genoma.

E agora vinha a parte desafiante: 8000 palancas-negras! Quando olhei para o número de amostras de ADN que recebemos dos criadores africanos desde 2015 ao abrigo dos testes necessários para leiloar os animais, soube que este ia ser um projecto enorme. Tínhamos uma das maiores bases de dados genéticas do mundo para uma única espécie. Era hora de pôr mãos à obra.

Más notícias para a palanca

Primeiro, focámo-nos na nossa pergunta inicial: qual a origem dos animais em cativeiro? De onde vinham e quão diversos geneticamente eram? Graças a projectos anteriores, supervisionados pela Raquel, já sabíamos que havia cinco grupos bem diferenciados genética e geograficamente, espalhados pela savana africana: Angola, Este, Tanzânia, Zâmbia e Sul de África.

Através de marcadores moleculares – pequenos pedaços do genoma que nos permitem ver a impressão digital do ADN de cada indivíduo – podemos comparar a genética dos indivíduos em cativeiro com os selvagens. Descobrimos que apenas duas destas populações selvagens estavam representadas em cativeiro: Zâmbia e Sul de África. Esta foi a primeira má notícia: os indivíduos em cativeiro não seriam suficientes para salvar as outras populações selvagens.

Partimos então em busca da segunda resposta: qual a pureza dos animais em cativeiro? Assim como os criadores de cães procuram manter a raça o mais pura possível, os criadores de palancas também têm esse objectivo. Neste contexto, ser puro significa que a composição genética do animal está ligada a uma única população selvagem.

Fiquei surpreendida ao descobrir que a maioria dos animais eram híbridos entre as duas populações encontradas em cativeiro e apenas 20% eram puros. Além disso, apesar de estarmos na África do Sul, só 2% dos animais eram puros da única população selvagem que existe neste país.

Como é que isto aconteceu? Os criadores ficaram muito surpreendidos com estes resultados. Nos anos 90, quando a propriedade privada de animais selvagens foi permitida, não eram realizados testes genéticos. Os criadores cruzavam os animais com base no que conheciam, ou pensavam conhecer, sobre a sua origem, e seleccionavam sempre o macho reprodutor com os maiores cornos. Esta foi mais uma prova de que não bastava analisar a aparência exterior desses animais; as respostas estavam escondidas no seu ADN.

Com tão poucos animais puros, estariam eles todos relacionados? Analisámos o parentesco e vimos que este seria outro problema. Encontrámos uma alta consanguinidade em cativeiro. Como sabemos, filhos de indivíduos aparentados diminuem a diversidade genética de uma espécie e podem aumentar a probabilidade de doenças e mortalidade. Nas palancas-negras, tinha já ouvido histórias de algumas quintas onde metade das crias morriam poucas horas após a nascença, sem conseguir respirar, provavelmente devido a estes cruzamentos entre pais e filhos.

A meio do meu doutoramento, muitas questões permanecem sem resposta. Será que os animais em cativeiro já não são aptos para o meio selvagem? Como podemos ajudar os criadores a equilibrar conservação e lucro?

Uma certeza que já temos é que poucos animais em cativeiro são geneticamente idênticos aos selvagens. Contrariamente ao que a IUCN sugere, é provável que, se as condições actuais persistirem, a maioria desses animais não possa contribuir eficazmente para a conservação da espécie. É por isso urgente aceitar que estamos perante um animal em risco, e que é essencial lutar pela sua sobrevivência. Se um dia virem uma palanca a poucos metros de distância, entenderão!

Mariana Ribeiro

Estudante de doutoramento

Nasci no Porto, vivi oito anos em Espanha e sou bióloga desde 2014, formada na Universidade do Porto. Durante sete anos, fui técnica em projectos de investigação. Estudei várias espécies como lagartixas, raposas e caracóis-marinhos. Em 2021, iniciei o doutoramento em Biodiversidade, Genética e Evolução, focando-me no uso de ferramentas genómicas em animais em cativeiro para a conservação da vida selvagem.



Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
EcoGenómica (ECOGEN)

Entrevista de vida



Carlos Matos

“Todos os portugueses são góticos, só que alguns não têm noção disso”

Há 14 anos arriscou criar um festival gótico na cidade de Leiria. O Extramuralhas é a sua maior marca, ancorada em bandeiras como a paz e a igualdade de género

Entrevista

Paula Sofia Luz Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Veste-se (quase sempre) de preto, com conversa fácil e sorriso aberto. Quando era pequeno, sonhava ser condutor de camiões TIR. Agora, aos 54 anos, acredita que, "se calhar, no subconsciente, já havia o desejo de vir a ter um trabalho solitário, que permitisse ouvir a música toda do mundo, sem chatear ninguém e sem ser incomodado". Carlos Matos é o rosto mais conhecido do festival Extramuralhas - que desce à cidade de Leiria durante este fim-de-semana. Nascido e criado na aldeia da Pocariça, perto da Maceira, entre Leiria e Marinha Grande, chegou à cidade aos 20 anos com a ilusão de encontrar "500 tipos iguais a mim": cabelo comprido, brincos, tatuagens e roupa preta. Pensava então que em Leiria haveria de encontrar "um bairro cheio de Carlos Matos". Quando percebeu o engano, decidiu construí-lo. Um dos primeiros passos foi a Alquimia, a loja de discos que criou ao lado da ex-mulher, Célia Ribeiro Lopes. Findo o casamento, permaneceu a amizade, que ainda hoje os junta na Fade-In, a associação cultural responsável pela organização do Extramuralhas.

Filho de um atleta do Sporting Clube de Portugal, deu nas vistas nos juvenis do clube, num jogo com o Marinhense, mas não estava fadado para a bola. Desde a música experimental à electrónica, do metal ao punk rock, passando (sempre) pela gótica, considera-se "um coleccionador patológico de música, um 'garimpeiro' do som". Porque onde mais ninguém vai buscar música, lá está ele - à procura de uma pedra preciosa.

O Carlos Matos ainda se considera gótico? Ou, por outras palavras, o que se considera - para lá de "garimpeiro de música"?

Claro que sou gótico! Todos os portugueses são góticos, só que alguns não têm noção disso. Estamos todos habituados a sofrer, a ter saudades, tendência para a nostalgia, a carregar o dolo do passado, todos gostamos mais do fado triste do que do fado catita, todos somos propensos a depressões, todos somos de lágrima fácil, todos somos Pessoa e Espanca, todos gostamos mais de histórias de faca e de alguidar do que de livros de História, e o preto dá com tudo e nunca nos compromete, como dizia a saudosa Ivone Silva.

Sente-se de alguma forma responsável por uma mudança de hábitos na cidade, no plano musical?

Parece-me indiscutível que ao fim de tantos anos de actividade, quer dentro da Fade In, quer fora dela, e a título pessoal, como organizador, curador, editor, divulgador, redactor, promotor, radialista, *DJ* e colunista, tenha contribuído com alguma coisa. Nem que seja pela insistência e com a perseverança com que o tenho feito.

Mas isso foi um processo longo. Quando chegou a Leiria, no início dos anos 90, havia muito caminho para desbravar?

Quando eu cheguei a Leiria trazia a (falsa) ideia de que chegara a uma grande metrópole, culturalmente falando. E pensava que havia aqui 500 tipos iguais a mim - pelo cabelo, os brincos, as tatuagens e a roupa. Quando percebi que não havia esse bairro cheio de Carlos Matos, pensei 'então vamos construí-lo'. E assim foi.

Sentia-se hostilizado, nesse tempo?

Não era isso, mas havia sempre uns olhares adversos. Quando em 1994 abrimos a Alquimia [eu e a Célia] as pessoas percebiam que até éramos educados, e rapidamente se davam conta de que afinal éramos pessoas normais, que apenas nos distinguíamos dos outros pelos nossos gostos musicais e pela imagem.

E de onde veio o gosto musical "alternativo", para um miúdo que morava numa aldeia?

Eu estudava num colégio na Marinha Grande, e todos os dias fazia o trajecto com um tio que trabalhava na Crisal, a fábrica de vidro e cristalaria. Como ia muito cedo, ficava ali encostado às paredes da fábrica, a fazer tempo até ir para o colégio, e ouvia as máquinas a trabalhar. Na minha cabeça eu fiquei fã de música industrial mesmo antes de saber que existia. Ou seja, quando na adolescência contactei com ela, já tinha uma apetência dentro de mim. Soava-me familiar.

Como é que chegamos à fase do gótico, e de um festival?

Depois veio a fase da organização dos concertos, e a criação da Fade In. A Associação acolheu muitos amantes de vários estilos de música dita "alternativa", que migrara do punk rock, nomeadamente o estilo gótico. Eu acho que há um antes e um depois de 2010, em Leiria, com a criação do primeiro

Estamos todos habituados a sofrer, a ter saudades, tendência para a nostalgia, a carregar o dolo do passado, todos gostamos mais do fado triste do que do fado catita

Quando eu cheguei a Leiria, trazia a (falsa) ideia de que chegara a uma grande metrópole

Se o festival Extramuralhas acontecesse em Lisboa ou no Porto, havia a vantagem de pouparmos os milhares de euros que gastamos todos os anos nas infindáveis viagens que temos que fazer aos aeroportos, mas perderíamos o encanto, a pacatez e o sossego da nossa bonita Leiria



Entremuralhas.

Acha que o Extramuralhas conseguiu criar um público? Ou, de certa maneira, foi-se moldando a vários públicos?

Penso que não há dúvida que o Extramuralhas não só criou público como o fidelizou. Só assim se justifica que haja um número considerável de pessoas oriundas dos mais diversos cantos do mundo que todos os anos fazem questão de marcar presença.

Se acontecesse em Lisboa ou no Porto, seria outro festival?

Se o festival acontecesse em Lisboa ou no Porto, havia a vantagem de pouparmos os milhares de euros que gastamos todos os anos nas infindáveis viagens que temos que fazer aos aeroportos. Mas perderíamos o encanto, a pacatez e o sossego da nossa bonita Leiria, que consegue ser isso tudo e ainda ter alguma da urbanidade cultural de uma cidade grande.

Que festival é o Extramuralhas, nesta edição de 2024?

No mundo distópico em que vivemos, onde há ascensão de forças que preconizam ideais de retrocesso civilizacional e onde proliferam guerras absurdas e fratricidas, é imperioso que usemos a Arte e a Cultura como veículo de propagação de princípios de solidariedade, respeito pela igualdade de género, e desejo de paz. Nos últimos anos têm sido essas as bandeiras que erguemos e fazemos questão de as mostrar ao mundo. O Extramuralhas 2024 é uma voz que vocifera palavras de apaziguamento entre a cacofonia de ódio e de intolerância crescente e que recusamos normalizar. E, claro, também é um festival de música extraordinário!

Quando olhamos para o programa deste ano, há uma dominância esmagadora de bandas internacionais. O que é que está em causa: a vontade de trazer a Portugal coisas de fora, ou o facto de estarmos perante essa lacuna na cena nacional?

Para nós, a música é uma arte de linguagem universal e os artistas que colocamos em cartaz são seleccionados pela qualidade e idiossincrasia da sua música e não pela origem geográfica. Este ano, dos 24 nomes em cartaz, há duas bandas portuguesas, não porque são nossos compatriotas ou porque temos que respeitar algum tipo de cumprimento de quota obrigatória, mas porque somos fãs da música que fazem. Aliás, houve muitas edições anteriores do nosso festival em que não tivemos qualquer banda portuguesa, e isso não significa que não há qualidade.

Então significa o quê?

Significa é que em determinados momentos há outras bandas não-portuguesas que temos mais vontade de ver ao vivo e cuja oportunidade é mais rara. Portanto, nem há lacunas na cena nacional, nem é a vontade de trazer a Portugal coisas de fora só porque são de fora. O que nos move é o desejo de ver ao vivo alguns dos autores de muitos dos discos "obscuros" que proliferam nos escaparates das nossas colecções e de partilhá-los com quem tem propensão a ter uma mente aberta ao que, para muitos, é uma nova descoberta.

Como é que Leiria se foi adaptando ao Extramuralhas? Podemos concluir que a cidade já vive o festival?

O coração da cidade recebeu o festival de braços abertos e vive-o como se cada um dos seus cidadãos pertencesse à organização. Todos querem ajudar, todos querem participar, todos desejam o seu sucesso. Trazer o festival para fora das muralhas do castelo e abri-lo, em parte, à comunidade e a todos os que, connosco, o querem viver – este ano, por exemplo, temos 11 concertos de acesso gratuito no Jardim Luís de Camões – foi o melhor passo que demos. O festival não perdeu a sua solenidade (os palcos do Teatro José Lúcio da Silva, da Igreja da Misericórdia e do Teatro Miguel Franco acolhem os espectáculos mais intimistas e sublimes) nem a sua mística, identidade estética e programática, e ganhou, seguramente, novos fãs, jovens (alguns mesmo muito jovens) e seniores. Serão poucas as cidades no mundo que dão a oportunidade a artistas com linguagens muito afastadas das correntes *mainstream* de se apresentarem ao vivo no seu local mais central e aberto a todos. E isso não é só uma conquista do nosso festival. É uma ideia que demorou décadas a ser construída e trabalhada, e que faz com que hoje a cidade não olhe de soslaio a "diferença" e quem se revê nela.

Com esta edição cumprem-se 14 anos do festival. Podemos considerá-lo um adolescente. É altura de mostrar alguma irreverência, fazendo incursões por outros géneros?

A nossa "irreverência" existe desde a primeira edição, em 2010, quando encetámos um festival "gótico" que iria atrair gente "estranha" vestida de preto a um castelo quase

➜

Entrevista de vida

esquecido, que se ergue num morro em plena cidade que ainda apresentava fortes resquícios de conservadorismo. Já nessa altura a nossa programação musical fazia incursões em todos os ramos da "música sombria", da electrónica ao pós-punk, da música industrial ao neofolk, do rock gótico à darkwave, da minimal-wave à greypop, da darkwave ao neoclássico.

Mas quem não subia ao castelo não tinha essa percepção...

Precisamente. Agora que parte do festival é aberto a todos, há uma maior noção da quantidade magnífica de géneros que a programação abraça. Hoje e desde sempre.

Pela primeira vez o evento que nasceu dentro das muralhas do castelo não leva lá um único espectáculo. A que se deve esse passo?

A decisão de não incluir a Igreja da Pena – que era o único espaço que ainda levava o Extramuralhas ao Castelo de Leiria – foi tomada conscientemente e teve a ver com o nosso desejo de centralizar cada vez mais o festival na Baixa de Leiria, facilitando a logística à organização e proporcionando aos espectadores melhores condições de fruição dos espectáculos. Nas edições mais recentes do evento, a Igreja da Pena tornava-se demasiado quente e pequena para acolher tanta gente, dificultando o pleno usufruto que cada espectador merece viver em cada concerto. Para a época do ano em que acontece, e para o tipo de festival que é o Extramuralhas, a troca da Igreja da Pena pela Igreja da Misericórdia é sensata, pois esta é mais eficiente, com acessos mais fáceis, mais fresca, e proporciona um cenário igualmente magistral.

Que envolvimento tem a Fade In (associação que organiza o festival) actualmente na vida cultural da cidade?

Penso que só os muito desatentos é que não repararam que a Fade In – Associação de Acção Cultural, está comprometida, há quase 25 anos, em provocar, inquietar, promover a reflexão, abrir portas e janelas para além daquilo que se estabeleceu como convencional, facultar a hipótese dos seus cidadãos e de quem visita a cidade, de experienciar vivências marcantes, com música, *performances* ou exposições. Embora seja o seu evento com mais repercussão nacional e internacional, a Fade In organiza muito mais do que o Extramuralhas.



É o caso do Fadeinfestival...

O Fadeinfestival (por onde já passaram nomes como Diamanda Galás, Blixa Bargeld, Xiu Xiu, Matt Elliott, Michael Gira, A Silver Mt Zion, Jarboe, Wovenhand, Bill Callahan, Planningtorock, Emma Ruth Rundle, Julia Kent, Jessica Moss e tantos, tantos outros), o Monitor – Minimal Wave & Post-Punk International Rendez-Vous (festival *indoor* que este ano vai ter a sua sétima edição), o Clap Your Hands (festival exclusivamente dedicado à música feita no nosso país que levamos a cabo em parceria com a Omnichord Records) ou o Ciclo de Música Exploratória Portuguesa (cuja quarta edição está a decorrer até Novembro) são outras das nossas iniciativas que acontecem anualmente e de forma muito regular. Portanto, a Fade In tem um papel preponderante no trânsito cultural da cidade de Leiria, proporcionando aos seus habitantes um conjunto de vivências diferenciadas e, muitas delas, únicas. Será, pois, esse o papel que queremos continuar a desempenhar.

A câmara tem sido um parceiro à altura? Que apoio dá ao Extramuralhas?

> **A nossa 'irreverência' existe desde a primeira edição, quando encetámos um festival 'gótico' que iria atrair gente 'estranha' vestida de preto**

> **Nenhum de nós é remunerado pelo que faz, o que nos torna ainda mais 'chanfrados'**

Sim, desde o primeiro momento que é um parceiro fundamental. Nos primeiros anos como co-organizadora do evento e depois como principal apoio, financeiro e logístico, e sem o qual seria impossível viabilizar um evento com esta complexidade, envergadura e tipologia.

E o facto de acontecer em Leiria é propenso a uma certa desvalorização, nos circuitos mediáticos?

Sinceramente, não sinto isso. Acho até que, para a dimensão que tem, temos boa imprensa! Não nos podemos esquecer que o nosso festival, embora muito especial, singular, diferente, vanguardista e tudo isso, não é um festival de e para massas, embora estejamos de portas escancaradas para receber todos os que vierem por bem e que se identifiquem com as causas que defendemos.

Quantas pessoas trabalham nessa organização? Fica a ideia de que a Fade In são muito poucas pessoas, porém muito empenhadas. É assim?

Entre técnicos de palco, *backstage*, *backline*, *catering*, *"runners"* e voluntários, são perto de 70 pessoas. Mas sim, na Fade In somos poucos, mas os suficientes para fazermos muito estardalhaço! O nosso núcleo tem nove pessoas, todos incrivelmente fundamentais, polivalentes e competentes. Nenhum de nós é remunerado pelo que faz, o que nos torna ainda mais "chanfrados".

É assim que se definem?

O que diabo leva este bando de "maluquinhos" a trabalhar tanto sem receber nada em troca? Ora aí está o engano! Quando os artistas que contratamos rubricam actuações de grande qualidade e suficientemente impactantes para que o público vibre, se emocione, se inquiete, se questione, e que regresse a casa com um sorriso nos lábios ou com um ar de quem ainda vai reflectir sobre o assunto, então sentimos uma espécie de legitimidade reconfortante que nos dá aquela ideia de que alguma coisa está a ser bem-feita!

Que lugar tem Leiria actualmente no plano cultural?

Leiria não existe. É um logro. O Extramuralhas é uma ilusão que se desvanece quando acordamos. Eu sou um holograma gerado por inteligência artificial. Nada existe até prova em contrário. Nem as respostas que estou a dar a esta entrevista e que esclarecem a pergunta.

Terroir é um projecto digital do PÚBLICO dedicado ao vinho, com o apoio das 14 regiões vitivinícolas portuguesas, do Instituto da Vinha e do Vinho e da Andovi. A produção editorial é completamente independente destes apoios.

Terroir

publico.pt/terroir

Quem quer surpreender e mostrar bom gosto leva uma *magnum* para o jantar

Os vinhos em garrafas de grande formato chegam em melhor estado de evolução, ficam bem numa mesa e dão para muitas bocas. Já é tempo de explorarmos esta riqueza

Edgardo Pacheco

Cada jornalista de vinhos tem a sua mania. Durante as apresentações, há quem queira registar a percentagem de álcool do vinho, há quem queira saber o número de garrafas da referência em causa, há quem se excite com o pH e há quem não viva bem sem saber quando e em que condições o vinho fez a fermentação maloláctica (na realidade não é bem uma fermentação, mas adiante). Nós também temos a "panca" por um certo assunto: as garrafas de *magnum* (1,5 litros) ou garrafas de grande formato.

Sempre que em prova nos aparece um vinho — regra geral, brancos — cujo potencial sensorial começamos a imaginar daqui por cinco, dez ou 15 anos a pergunta é fatal: fizeram garrafas *magnum* disto? É uma pergunta que, verdade se diga, tem quase sempre a mesma resposta: "Não, mas se calhar devíamos. Olhe, talvez na próxima colheita..."

Esta mania começou a agravar-se na última década e com a evidência científica da evolução no tempo e em grande estilo dos vinhos brancos portugueses de qualquer região. Sim, se há regiões com maior potencial nesta matéria (Dão, Bairrada ou Verdes), a realidade é que descobrimos vinhos velhos brancos de qualidade em qualquer região. E o caso atinge picos mais agudos quando damos de caras com vinhos que quando novos eram simplesmente correctos, direitinhos e mais do mesmo, mas que com o tempo se revelam coisas espantosas, inusitadas e fora de série.

Ora, se isso acontece quando abrimos garrafas de 0,75l, é fácil imaginar que, se esses mesmos vinhos tivessem sido engarrafados em *magnum* ou garrafas de maior formato, a qualidade seria ainda maior, visto que a boa evolução de um vinho varia na razão directa do volume de contacto dentro de uma garrafa. Por razões físico-químicas (menos presença de oxigénio), quanto maior for a garrafa, melhor estará o vinho. Obviamente, não precisamos de uma garrafa de 30 litros, mas apenas começar a comprar garrafas de uma marca que tenha volumes de 0,75l, 1,5l ou 3 litros.

HENRIQUE ISIDORO



DR



Uma vez por mês, o Restaurante JNcQuoi Avenida, em Lisboa, abre uma garrafa de grande formato (sempre vinhos emblemáticos, raros e caros) para servir o vinho a copo

A boa evolução de um vinho varia na razão directa do volume de contacto dentro de uma garrafa. Quanto maior a garrafa, melhor estará o vinho

Falamos de brancos, porque é nesta categoria que se encontram vinhos surpreendentes num menor período de tempo possível, mas uma das mais interessantes experiências aconteceu-nos em Abril no JNcQUOI Avenida, por ocasião do sétimo aniversário do restaurante. A equipa que gere o espaço convidou sete produtores do Douro, que trouxeram garrafas de grande formato, nalguns casos engarrafadas de propósito para este evento.

Garrafas como Quinta do Vale Meão 2019 (5 litros), Quinta do Crasto Vinha Maria Teresa 2019 (6 litros), Chryseia 2017 (9 litros), Barca Velha 2011 (6 litros), Legado 2017 (6 litros), Pintas 2015 (5 litros) e Mirabilis Grande Reserva 2017 (6 litros) desfilaram pelo restaurante nas mãos de uma equipa de sete *sommeliers*, que, com grande profissionalismo, lá iam servindo aos clientes os vinhos a copo.

Convém salientar que o JNcQuoi Avenida também marca a agenda pelo facto de, uma vez por mês, numa sexta-feira, abrir uma garrafa de grande formato (vinhos nacionais e internacionais emblemáticos, raros e caros), que é servida a copo aos clientes que desejam participar na experiência.

Embora nos pareça que só vinhos do Douro e só vinhos tintos tornaram a experiência um tanto ou quanto monocórdica e cansativa do ponto de vista sensorial (no final foi toda a gente beber *champagne* para limpar a boca de tanta doçura e álcool), a verdade é que este tipo de exercício foi mais uma prova de que o tempo e as garrafas de grande formato introduzem muita complexidade e mistério aos vinhos. Para quem teve oportunidade de provar estas colheitas quando foram lançadas, regressar às mesmas alguns anos depois quando evoluíram em garrafas de 5 ou 9 litros é voltar à ideia de que a pressa em abrir garrafas em Portugal é sinónimo de esbanjar imenso prazer. Devíamos parar para pensar no assunto.

Com excepção de um vinho que continuava tão pesado, tão amadeirado e tão doce quanto no dia em que foi lançado, os restantes tintos tinham aromas e sabores a que nos habituamos em Barcas Velhas e Reservas Especiais com tempo de garrafa - ou seja, aromas terciários, balsâmicos, aromas especiados e aromas de bosque, com a boca a revelar taninos mais polidos a acetinados, embora o peso do álcool e o calor do Douro fossem evidentes a cada gole.

Se tivéssemos de eleger o vinho do almoço — e isso é só uma questão de gosto —, ele seria o Pintas 2015, que, lá está, quando novo não nos tira do sério. Com esta marca é sempre a mesma coisa: nunca abrir uma garrafa com menos de sete anos. Curiosamente, o Pintas, juntamente com Chryseia, Vale Meão e Mirabilis eram os vinhos mais baratos a copo (35 euros). O Quinta do Crasto Maria Teresa e o Legado, 75 euros, e o Barca Velha, 115. Pois...

Posto isto, não vamos sugerir ao leitor que compre uma destas garrafas (ainda não perdemos o juízo, calma!), mas vamos recomendar dois espumantes em *magnum* que são uma categoria. O Caves São João Primeira Reserva 2017, da Bairrada, e o Vértice Cuvée não datado, do Douro, das Caves Transmontanas.

O primeiro (50 euros) é mais fresco e vibrante e é excelente para o início de uma refeição, o segundo (entre 45 e 50 euros), é mais complexo de aromas e sabores, pelo que tanto pode acompanhar certos pratos de Verão como acabar em grande beleza o encontro. E de que maneira. Uma coisa garantimos: quem chegar com estes vinhos em *magnum* a casa de um amigo arrisca-se a muitos beijos e abraços. Só o tamanho das garrafas já é um início de festa. As bolhas fazem o resto.

Cinema


Terra Queimada

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt





Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Prisão 16h; **Uma Luz nas Trevas** 14h15; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 21h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h30; **Geração Low-cost** M14. 16h30, 19h30; **Motel Destino** M14. 19h, 21h30; **Terra Queimada** 17h30;
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h20, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Corvo** M16. 12h30, 15h10, 18h, 21h; **Alien: Romulus** M16. 18h20, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h40, 18h50, 21h50; **Um Sinal Secreto** M14. 18h40, 21h10; **Terra Queimada** 21h40

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h10 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 13h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h15, 23h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h15, 17h20, 20h30, 23h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h50, 21h, 00h10; **O Corvo** M16. 13h, 15h45, 18h30, 21h30, 00h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h30, 15h15, 18h, 20h45, 23h30; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 16h10, 19h, 21h45, 00h30

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Gru 4 M6. 11h20, 14h, 16h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 21h10, 23h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 15h50, 18h20 (VP), 20h50, 23h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 13h20, 15h20, 16h, 18h10, 21h, 21h35, 23h50, 00h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h15, 18h15, 21h25, 00h25; **O Corvo** M16. 13h40, 16h20, 19h, 21h30, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 12h10, 15h, 17h50, 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h40, 18h30, 21h20, 00h05; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 10h50, 13h10, 15h30 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 18h50, 21h40, 00h15; **Motel Destino** M14. 18h
Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h (VP); **Gru 4** Xplace Atmos - 12h30, 14h30, 16h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 17h20, 19h30, 21h40; **Divertida-Mente 2** 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP), 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** Xplace Atmos - 14h, 16h40, 19h20, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30 (VP); **O Corvo** M16. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 17h10, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 14h40, 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro** M6. 12h (VP); **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. Xplace Atmos - 12h (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 13h20, 15h20 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 19h40; **Um Sinal Secreto** M14. Sala Atmos - 15h, 17h10, 18h50, 19h20, 21h, 21h30; **Yupumá** M12. 13h20; **Terra Queimada** 15h; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 16h40, 19h20, 22h

Castelo Branco

Cinebox
C.C. Alegro Castelo Branco. T. 760789789
Divertida-Mente 2 M6. 16h40, 19h05 (VP);

Estreias

Terra Queimada
De Thomas Arslan. ALE. 2024. 101m. Thriller. M12.
Depois de um golpe malsucedido o ter forçado a fugir de Berlim doze anos antes, Trojan, um criminoso, decide regressar. Como precisa de dinheiro, aceita fazer parte de uma equipa de assaltantes para roubar um museu.

A Linha
De Ursula Meier. BEL/SUI/FRA. 2022. 102m. Drama. M12.
Margaret tem problemas de autocontrolo. Quando uma discussão com a mãe sobe de tom ao ponto dela a agredir fisicamente, a polícia é chamada a intervir. Como consequência, é-lhe atribuída uma ordem de restrição.

Na Terra de Santos e Pecadores
De Robert Lorenz. IRL. 2023. 106m. Thriller, Acção.
Na época dos conflitos na Irlanda do Norte, Liam Neeson é um veterano da Segunda Grande Guerra transformado em assassino profissional que volta ao activo quando um bombista do IRA aparece na sua aldeia.

O Corvo
De Rupert Sanders. EUA/GB/FRA. 2024. 111m. Drama. M16.
Após o trágico assassinato de Eric e Shelly, a alma dele é incapaz de descansar. Movido por um indomável desejo de vingança, ele é ressuscitado por um corvo e guiado de volta ao mundo dos vivos para castigar, da pior maneira possível, cada um dos responsáveis.

Um Sinal Secreto
De Zoë Kravitz. EUA. 2024. 102m. Thriller. M14.
Frida arranjou trabalho como empregada de mesa num evento de angariação de fundos de Slater King, um milionário. Qual não é o seu espanto quando ele a convida para uma festa numa ilha privada com um grupo de amigos. Lá, apesar de tudo parecer perfeito, há algo que lhe cria uma sensação de desconforto que não consegue traduzir em palavras.

Ozi: A Voz da Floresta
De Tim Harper. EUA/FRA/GB/Índia. 2023. 87m. Ani. M6.
Ozi, uma pequena cria de orangotango, vivia feliz no interior da Amazónia até ali ter chegado uma empresa que destruiu tudo à sua volta. Separada dos pais, ela é resgatada por humanos e colocada num abrigo de animais selvagens, onde faz muitos amigos.

Breves Encontros
De Kira Muratova. URSS. 1967. 67m. Drama, Romance. M12.
Nadia, uma jovem recém-chegada à cidade, vai trabalhar como empregada em casa de Valya, sem que ela saiba que a rapariga está apaixonada por Maksi, seu marido.

Motel Destino
De Karim Aïnouz. BRA. 2024. 115m. Thriller. M14.
A história segue Heraldo, um jovem oriundo de famílias pobres que aparece no Motel Destino após ter passado algum tempo numa casa de correcção.

Um Engate do Pior
De Casper Christensen, Anthony Hines. EUA. 2023. 93m. Comédia Romântica. M12.
Em 2032, as tarefas perigosas são executadas por robôs. Apesar de isso se ter generalizado, o seu uso privado é proibido. É neste contexto que conhecemos Charles, que mandou fazer, de forma ilegal, uma cópia exacta de si próprio, que usa em várias circunstâncias do dia-a-dia - entre elas, a difícil incumbência de seduzir mulheres.

O Longo Adeus
De Kira Muratova. URSS. 1971. Drama.
Yevgeniya foi abandonada pelo marido e criou sozinha Sasha, que se tornou na sua única razão de viver. Mas agora, que ele é já um adolescente com vontade própria, sente um grande desejo de visitar o pai, que vive do outro lado do país.

Príncipes do Deserto
De Éric Barbier. FRA. 2023. 105m. Aventura. M12.
Zodi, um rapaz berbere, encontra um dromedário bebé no deserto, que adopta e a quem chama Tehu. Os dois tornam-se inseparáveis e, ao saber que todos os anos decorre uma corrida de dromedários em Abu Dhabi, Zodi decide inscrever-se.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel & Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
A Linha	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Motel Destino	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Sinal Secreto	★☆☆☆☆	—	—
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Deadpool & Wolverine M12. 13h55, 19h; **Oh Lá Lá!** M12. 19h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 16h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Balas e Bolinhos** 16h30, 21h35; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h (VP)

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você M12. 18h30; **Motel Destino** M14. 21h30; **Terra Queimada** 16h30;
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
Gru 4 14h30, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h30, 18h10 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 15h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h50, 18h10, 20h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h40, 20h50; **O Corvo** M16. 13h50, 16h30, 19h20, 22h; **Alien: Romulus** M16. 14h40, 18h30, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h20, 19h10, 21h50; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h20, 16h40 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 19h, 21h40; **Motel Destino** 21h10; **Terra Queimada** 18h20, 21h
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 15h (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 18h30, 21h; **Divertida-Mente 2** M6. 14h, 16h45, 19h15 (VP), 22h (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h45, 18h, 21h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h20, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h15, 17h45, 22h15; **Um Sinal Secreto** M14. 13h45, 16h30, 18h50, 21h15

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru 4 11h, 12h30, 15h25, 18h15 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 19h45, 22h30; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h40, 00h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 19h, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 00h05; **Armadilha** M12. 20h20, 22h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h; **O Corvo** M16. 13h15, 16h, 19h, 21h50, 00h30; **Alien: Romulus** M16. 15h20, 18h20, 21h20, 00h25; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 13h40, 15h10, 16h30, 18h, 19h20, 21h15, 22h30, 00h20; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h, 14h05, 17h (VP); **Um Engate do Pior** 20h50, 23h10; **Um Sinal Secreto** 12h35, 15h15, 17h45, 21h30, 00h15; **Príncipes do Deserto** 15h, 17h30

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h10 (VP); **Gru 4** 11h, 13h50, 16h10 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 15h30; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 15h50, 18h30 (VP), 21h, 23h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h15, 18h20, 21h20, 00h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 14h50, 17h40, 20h50, 23h50; **O Corvo** M16. 13h20, 16h, 18h50, 21h40, 00h10; **Corvo** M16. Sala 4DX - 12h40, 15h10; **Alien: Romulus** M16. 13h, 15h40, 18h40, 21h30, 00h30; **Alien: Romulus** M16. Sala 4DX - 17h50, 20h30, 23h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h20, 18h, 18h10, 20h40, 21h10, 23h40, 24h; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 10h40, 13h10 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 19h, 21h50, 00h25
UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h15, 16h30 (VP); **Ryuichi Sakamoto: Coda** M12. 14h, 19h10; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h30, 19h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 18h55, 21h35; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 16h55, 19h20 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** M14. 13h45, 16h35, 18h55, 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 13h35, 16h, 18h50, 21h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h25, 21h25; **Tornados** M12. 16h30, 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h55; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h05, 21h55; **Oh Lá Lá!** M12. 14h10, 16h35, 19h15, 21h45; **Armadilha** M12. 14h20, 16h45, 19h30, 22h05; **Borderlands** M12. 18h50, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 15h55, 18h40, 21h25, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h55, 16h15 (VP); **O Corvo** M16. 14h, 16h50, 19h25, 22h; **Alien: Romulus** M16. 13h40, 16h20, 19h05, 21h40; **Balas e Bolinhos** 13h25, 13h50, 16h05, 16h25, 18h45, 19h05, 21h30, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 14h05, 16h20 (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h25, 16h40 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 18h45, 21h15; **Um Sinal Secreto** M14. 14h10, 16h40, 19h10, 21h40; **Motel Destino** M14. 19h, 21h35; **A Linha** M14. 16h45, 19h20

Lazer

FESTIVAL

Festival Catraia
CANTANHEDE Praia da Tocha. De 22/8 a 25/8. Grátis
Música, instalações artísticas, conversas e oficinas são a matéria do festival que aposta na consciencialização ambiental e no sentido de comunidade através da arte. A promover a partilha transgeracional, a memória colectiva e as raízes identitárias da região da Gândara, e sempre de olho num "futuro mais sustentável e solidário", a sexta edição do evento convoca nomes como José Pinhal Post Mortem Experience, Miranda Trio, La Tremenda Sonora ou Throes + The Shine (em formato de DJ). Artesanato, bodyboard, surf, skate, ioga, provas de vinhos, conversas, passeios, oficinas e um almoço partilhado com os pescadores locais completam o cardápio, detalhado em www.catraia.pt.

CINEMA

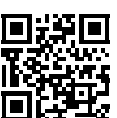
O Paraíso, Provavelmente
BRAGA Pátio Exterior do GNRation. Dia 22/8, às 21h30. M/12. Grátis
Elia Suleiman, realizador e protagonista desta história, deixa a Palestina e aventura-se pelo mundo, certo da necessidade de uma mudança na sua vida. Contudo, por mais distante que esteja da sua terra natal, a verdade é que tudo parece fazer questão de lhe lembrar de onde vem: a polícia, os agentes de controlo de fronteiras, as várias manifestações de racismo ou os olhares de estranheza que desperta nos outros. Apesar dos constantes esforços em deixar para trás o passado e iniciar uma nova vida, nada parece resultar, uma vez que tudo o remete para as suas origens. Uma comédia que reflecte sobre o peso da identidade e nacionalidade, aqui projectada no âmbito do ciclo Cinema no Pátio.

EXPOSIÇÃO

Cores do Mundo
PÓVOA DE VARZIM Avenida de Braga. De 17/7 a 27/8. Todos os dias (24h). Grátis
Últimos dias para ver a exposição com o selo da National Geographic que mostra 42 fotografias de fotógrafos como Joel Sartore, Steve McCurry, Michael Nichols, Lynn Johnson ou Jodi Cobb.

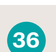
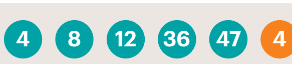
Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Totoloto



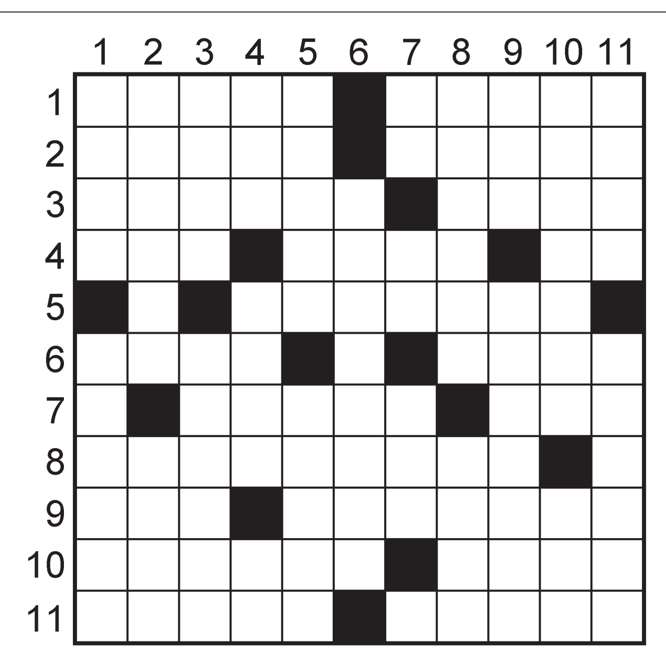
1.º Prémio 2.800.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.530

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Casal (...), arrebatou convenção democrata. Os dois juntos. **2.** Irritar (fig.). A voz da rã. **3.** Cordel que prende os toldos às beiras dos escaleres. (...) e thummim, segundo o Antigo Testamento, pedra preta e outra branca usadas para adivinhação. **4.** A massa popular (fig.). Escavar. Símbolo de miliampere. **5.** José Miguel (...), foi uma referência na área da segurança rodoviária (1949-2024). **6.** Circunstância. Acontecerá. **7.** Pôr a pé. Redução de maior. **8.** Colocou tripulação de navio em quarentena por suspeita de mpox. **9.** Que me pertence. Indivíduo janota. **10.** Sublevar. Vassourar o forno, depois de aquecido. **11.** Ir em romaria. Massa para fritura.
Verticais: 1. Tornar volumoso ou balofo. Proferir em voz alta. **2.** Amalucado (Brasil). Sulco natural ou artificial por onde passa água. **3.** Capital do Gana. Macaco pequeno, de cauda comprida e felpuda. **4.** Ministério da Administração Interna. Parte superior do mastro. Tântalo (s. q.). **5.** Sensação de calor intenso. Habituar ou habituar-se a caça a algum pasto. **6.** Estimular. **7.** Antes de Cristo. Prata (s. q.). Víscera dupla. **8.** Festival Vilar de (...), arrancou com dia gratuito de música portuguesa. Quinto imperador romano. **9.** Botequim. Hebdomadário. **10.** Figura de retórica que consiste em associar palavras de sentido contraditório (silêncio expressivo). Como assim? (interj.). **11.** Total. "De (...) caída, todos fazem lenha".



Solução do problema anterior:
Horizontais: 1. Democratas. **2.** Acaba. Orlei. **3.** Mor. Rn. Ovil. **4.** Turismo. **5.** Ocarina. Sia. **6.** Alfil. **7.** Ema. Ha. Obra. **8.** Sonso. Durar. **9.** Trio. Xavier. **10.** Romani. Oslo. **11.** Amostra.
Verticais: 1. Damão. Estro. **2.** Eco. Cômoro. **3.** Marta. Anima. **4.** Ob. Ura. Soam. **5.** Carrilho. No. **6.** Ninfa. Xis. **7.** Ao. Sai. Da. **8.** Trom. Louvor. **9.** Alvos. Brisa. **10.** Sei. Israel. **11.** Ilha. Arroz.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Oeste
Vul: EO

NORTE
♠K753
♥J10
♦A72
♣J943

OESTE
♠A10982
♥A54
♦J954
♣A

ESTE
♠QJ64
♥62
♦KQ109
♣876

SUL
♠-
♥KQ9873
♦83
♣KQ1052

Oeste	Norte	Este	Sul
1♠	passo	3♣[1]	3♥
passo	4♥	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de bridge. 1 – Apoio a espadas, com pelo menos quatro cartas, e 7 a 9 pontos de honra.

Carteio: Saída: A♣. Oeste faz a primeira vaza e joga um pequeno ouro de seguida. Como jogaria esta partida?

Solução: A saída não nos deixa dúvidas — Oeste tem apenas uma carta a paus e procura uma entrada no seu parceiro para poder cortar um pau. Se isso acontecer, a defesa poderá alinhar o Ás de paus, um ouro, o Ás de trunfo e um corte a paus. Haverá maneira de evitar esse corte?
Graças ao golpe de tesoura, sim. Em que consiste tal manobra? Prenda esta vaza com o Ás de ouros e, em vez de jogar já trunfo, o que a defesa agradeceria, pois Oeste tomaria com o Ás de trunfo para jogar um ouro que possibilitaria a Este ter a mão para jogar um pau, o carteador deve avançar com o Rei de espadas! E, quando Este não tiver como superar essa carta, balde o ouro que ainda sobra na mão de Sul! Assim, Oeste não terá como aceder à mão de Este e o corte a paus nunca acontecerá.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♦
passo	1♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠AK2 ♥AK4 ♦J108543 ♣5

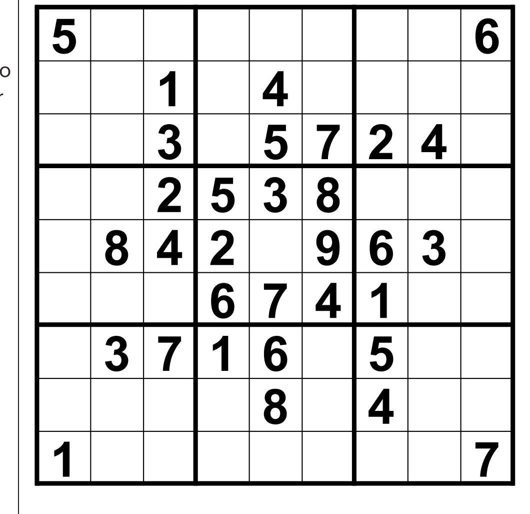
Resposta: Um apoio, embora tendo apenas três cartas, é mais construtivo do que uma simples repetição dos ouros. A repetição em salto com esta qualidade de ouros não será por certo a melhor opção. Assim, e se o parceiro tiver cinco cartas a copas e pelo menos uns 8-9 pontos de honra, a partida a copas será mais fácil de se alcançar. E, jogar num *fit* coxo, não significa que não seja o melhor contrato, comparando com 3ST, por exemplo.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Há novos horários em Setembro e Outubro e em diferentes níveis, desde o zero até aos mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.824 (Fácil)



5								6
		1		4				
		3		5	7	2	4	
		2	5	3	8			
	8	4	2		9	6	3	
			6	7	4	1		
	3	7	1	6		5		
				8		4		
1								7

Solução 12.822

1	3	7	9	6	8	5	2	4
2	5	8	3	4	7	9	1	6
4	9	6	1	5	2	8	7	3
7	2	9	6	1	3	4	5	8
3	4	5	8	2	9	7	6	1
6	8	1	5	7	4	3	9	2
8	6	4	7	9	1	2	3	5
9	1	3	2	8	5	6	4	7
5	7	2	4	3	6	1	8	9

Problema 12.825 (Difícil)

5			3					
	9			2				6
1	8							
4			7			6	5	
		5				4		
	7	6			4			2
							2	1
2				9			3	
					7			9

Solução 12.823

4	9	1	2	7	8	3	5	6
8	6	5	4	1	3	7	2	9
3	2	7	9	6	5	8	4	1
7	4	9	5	2	1	6	8	3
6	3	2	7	8	4	1	9	5
5	1	8	6	3	9	2	7	4
1	5	3	8	4	7	9	6	2
9	7	6	3	5	2	4	1	8
2	8	4	1	9	6	5	3	7

P2 Verão

CINEMA

Miami Vice
AMC, 22h10
Em 2006, Michael Mann, que tinha sido produtor executivo da série original dos anos 1980, levou *Miami Vice* ao grande ecrã, com Colin Farrell e Jamie Foxx como Sonny Crockett e Rico Tubbs. Os dois trabalham infiltrados como transportadores de droga para um cartel. Crockett põe tudo em risco quando se envolve com Isabella (Gong Li), que é mulher de um perigoso traficante.

Apocalypse Now - Final Cut
Nos Studios, 22h40
Durante a Guerra do Vietname, um jovem capitão americano recebe como missão procurar e assassinar um coronel americano que matou centenas de inocentes e se escondeu na selva profunda, onde é adorado e protegido como um deus pelos seus seguidores. Uma obra-prima de Francis Ford Coppola, com uma visão *shakespeariana* da guerra do Vietname e Marlon Brando à cabeça de um elenco de luxo. Em 2001, Coppola lançou o *director's cut*, prolongando a história, co-escrita por John Milius, até aos 203 minutos. Passados 18 anos, para comemorar os 40 anos sobre a sua estreia no Festival de Cannes, onde venceu a Palma de Ouro, foi lançada esta versão de três horas e meia, que tem menos 20 minutos das cenas adicionadas à montagem anterior.

Deixa-me Entrar
Cinemundo, 02h05
Aos 12 anos, Oskar é um adolescente frágil, martirizado pelos colegas de turma e sem amigos. Ele não contra-ataca, mas sonha vingar-se. Quando conhece Eli, uma menina da sua idade, sente que finalmente encontrou alguém com quem pode ter uma verdadeira relação de amizade. Porém, a rapariga intriga-o: ela apenas sai à noite e, apesar do muito frio, anda sempre de *T-shirt*. A agravar as suas suspeitas está o facto de a sua chegada a Estocolmo coincidir com uma série de mortes e desaparecimentos misteriosos. Até que tudo se esclarece: ela é uma vampira. Será a amizade de Oskar por ela mais forte que o seu medo? Baseado num livro de John Ajvide Lindqvist, este filme do sueco Tomas Alfredson, de 2008, foi um sucesso internacional. Não só deu origem a um *remake* americano assinado por Matt Reeves em 2010, como abriu as portas para Alfredson realizar filmes como a história de espiões britânica *A Toupeira*, que foi nomeada para três Óscares.

Televisão

Os mais vistos da TV
Terça-feira, 20

	%	Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	9,3	20,3
Dilema - Especial	TVI	8,5	17,9
Cacau	TVI	8,3	18,1
A Promessa	SIC	8,0	17,7
Jornal Nacional	TVI	6,8	15,4

RTP1	9,9%
RTP2	0,5
SIC	14,6
TVI	15,1
Cabo	40,9

FONTE: CAEM

RTP1
6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Popular **14.23** Amor sem Igual **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.14** O Preço Certo **19.54** Direito de Antena

19.59 Telejornal

21.01 Mesa Portuguesa... Com Estrelas Com Certeza!|

21.38 Joker

22.39 Taskmaster



0.36 Grande Entrevista - Mariana Cabral **1.34** Condor **2.26** Amor Sem Igual **3.27** Terra 4.0

RTP2
6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **13.05** As Coisas em Volta: A Vida Misteriosa dos Objectos **13.35** A Conversa dos Outros **14.08** Enfermeira ao Domicílio **15.40** A Fé dos Homens **15.44** Primeiro Estranha Depois Entranha **16.14** Os Pequenos Habitantes da Costa **17.08** Espaço Zig Zag **20.36** Heróis de Verde **21.30** Jornal 2 **22.01** O Veterinário de Província **22.46** Folha de Sala **22.54** Os #Influencers da História **23.49** 40 Anos de Diferença

0.42 Sangue em Viena



1.31 O Pio dos Mochos **2.25** Prova Oral **3.43** Folha de Sala **3.47** Portugueses Pelo Mundo - Especial Beirais **4.30** Assistir à Cegueira do Mundo - Eduardo Prado Coelho **5.25** Nada Será Como Dante **5.52** Folha de Sala

SIC
6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.05** Júlia **18.35** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.05 A Promessa

22.50 Senhora do Mar

0.05 Nazaré

0.45 Papel Principal - A Vingança



1.00 Travessia **1.40** Passadeira Vermelha **2.05** Cartaz **2.55** Volante **3.10** Terra Brava

TVI
6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.40** A Herdeira

16.35 Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.40 Dilema

22.10 Cacau

23.00 Festa É Festa

23.40 Dilema

2.00 O Beijo do Escorpião

TVCINE TOP
15.45 DogMan (2023) **19.29** Aliados **21.30** Shotgun Wedding - Casamento Explosivo **23.10** The Forgiven (2020) **1.05** A Arte de Morrer Longe **2.40** Uma Boa Pessoa

STAR MOVIES
17.53 Um Trunfo na Manga **19.37** Renegados **21.15** Rogue - Selvagem **23.05** Ninja 2 - A Vingança **0.45** Anjo da Vingança **2.10** O Código Base

HOLLYWOOD
16.05 Os Irmãos Sisters **18.05** Passageiro 57 **19.35** Pesadelo em Férias **21.30** Liga da Justiça **23.30** Dia de Treino **1.35** Código de Família

AXN
16.23 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.57** The Rookie **21.05** Hudson & Rex **22.00** Seduz-me Se És Capaz **0.10** Salt **1.53** Hudson & Rex

STAR CHANNEL
17.16 Investigação Criminal: Los Angeles **18.55** FBI **20.30** Hawai Força Especial **22.15** Investigação Criminal: Hawai'i **23.03** Chicago P.D. **0.43** Magnum P.I. **2.09** Thor: Ragnarok

DISNEY CHANNEL
16.30 Miraculous: As Aventuras de Ladybug **17.15** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY
16.24 Os Mestres do Restauro: o Workshop **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Oficina de Richard Hammond **22.54** Sin City Tow **23.51** Jóias Sobre Rodas

HISTÓRIA
15.19 O Inexplicável **18.49** Engenharia Antiga **22.15** Impérios da Antiguidade **23.44** Os Caçadores de Mistérios **3.07** Datas Que Fizeram História

ODISSEIA
16.33 Planeta Verde **18.17** Supermusgo **19.11** Mascotes com as Patas Partidas **20.07** Escola de Cachorros **0.12** Caçadores de Lagostas **1.43** Escola de Cachorros

SÉRIE

That '90s Show: Que Loucura de Família
Netflix, *streaming*
Estreia da terceira parte. A adolescente Leia Forman (Callie Haverda), filha de Eric Forman e Donna Pinciotti, as personagens de Topher Grace e Laura Prepon da *sitcom Que Loucura de Família*, criação de Bonnie e Terry Turner e Mark Brazill que durou de 1998 a 2006, passa o Verão com os avós, Red (Kurtwood Smith) e Kitty Forman (Debra Jo Rupp). É esta a premissa da continuação da série passada nos anos 1970, duas décadas depois.

DOCUMENTÁRIOS

A Sua Cara Pertence-nos
RTP3, 20h
O objectivo da Clearview AI é, através de redes sociais e fotografias disponíveis *online*, recolher 14 imagens para cada pessoa do mundo, isto sem o conhecimento ou consentimento dos visados. Além dos problemas de precisão, porque o *software* não funciona bem com pessoas negras, há regulamentos e leis que impedem a empresa de o fazer. Foi, aliás, multada pela Comissão Nacional de Protecção de Dados de França em 2022, e há processos judiciais em curso noutros países. Neste documentário do France 24, fala-se com o próprio CEO da empresa, Hoan Ton-That, e ainda com vozes críticas e especialistas no assunto.

40 Anos de Diferença
RTP2, 23h49
Com realização de Francisco Teotónio Pereira e autoria de Isabel Falcão, este documentário de 2022 assinala quatro décadas de existência da Galeria Diferença – Diferença Comunicação Visual, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, que abriu na Rua de São Filipe Néri, em Lisboa, em 1979. O espaço, sem fins lucrativos, foi fundado por Ernesto de Sousa, Helena Almeida, Irene Buarque, António Palolo, Monteiro Gil, José Conduto, José Carvalho, Fernanda Pissarro, Marília Viegas e Maria Rolão.

INFORMAÇÃO

Grande Entrevista - Mariana Cabral
RTP1, 00h36
Desde 2016 que a treinadora Mariana Cabral, nascida em São Miguel, nos Açores, está no Sporting a comandar equipas. Em 2021, tornou-se a treinadora da equipa sénior feminina do clube. Fala agora com Vítor Gonçalves.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 16º 23º
Bragança 12º 34º
Braga 12º 29º
Vila Real 10º 30º
Porto 14º 23º
15º 1,8m
Aveiro 12º 23º
Viseu 11º 30º
Guarda 11º 34º
Coimbra 14º 24º
Castelo Branco 14º 34º
Leiria 16º 22º
Santarém 15º 30º
Portalegre 12º 31º
Lisboa 18º 26º
Setúbal 17º 28º
Évora 14º 32º
Sines 17º 22º
Beja 14º 32º
17º 1,5m
Sagres 17º 20º
Faro 20º 27º
22º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 24º 28º
27º 1,2m
Graciosa
São Jorge
Faial
Pico
Terceira 23º 28º
26º 1,5m
São Miguel 22º 27º
Ponta Delgada
26º 1,5m
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 21º 26º
Madeira 20º 26º
Funchal
24º 1,0m
24º 1,8m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 05h24	3,6	Preia-mar 05h01	3,6	Preia-mar 05h07	3,5
Baixa-mar 11h25	0,3	Baixa-mar 11h00	0,5	Baixa-mar 10h54	0,4
Preia-mar 17h43	3,8	Preia-mar 17h19	3,8	Preia-mar 17h28	3,7
Baixa-mar 23h55	0,3	Baixa-mar 23h30	0,5	Baixa-mar 23h22*	0,3

PRÓXIMOS DIAS PORTO

Sexta-feira, 23		Sábado, 24		Domingo, 25	
16º	25º	14º	24º	13º	26º
Índice UV	M. alto	Índice UV	Alto	Índice UV	M. alto
Vento	Fraco	Vento	Fraco	Vento	Fraco
Humidade	95%	Humidade	77%	Humidade	64%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 11 Ago.	422,42
Há um ano	419,03
Há dez anos	397,33
Semana de 4 Ago.	424,18
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 06h57
Poente 20h21

LUA

26 Ago. 10h26
3 Set. 02h55
11 Set. 07h06
18 Set. 03h34

Nascente 22h01
Poente 11h17*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vílnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	18	22	Roma	21	33
Atenas	26	35	Viena	14	26
Berlim	15	24	Bissau	25	28
Bruxelas	16	24	Buenos Aires	5	12
Bucareste	21	38	Cairo	27	37
Budapeste	14	28	Caracas	19	30
Copenhaga	16	20	Cid. do Cabo	9	17
Dublin	11	17	Cid. do México	13	25
Estocolmo	14	22	Díli	22	33
Frankfurt	14	25	Hong Kong	26	29
Genebra	11	28	Jerusalém	20	32
Istambul	22	32	Los Angeles	19	34
Kiev	18	31	Luanda	20	25
Londres	16	20	Nova Deli	26	34
Madrid	22	36	Nova Iorque	17	24
Milão	21	32	Pequim	24	33
Moscovo	16	26	Praia	25	30
Oslo	14	16	Rio de Janeiro	20	32
Paris	16	26	Riga	12	20
Praga	12	24	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL











O sorriso de Kamala e a importância do humor na política

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares


CAROLINE BREHMAN/EPA

Para quem chegou à idade adulta no início da década de 90, como eu, a direita tinha uma enorme vantagem sobre a esquerda: o seu sentido de humor era muito mais apurado. Não porque Cavaco Silva fosse um primeiro-ministro divertido – não era –, mas porque *O Independente* de Miguel Esteves Cardoso e Paulo Portas estava no seu auge, e tinha trazido para Portugal o *wit* inglês – a maior dádiva britânica ao mundo, máquina a vapor incluída – e uma irreverência política e cultural que não tinha qualquer espécie de paralelo à esquerda. Para um jovem provocador como eu, era muito mais importante ter graça do que ter razão.

Passaram 30 anos, e acho que ter graça continua com frequência a ser mais importante do que ter razão. É o meu ponto fraco. Quando em 2017 o então primeiro-ministro António Costa se ofereceu para ficar com os meus filhos na sequência de um artigo em que eu protestava contra uma tolerância de ponto absurda (o Papa ia aterrar em Portugal), muita gente não percebeu porque é que alinhei naquilo. A resposta é muito simples: porque teve graça. Provoquei António Costa; António Costa respondeu com humor à provocação; e não me passaria pela cabeça estragar o final de uma boa piada. O facto de Costa ter sentido de humor é a razão pela qual continuei a nutrir simpatia pessoal por ele, apesar de lamentar profundamente a sua falta de razão, de ambição transformadora, e de desperdício de oito anos como primeiro-ministro. As opiniões políticas afastam-nos. O sentido de humor aproxima-nos. E isso não é de somenos.



O humor é um dos lubrificantes fundamentais de uma democracia saudável

Aliás, não se trata apenas de uma questão pessoal. O humor é um dos lubrificantes fundamentais de uma democracia saudável, não só porque é uma forma muitíssimo eficaz de criticar e ridicularizar o poder, mas também porque é o canário na mina da salubridade democrática: quando o ambiente político começa a ficar pesado, o humor é o primeiro a dar sinal. O argumento que ouvimos habitualmente – "não se brinca com coisas sérias" - é sintomático do clima dominante há demasiado tempo. Discussões muito sérias, por vezes apocalípticas (veja-se a questão ambiental), com certa esquerda a exigir autocríticas constantes e pedidos de perdão de séculos, e certa direita apavorada com a "grande substituição" ou até com a extinção da espécie humana, não por causa do aquecimento global, mas porque o mundo deixou de saber distinguir um homem de uma mulher.

Reparem: todos estes problemas são sérios e dignos de debate. Tenho participado em muitas dessas discussões. Mas no final do dia convém continuar a manter uma certa distância céptica em relação à gravidade das coisas e promover um recuo irónico face aos nossos problemas existenciais. Com boa probabilidade, não é o princípio nem o fim do mundo, e Hitler não invade a Polónia todos os meses.

A melhor notícia saída da Convenção Democrática nos EUA é esta: há muitas pessoas a sorrir e a fazer piadas. Kamala Harris não tem dito muita coisa sobre o seu programa, mas tem um sorriso aberto e gosta de dançar, duas actividades que nunca me passou pela cabeça serem politicamente decisivas – mas, neste momento, são. E são porque encostam a dupla Trump/Vance à parede dos homens perpetuamente zangados e ranzinzas. Já ninguém aguenta mais uma década de maus fígados, por maiores que sejam os problemas do mundo. Barack Obama subiu ao palco para fazer uma piada que envolvia o tamanho do pirilau de Donald Trump. A sério. E eu pensei: é assim que se ganham eleições.

Colunista

jmtavares@outlook.com



